

Semana

REVISTA DA

Nº 20 — 17 de Maio 58 — Cr\$ 10,00



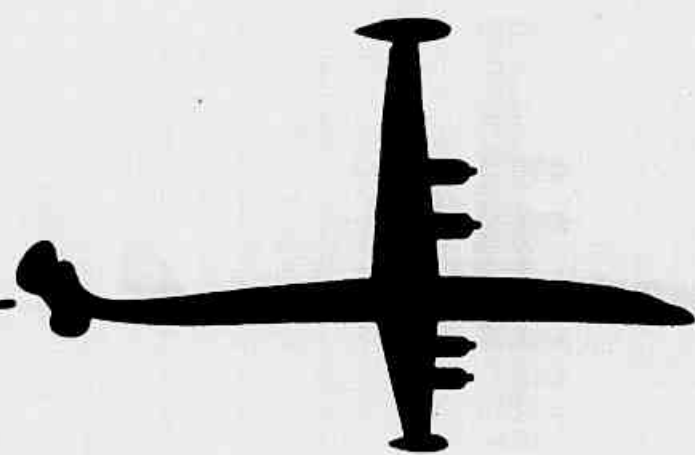
aguar na Feira do Livro



Diário de Bordo De Um Disco Voador

Carlos Prestes, Monge Trapista?

*Uma nova aeronave...
em nova rota...
com um novo serviço!*



SUPER CONSTELLATION INTERCONTINENTAL

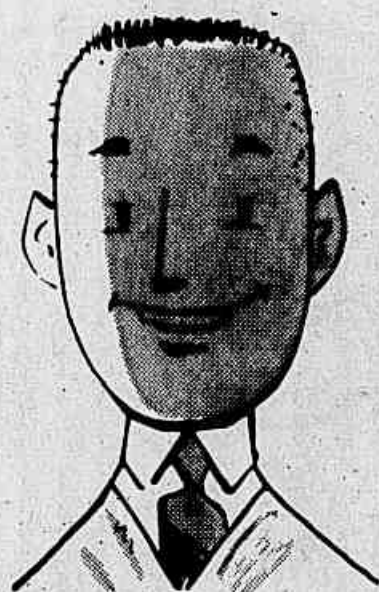
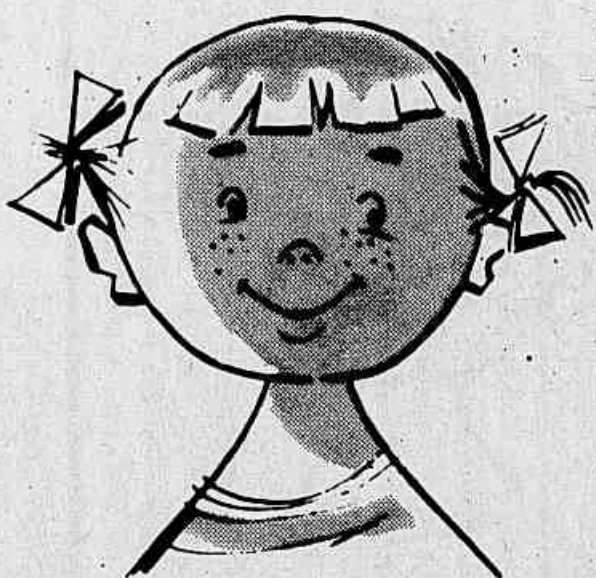
De Luxe

A passeio ou a negócios... indo a Nova York, prefira o Super Constellation Intercontinental de Luxo da Varig – a mais moderna aeronave para passageiros em vôo no Hemisfério.

Uma única escala em Port-of-Spain... e a tradicional cortesia



VARIG



O público que aprecia rádio e televisão



· não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**

Diretor — **ALUIZIO ALVES**Redator-Chefe — **LUIZ LOBO**Assistentes — **ORLANDO CARAMURÁ**
QUINTINO CARVALHO
Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira, V. M. Vasconcelos, Antônio Melo. ILUSTRADORES — Marius, Jaguar, Ambrósio, Raf, Babiniski, Brandão, Claudius, Paulo, Jesuino Ribeiro. ARQUIVISTA — J. Romeu Viana. EDITORES: — **Internacional** — Stefan Baciú. **Política** — Murilo Melo Filho. **Departamento Especializado** — Hélio Polito. **Cinema** — Ely Azeredo. **Rádio** — Ricardo Ramos. **TV** — Murilo Nery. **Literatura** — José Roberto Teixeira Leite. **Humor** — Luís de Azevedo. **No Espaço** — Cônego O' Grady. **Teatro** — J. Fomm. **Sociedade** — Lady Maxwell. **Policial**: José Machado — **REVISTA DA SEMANA** — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Enderêço Telegráfico: **REVISTA**. Telefones: Direção — 22-4447. Redação — 22-9570 — Publicidade — 22-2550. Portaria — 22-5602. Assinatura (anual) — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura para o Exterior — Cr\$ 900,00 — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea, com acréscimo do porte.

Assistente de Direção — **FREDERICO CARVALHO**
Assistente de Publicidade — **J. M. COSTA JÚNIOR**

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**Diretor-Comercial — **JOFFRE AMADO**Diretor-Secretário — **ALUIZIO ALVES****LEIA:****DEPARTAMENTO
ESPECIALIZADO**

8 — Léa Babst

TEATRO11 — Do casamento de Suassuna à valsa dos toureadores
54 — Magalhães Jr. reescreve Colette**INTERNACIONAL**

17 — Meganhas fizeram revolução em Bogotá

NOVELETA**POLICIAL**

21 — O crime do velho besouro — Alex Barber

GASTRONOMIA

24 — Três sobremesas vermelhas —

MEMÓRIAS

25 — Carlos Prestes, monje trapista? —

MODA

34 — Manequins de Jacques Heim

ESPECIAL44 — A feira do livro de 58 — Jaguar
55 — Está faltando pau-que-bóia no Nordeste**CONTO**

48 — Areia — Miguel Borges

ARTES**PLÁSTICAS**

51 — A arte sacra vai ter museu na Bahia

EXCLUSIVIDADE**MUNDIAL**

59 — Diário de bordo de um disco viador

SOCIAIS

64 — Lady Maxwell informa

CINEMA

28 — Danik não me toques só quer ser ingênua

FUTEBOL

31 — Já começou o «chôro»

MÚSICA

36 — Vem ao Brasil a Filarmônica de Nova Iorque

GENTE

40 — Eugênio Carlos, galã de exportação.

TEATRO

Delmiro Gonçalves é um dos melhores críticos de teatro de São Paulo. E é ele quem escreve teatro / São Paulo na página 11, apreciando quatro meses de espetáculos, do "Casamento Suspeitoso", de Suassuna, à "Valsa dos Toureadores", de Anouilh.

As ilustrações ficaram por conta de Morales J. Morales (pseudônimo de Diego Chiappero). Esse moço nasceu em Turim a 24 de novembro de 24 e é filho de um geômetra italiano e de uma senhora argentina. Foi aluno da Faculdade de Ciências Econômicas e Comerciais, foi "partisan" durante a guerra, fundador de um jornal humorístico que durou cinco meses, publicitário e modelista numa firma de aparelhos elétricos. Veio para o Brasil em 1954. Em 1956 o "Estado", de São Paulo, fez um concurso para escolher um chargista político. Tirou segundo lugar. Foi convidado para fazer charges teatrais. E ficou.

HUMOR

Jaguar foi à Feira do Livro de 1958 e deixou Brandão mais Ambrozio preocupados com a nossa Agência de Publicidade, fazendo anúncios que não existem para dois dos melhores produtos que o senhor pode encontrar na praça: sapatos BRAND e laranja LARANGINA.

DISCO VOADOR

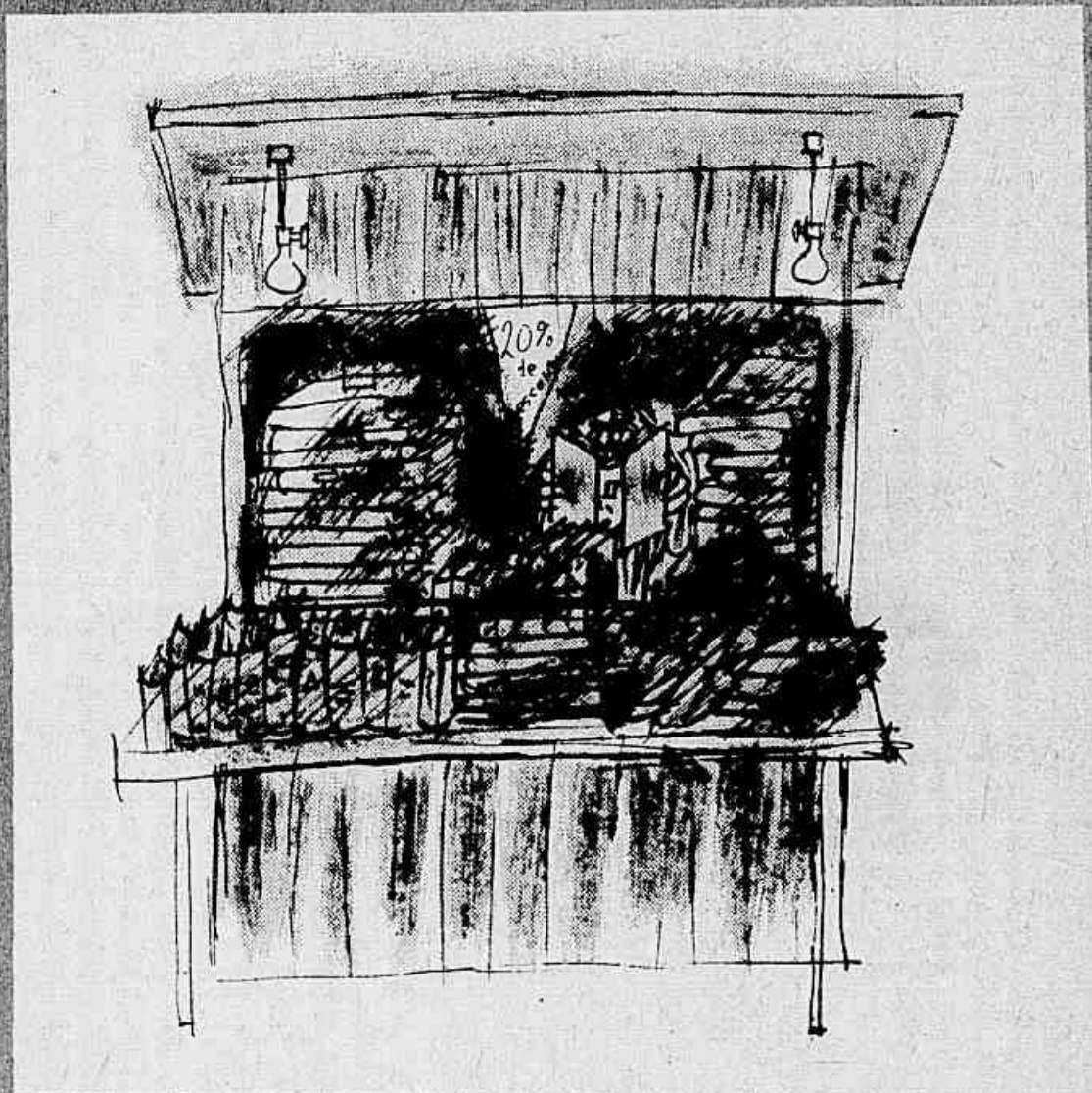
Ainda há quem não acredite em disco-voador. Pois o sr. Mário Jaci (Mário Figueredo Jaci Monteiro) está disposto a provar que eles existem, com a foto que fez de um disco e com a reprodução de algumas folhas do diário de bordo de um disco, que conseguiu furtar, depois de uma viagem que fez em volta da Terra, em 80 minutos.

CONTO

O Concurso Original do Conto revela neste número o moço Miguel Borges. Seu conto, "Areia", já estava classificado quando recebemos um segundo original, um conto policial-de-humor, uma das melhores coisas que já lemos nesse campo. Sai, agora, o "Areia", de gênero completamente diferente. "A Loura na Prateleira" (que ele não quer assinar como Miguel Borges) fica na prateleira mais uma semana.

MÚSICA

Ele costuma reservar quase que uma hora diária para tocar e ouvir "jazz". Mas sua cabeça funciona também (e muito) quando compõe ou rege música clássica. Leonard Bernstein, o mais jovem maestro do mundo, vem ao Brasil com a Filarmônica de Nova Iorque. Para concertos em Porto Alegre, São Paulo e Rio. E também para algumas "jam sessions" naturalmente organizadas por Jorge Guinle com o tenorista Cipó de "mestre de cerimônias".



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos



Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

EU SEI TUDO

ROMANCES

HISTÓRIA

POLÍTICA

CIÊNCIA ETC.

TODOS OS MESES
NOS JORNALEIROS

"Mil" lhe oferece:



TRAVA PEDAL
EMBREAGEM

CHAVE SECRETA-BATERIA

CADEADO Direção

Aparelhos
de
SEGURANÇA
Contra Roubo
Todos os carros

Só na
Mil

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

CARTAS

CONTRIBUIÇÃO

"... e se a RS gostar poderá publicar meu desenho..."
Sofia de Macedo Soares, DF

DÚVIDA

"Tenho minhas dúvidas: Lady Maxwell deve ser Ibrahim Sued ou Jacinto de Thor-
mes, não?"

Milton Fernandes, Maceió

RAPTO

"... e descobri a nova RS lendo a crônica de Eneida no "Diário de Notícias" sobre a reportagem "O Rapto", que a RS deu no número 14..."

Miriam Mendonça de
Carvalho, DF

"Muito me comoveu a reportagem sobre o rapto, da RS de 5 de abril de 1958".

Joaquina Mendes, S. Paulo

"A Polícia do Rio devia tomar vergonha. Exemplo: caso da menina pobre rap-
tada".

Olegário Silva, DF

PREVISÃO

"Reportagens, sobre conjecturas não são reportagens dignas para uma revista séria e honesta como a RS. Não gostei da matéria sobre "O Mundo no Ano 2000".

Miguel Helisário de
Menezes, DF

"... e quem é o autor da ótima reportagem sobre "O Mundo no Ano 2000"?

Ila Pires, DF

§ Estanislau Fischlowitz.

Editor

SÊCA

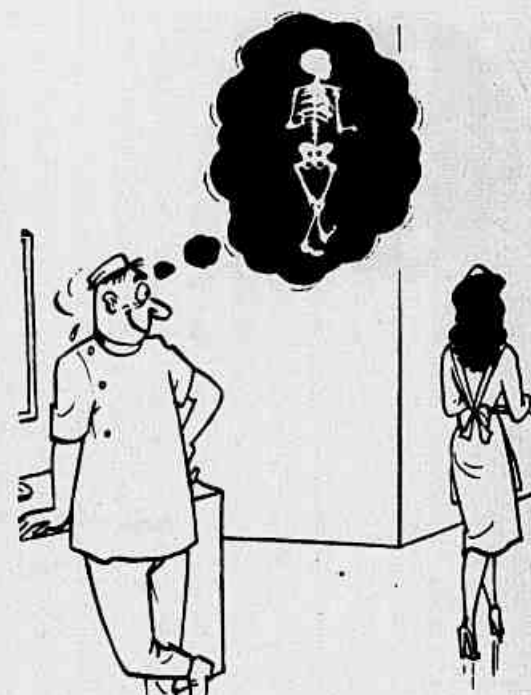
"Há vinte anos não se fazia mais subliteratura com a seca. Incrível o que a RS publicou sobre o assunto no número 14".

Mário de Araújo, Natal

REALISMO

"Prestes (RS, n. 14) não é realista, nem comunista, nem nada. O que ele quer é voto, colocar seus homens nos melhores postos, para mandar mais e aproveitar situações".

J.I., S. Paulo



FA

"E poderiam repetir a piada da RS de 5 de abril de 58?"
Maria dos Santos, DF

HUMOR

"Gostei mais do riso do Brandão, apesar dele dizer que não é humorista (RS 26/4/58). Marius é um pouco confuso. "O Homem que Sabia Português", de Fortuna, também me agradou. Jaguar é avançado: ainda não o entendo".

Dilson Bandeira, S. Paulo

"... e a capa foi, realmente, uma inovação na imprensa semanal!"

Wilson Silva Reis, DF

TITINA

"... e por falar em Titina, digo a vocês que gostei, muito, imensamente. É de fato uma Titinona a menina. Mas a julgar-se pelo seu restrito traje e pelas poses com que se faz apresentar, fico perguntando a mim mesmo o que seria menor na bela criatura: o seu biquíni ou a porçãozinha cerebral que esconde aquela linda cabecinha. Mas, afinal, ora bolas, para que serve o cérebro? O seu número telefônico funciona, realmente?"

Teddy, S. Paulo

§ Explicamos que a "porçãozinha cerebral" é muito grande, bem maior que as outras "porçõeszinhas". O número do telefone funciona por causa de que a Companhia Telefônica ainda não mudou.

Editor

PORTUGUÊS

"... sou lusitano e fico satisfeito quando vejo patricios brilhando em qualquer setor. Sou fã de Ambrozio e de suas piadas".

Manuel Ventura, S. Paulo

"... e quem é Mauro, que assinou o desenho na página de Borjalo?"

Maria Inês da Silva
Gomes, DF

§ É Borjalo: Mauro Borja
Lopes.

Editor

GAITA

"As verdades sobre o rádio e a televisão brasileiros foram ditas por Edu. Que falou sem "papas na língua" e valendo-se de sua força artística feita num passado e num presente invejáveis. Parabéns".

Heitor Mendonça, DF

"... fã de Edu, fiquei satisfeita com seus comentários sobre rádio e televisão publicados pela RS. Parabéns à revista e a Edu..."

Marina Carvalho Horst,
São Paulo

"... e Edu tem toda razão com os "Caubis" da TV e do rádio e da imprensa..."

Geraldo Reis, DF

FOTOMONTAGEM

"Tenho também algumas fotomontagens no estilo das de Paulo (RS, 26/4/58) que enviarei para a RS".

Hugo Nortter, Recife

TRISTEZA

"Fico triste quando leio notícias de amôres da princesa Margaret. Ela sofre muito por causa do protocolo".

Sílvia de Oliveira Soares, DF

CACHORRO

"Qual o nome do cachorro que está cheirando a pista das meninas do DE no Rio Grande do Norte?"

Marina Carvalhaes, Natal

§ É D.E. mesmo.

Editor

LADY MAXWELL

"... é Teresa Sousa Campos ou Lourdes Catão?"

Rita de Castro e Silva,
São Paulo

§ É Lady Maxwell.

Editor

FUTEBOL

"A RS deveria dar mais coberturas sobre futebol, esporte que interessa a todos os brasileiros. O turfe também poderia ser focalizado periodicamente pela RS, não acham?"

Reginaldo Neves, DF

§ Achamos.

Editor

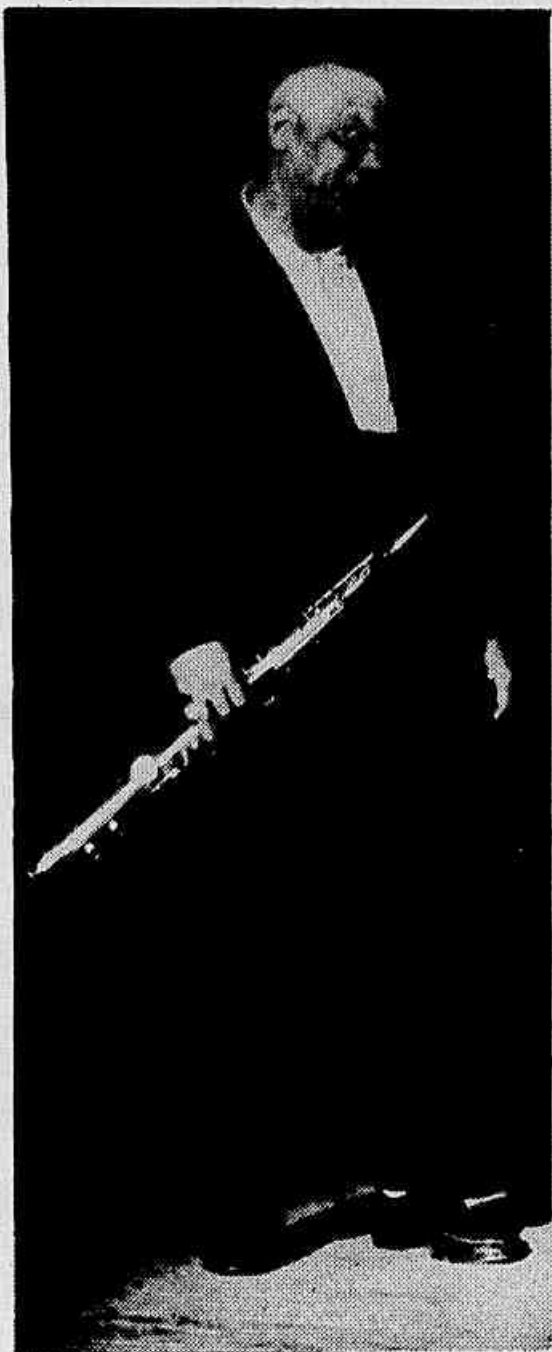
CINEMA

"Qual o próximo filme de James Dean?"

Milton Barbosa, Maceió

§ "Giant".

Editor de Cinema



SIDNEY

"Admiro profundamente este fabuloso homem de jazz: Sidney Bechet. Parabéns à RS por tê-lo apresentado tão bem".

Ronald Wox, DF

...e o Coelho encantado atendeu ao seu pedido



Mais do que as fadas e os "gênios", as mães entendem a linguagem das crianças. Sua tranquilidade pede o Talco Eucalol.

Mais fino e mais balsâmico, o Talco Eucalol evita as assaduras, brotoejas e irritações da pele do bebê... e também da mãe!

TALCO Eucalol
Produto de qualidade *myrta*

Léa de maiô para o D. E.

DEPARTAMENTO
ESPECIALIZADO



COMUNICADO 4/58.

A Direção do Departamento Especializado informa que:

1) 1.58, 56, 98, 63, 104 quer dizer as medidas de Léa Pabst na seguinte ordem: altura, pêso, busto, cintura, quadris. Os não sabe querem dizer coxa e tornozelo, que ela não sabe como são.

2) A partir desta semana não usaremos mais abreviaturas de cm, metros, etc. Só usaremos números.

3) Léa Pabst nunca tirou fotos de maiô. É furo do D.E. em todo o planeta.

4) Até a próxima, se Titina quiser.

BOA-VIAGEM, maio — 1.68, 56, 98, 63, 104, não sabe e não sabe quer dizer uma morena muito bonita que é sonhadora e não gosta de sapo chamada não Titina sim Léa Pabst.

O senhor chefe do Departamento Especializado, Hélio Polito, estava tomando água de côco numa barraquinha coberta de palha de coqueiro bem em frente ao Corta Jaca, que é lugar bem, e aí então viu a aproximação da morena Léa, que ele já conhecia das colunas sociais do Recife. Então ele estava com a máquina e daí pronto, Léa no D.E.



Léa sabe aperfeiçoar os homens

Léa é gaúcha por causa de que nasceu às 2 horas e cinco minutos da madrugada do dia dois de janeiro de trinta e cinco mesmo de verdade, era uma quarta-feira muito quente, muito quente. O local era avenida Independência, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Bem. Depois Léa estudou no Colégio Imaculada Conceição, no Rio e faz precisamente cinco anos Léa veio com os papais morar no Recife e vai daí entrou na sociedade e nas colunas dos cronistas sociais, está muito famosinha como garôta bonita por causa de que foi eleita Miss Elegante Bangu para representar Pernambuco no Rio.

Titi, quer dizer, Léa, é também muito conhecida em Recife por uma coisa: nunca tirou fotos de maiô. Foi, portanto, o D.E. o primeiro. E só por causa de que é D.E.

Léa acha que os homens são ciumentos é verdade, mas não são tão egoístas como se diz por aí. Mulher é mais ciumenta e homem dá muito de si. Acha mais o seguinte:

1. Se eu tivesse de criar um homem (como Deus) êle seria exatamente o que é por causa de que se não tivesse defeitos não daria oportunidade à mulher de aperfeiçoá-lo.



2. Pode-se aperfeiçoar o homem pelo amor. O homem pode aperfeiçoar a mulher pelo sentimento.

3. Já tentei aperfeiçoar um homem: consegui.

4. Sociedade é prejudicial a quem não tem caráter formado.

5. Atualmente a mulher é mal dirigida no sentido do lar.

6. Admiro mais: caráter, viagens, convívio em família.

7. Detesto mais: hipocrisia, impulsividade e sapo.

E as PERGUNTINHAS:

— Se não tivesse nascido na época em que nasceu gostaria de ter sido o quê?

— Qual a sua maior e melhor felicidade?

E as RESPOSTINHAS:

— Estou embaraçada, nunca pensei nisso. Mas uma coisa faria questão: ter os mesmos pais. Mais: ser o que sou, pois me sinto muito feliz assim.

— Ter encontrado uma pessoa que julgava muito distante. Sempre disse sobre essa pessoa: "com êle marquei um desencontro".

Outra coisa: sua maior tristeza foi perder a avó, que era alemã e com quem convivia muito. E a decepção maior foi nenhuma, porque decepção "é superficial, não deixa marca".

Além disso tudo Léa é gerente de passagens da agência do Lóide Aéreo do Recife.

E afinal é uma garôta Titina e portanto D.E.





"Casamento suspeito". Ao centro, Sérgio Cardoso.

DO CASAMENTO DE SUASSUNA À VALSA DOS TOUREADORES

O ANO TEATRAL começou em São Paulo com "O casamento suspeito", de Ariano Suassuna. Mas este ano, positivamente, é mais de divórcio e de separações, que de matrimônios. Que o digam os nossos autores mais cobiçados pelos empresários, devido ao êxito de bilheteria que obtiveram até então. É lógico que as separações, os desquites, digamos assim, ficam por conta da crítica, ou melhor, de alguns críticos que não querem aceitar o resultado dos "borderaux" dos empresários e pretendem agir sòzinhos, como franco-atiradores que são.

Mas deixemos esse assunto para mais adiante. Voltemos à peça de Suassuna que inaugurou a temporada de 58 no Teatro Bela Vista. A primeira peça daquele autor foi uma espécie de "azarão" no teatro nacional. Ninguém esperava a vitória e ela veio, pagando "poules" inesperadas. Mas o segundo páreo desiludiu bastante os amadores do novo carreirista. O Adil do teatro nacional já não prometia tanto

em sua segunda apresentação. As apostas que se iniciaram fortes, terminaram por fazer a ruína de alguns "boock-makers". Enfim, "O casamento suspeito" desiludiu a maioria da crítica. O autor repetiu, com muito menos felicidade, a receita que nos pareceu original em sua primeira peça. A direção e a interpretação não foram mais felizes. Resultado: o ano teatral paulista começou com um autor nacional que prometia muito e deu pouco. Resumindo: começou mal.

DEPOIS DO «CASAMENTO», «A MULHER DO PRÓXIMO»

Para que não nos acusem de inimigos do autor nacional, vejamos o que aconteceu com a primeira peça estrangeira do ano apresentada no Teatro de Arena, "A mulher do próximo".

Augusto Boal dirigiu uma peça norte-americana, prêmio Pulitzer - 1924, de Sidney Howard. E era mesmo "A mulher do próximo" como a viam os ianques nos "twenties". É lógico que o texto não nos interessou, nem a ninguém. E não interessaria nem mesmo aos interessados, no caso os imigrantes italianos e seus descendentes que começavam a se estabilizar nos "States" naquela época. Resultado: Além de uma direção insegura e de atores bisonhos, um texto sem qualquer interesse para qualquer platéia. Enfim... passemos adiante.

O «SOCIETY»

Dando aplicação à inexorável lei dos 2x1, é lógico que deveria surgir nova peça de autor nacional. E como não podia deixar de ser, teria mesmo que tratar de assunto correlato com a crônica social. Daí esse malfadado "Society

em baby doll", que Henrique Pongetti mandou para que o Teatro Moderno de Comédia se iniciasse. O comediógrafo ficou bastante agastado com a recepção que sua comédia de costumes (?) teve por parte da crítica e, em vista disso, ganhou mais alguns cruzeiros escrevendo um ou dois artigos xingando os profissionais que têm a obrigação de julgar o produto apresentado nos palcos nacionais.

Parece que a peça já era um pouco velhinha e se chamava anteriormente "Tragédia sem lágrimas". A verdade é que não era nem tragédia e se havia lágrimas eram as dos críticos que foram obrigados a engulir aquela imensa desfiada de baboseiras, sem poder sair correndo antes de terminado o espetáculo. Mas a bilheteria funcionou, para consolo de todos e, principalmente, do autor, daí o nosso respeitossíssimo acatamento à única frase que nos comoveu em todo o texto do venerando cronista. Nos comoveu tanto que desejamos deixá-la estampada aqui como um epitáfio, digno do seu autor: "O dinheiro dá um grande conforto físico aos infelizes".

UM POUCO DE ESPERANÇA

Mas os jovens são rebeldes e não se adaptam com tanta facilidade a essas fórmulas melancólicas. Daí o nosso prazer de registrar que no fim de janeiro alguns deles resolveram organizar o Pequeno Teatro de Comédia, que iniciaria mais tarde suas atividades com um dos poucos espetáculos sérios apresentados até agora em São Paulo: "O diário de Anne Frank". Afinal de contas, nem tudo parece estar perdido e, segundo nos parece, ainda é possível fazer algo, nesse imenso mar de pretensões, convencimentos, auto-suficiências e banalidades que parece estar invadindo o nosso teatro.

O PLANO DE ESTÍMULO

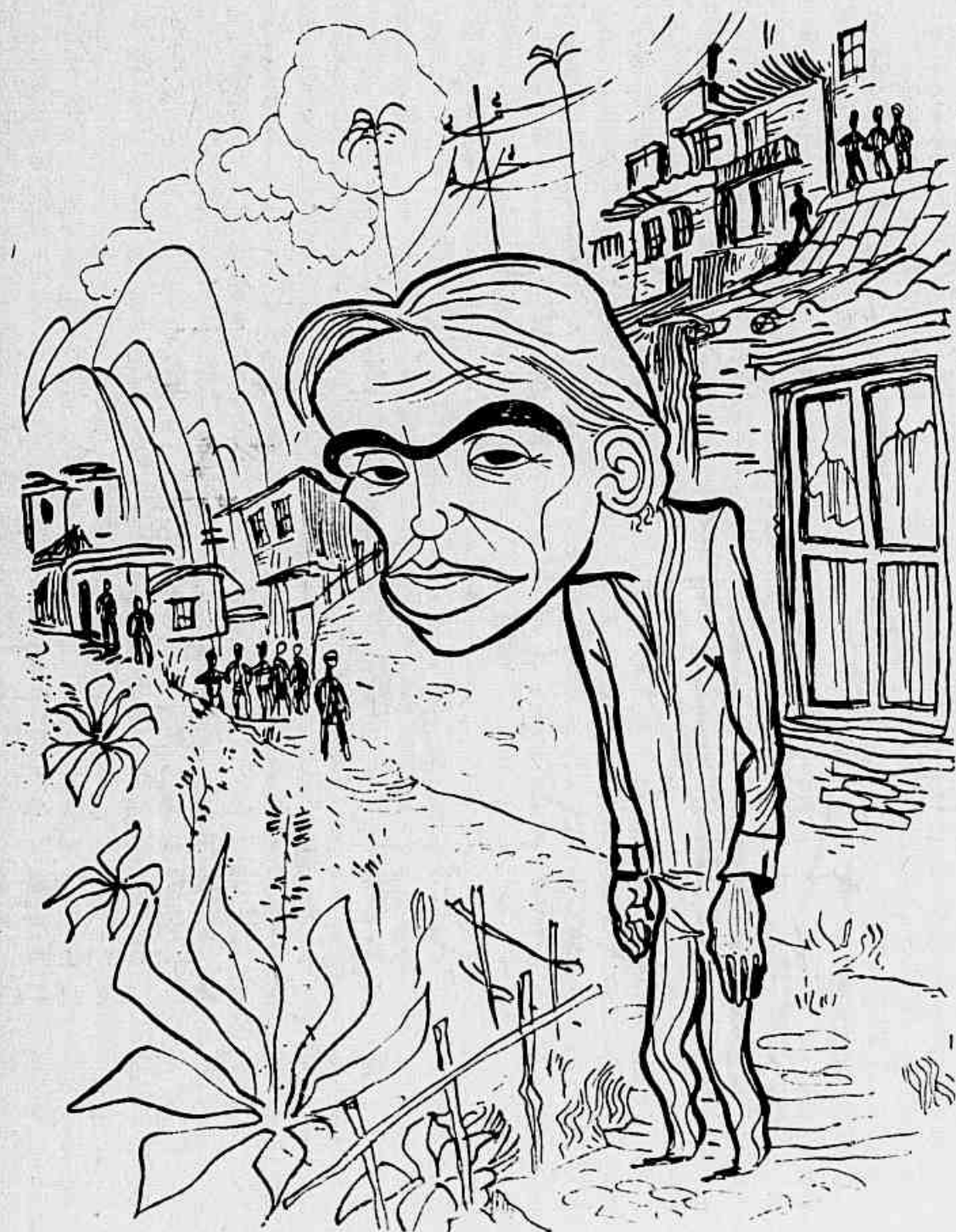
Apenas uma indicação, já que o assunto foi exaustivamente tratado nestes últimos meses por toda a imprensa: o governador do Estado resolveu, em boa hora, aconselhado por seus auxiliares mais diretos, destinar uma verba de 5 milhões de cruzeiros para incentivo do teatro em São Paulo. Mas não o fez arbitrariamente, e sim subordinando essa importância ao estudo organizado por uma Comissão, que procurou apresentar um programa cultural e prático capaz de transformar tal importância em algo verdadeiramente ativo, dentro das possibilidades que a situação oferecia e da relatividade dos dinheiros a serem gastos.

ESFORÇOS ISOLADOS

O Pequeno Teatro Popular apresentou em fevereiro uma peça de Molière: "Médico à força". Não se tratou de um espetáculo cujos valores cênicos e interpretativos merecessem registro especial. Mas algo deve ser computado em favor desse grupo de jovens dirigidos por Emilio Fontana. Não querem nem fazer teatro para distrair uma burguesia bem jantada e enfastiada. Dirigem-se, quase exclusivamente, a um público virgem e conseguem resultados extraordinários. Enviando convites a fábricas, entidades proletárias, associações, conseguiram mostrar o espetáculo, em cerca de 20 dias, a mais de 10 mil pessoas, quase todas oriundas de núcleos da população que jamais haviam tomado contacto com teatro, quanto mais com Molière. Isso, apesar de todas as falhas que possam ser apontadas no espetáculo, merece o respeito de todos os que acreditam, ainda, ser o teatro mais dirigido ao povo do que à burguesia bem alimentada que só quer mesmo é ver pequenas intrigas bulevardianas entre um bom jantar e um "show" na buate da moda.

ALGUMA COISA SÉRIA

Felizmente fevereiro acabou bem. O Teatro de Arena apresentou a peça de Gianfrancesco Guarnieri "Eles não



"Eles não usam black-tie", de Gianfrancesco Guarnieri



"Society em baby-doll", com Milton Moraes, Odete Lara, Araçari de Oliveira.



"A mui curiosa história da virtuosa matrona de Éfeso". No primeiro plano, Fernanda Montenegro e Leo Vilar.



"Vinde ensaboar vossos pecados", com Dercy Gonçalves.

usam black tie", na direção de José Renato. A crítica aplaudiu quase sem reservas, o público aplaudiu sem restrições e até hoje a casa continua lotada.

Mas, muito mais importante que isso, foi o aparecimento de um autor novo, de talento, que parece não ter a intenção de se curvar às exigências da bilheteria. Isso, naturalmente, está deixando furiosos os donos dessa pequena caixa que fica colocada na entrada dos teatros e que para muitos autores é o deus supremo que decide, em última instância, do valor de suas pobres obrinhas que pretendem ser de arte. A verdade é que a peça de Gianfrancesco Guarnieri possui mais força, mais vida e mais autenticidade que todas as pretensiosas produções dos nossos mais consagrados autores. Consagrados pela bilheteria, é lógico. Os outros merecem o nosso respeito irrestrito e quando trabalhos como "Eles não usam black tie" conseguem a consagração dupla da crítica e do "bordereaux", tal fato nos faz exultar pois compreendemos que, algumas vezes, o público sabe escolher o que é melhor, sem se deixar iludir.

O CREPÚSCULO DOS DEUSES

E por falar em bilheteria, nada melhor que o exemplo da quilométrica e "Muito curiosa história da virtuosa matrona de Éfeso", que em má hora baixou como um anjo agourento no palco do Teatro Brasileiro de Comédia, no começo do mês de março. "Cuidado com os idos de Março", como diz o augure a Júlio César, na tragédia Shakespereana. Cuidado sim, pois os deuses não foram propícios e a bilheteria ficou às mósas. Resultado: o vitorioso autor da "Rapôsa e as uvas", vendo que no caso elas estavam verdes, resolveu investir contra os detratores de sua genialidade e tudo acabou numa grande e melancólica piada sem maiores conseqüências, pois os deuses invocados pelo nosso inefável dramaturgo são de paz mesmo. O que resultou do enorme fracasso da "matrona" foram apenas algumas críticas justamente desaforadas e a emulação de um congênere do dramaturgo que, em sinal de revanche, resolveu dar três entrevistas, a fim de não ficar na "rabeira" no páreo da publicidade em que o caso ameaçava se transformar. Mas a "matrona" morreu mesmo melancolicamente, à míngua de espectadores, depois de umas duas ou três semanas, frente às cadeiras desconsoladamente vazias do Teatro Brasileiro de Comédia.

«BOULEVARD» PARA DISTRAIR

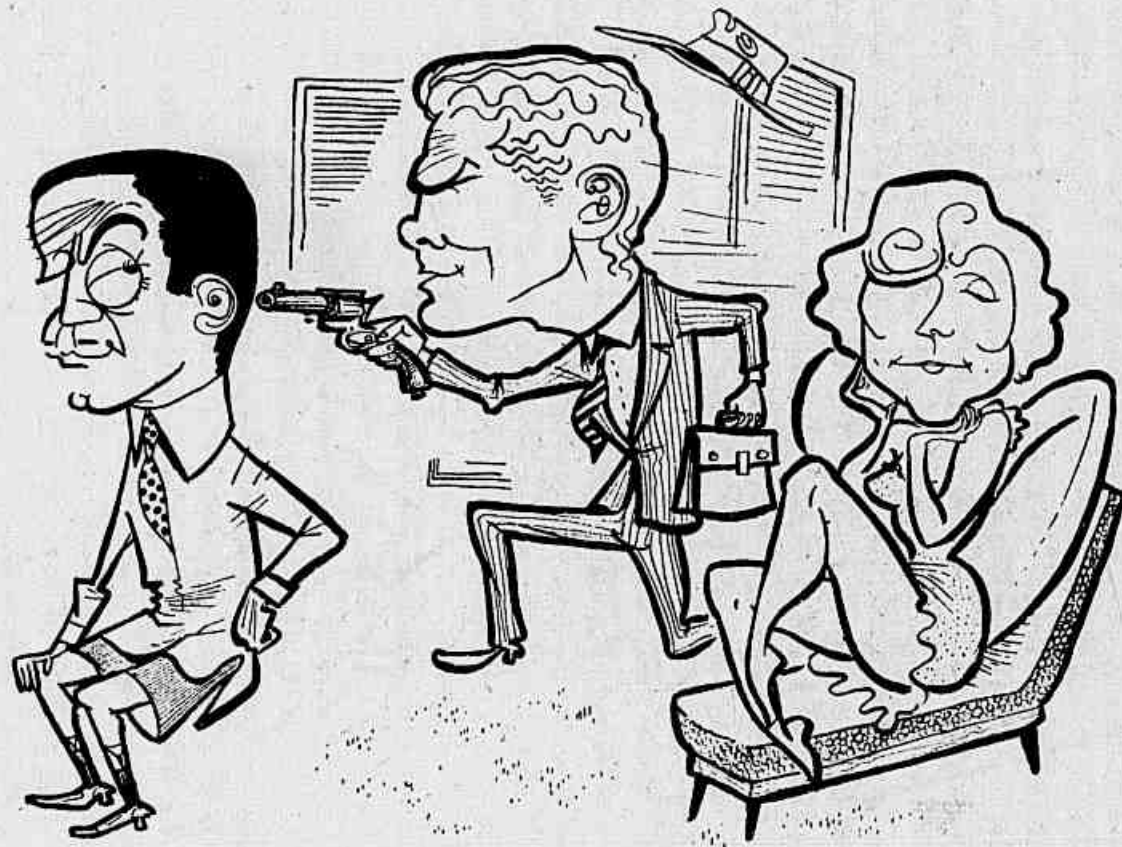
Com menos alarde, mas com mais felicidade no que diz respeito à bilheteria, "Uma cama para três", de Claude Magnier, com todas as suas "sacanagens" naturais do estilo, conseguiu resistir por uns dois meses no palco do Teatro Bela Vista. Afinal os franceses são discretos quando lançam suas excreçõeszinhas. Com menos barulho, tudo acaba até por ser aceito. Foi o que aconteceu com a ínfima peçazinha do sr. Magnier. Ninguém tomou muito a sério a coisa e ela conseguiu pingar alguns cobres, tanto para o teatro como para o seu autor. Antes assim. Todos ficaram em paz e não se fala mais nisso.

PRÊMIOS

Rapidamente merece registro aqui a entrega dos prêmios da Associação Paulista de Críticos Teatrais e Governador do Estado, no qual o Executivo dispendeu uma verba de 500 mil cruzeiros para agradecer os melhores do teatro paulista no que se refere a 1956. A 9 de julho será novamente outorgado o prêmio, referente a 57, pois a premiação, por injunções econômicas, estava suspensa.

«O DIÁRIO DE ANNE FRANK»

Foi mesmo uma coisa séria a apresentação do Pequeno Teatro de Comédia. Um grupo de jovens resolveu lançar uma atriz quase desconhecida da platéia paulista, um encenador novo, e um texto de grande responsabilidade. A tentativa foi coroada de êxito e o espetáculo apresentado no Teatro Maria Della Costa resultou em algo que merece todo o apoio dos que se interessam pela elevação e seriedade do teatro em São Paulo. O público também sentiu isso e



"Uma cama para três". Sérgio Cardoso, Carlos Lara e Vera Nunes.



"Diário de Anne Frank". Dália Palma, Filipe Caroni, Dina Lisboa, Maria Dilna.

continua lotando a casa. Assim, mais uma vez, está provado que a crítica não anda tão divorciada do gosto geral, como se comprazem em afirmar alguns autores desgostados com as pauladas que têm recebido.

NELSON RODRIGUES MAL ENSABOADO

Aconteceu depois um equívoco no Teatro Cultura Artística, com a peça de Nelson Rodrigues "Vinde ensaboar vossos pecados", que, em má hora, Dercy Gonçalves teve



"Vestir os nus": Sérgio Brito e Fernanda Montenegro.

a idéia de apresentar sob a direção de Leo Jusi. A pobre "Dorotéia", que já havia sido tão maltratada por Ziembinski — segundo afirmam os que viram a versão da peça apresentada no Rio — recebeu aqui o seu golpe final e morreu de má morte, com jarro, botinas e tudo. Que a terra lhe seja leve. Passemos adiante, pois já carpimos dolorosamente a falecida durante mais de duas horas que foi o longo velório da noite de estréia da peça.

PIRANDELLO EM VERSÃO SUL-AMERICANA

Veio depois "Vestir os nus", de Pirandello, apresentada pelo TBC, na direção de Alberto D'Aversa. Coitada da Ersila Drei. "Sola, fanê, descangallada", como diz o tango, se contorceu durante um tempo imenso para nos convencer que desejava a morte porque não aceitava ser apenas um vestido no cabide. Salvou-se, entretanto, a grande interpretação de Fernanda Montenegro e o cenário de Mauro Francini.

TERMINEMOS COM UMA VALSA

Começamos com o "Casamento", gostaríamos de terminar com uma marcha. Mas em se tratando de Anouilh isso não é possível, apesar do General Saint-Pé afirmar a certa altura da "Valsa dos Toureadores" que "a vida deve ser levada como uma marcha de cavalaria". A verdade é que tudo foi tão melancólico no espetáculo apresentado pelo Teatro Moderno de Comédia no Cultura Artística, que só nos resta terminar estas considerações sobre a quase malograda temporada teatral paulista nestes quatro meses com a seguinte observação: de tourada a que assistimos não sabemos o que foi pior: se a peça, os atores ou a direção. Enfim, em se tratando de Anouilh e quejandos, nada melhor para encerrar do que uma citação aprovada até pela Academia Brasileira de Letras: "Sic transit gloria mundi".

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



PURIFICA O SANGUE
DE SEU FILHO

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e droguarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON»
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

Loção
XAMBU

DA BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO



APRENDA A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHÔRO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo, Cr\$ 120,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

Gynegon



Instituto Biológico do Rio de Janeiro —
Caixa Postal, 1.202



A revolução durou apenas oito horas; o ex-ditador Rojas Pinilla (ao centro) não teve tempo de voltar.

MEGANHAS FIZERAM REVOLUÇÃO EM BOGOTÁ

UM CORONEL
SE REBELOU
DE MADRUGADA

TÔDA BOGOTÁ DORMIA calmamente na madrugada do dia 2 de maio quando, de repente, no centro da capital colombiana começaram a ser notados movimentos suspeitos. A polícia, que devia tomar conhecimento dos fatos, não o fez, pois quem estava se movimentando era a própria polícia!

Pequenos grupos de homens armados até os dentes, de granadas de mãos nos bolsos, saíam apressadamente do quartel do Primeiro Batalhão da Polícia Militar, sob o comando de vários capitães, tenentes, subtenentes e sargentos, enquanto, barricado dentro do quartel, o comandante do batalhão, coronel Hernando Forrero Gomez, seguia atentamente todos os movimentos dos seus homens, cercado por alguns tenentes-coronéis e majores, que formavam um precário estado-maior.

Os grupos que haviam saído do quartel realizaram, entre as 3 da madrugada e as 5 da manhã, uma série de operações-

relâmpago, e conseguiram, além de ocupar tôdas as estações de rádio e o edifício central dos Correios e Telégrafos, prender quatro dos cinco membros da Junta Militar de Governo, entre estes o próprio chefe da Junta, general Gabriel Paris, que, como os outros três generais, foi obrigado a deixar sua casa após violento tiroteio travado entre os rebeldes e os membros da guarda, de chinelos e pijama.

As cinco da manhã, Bogotá estava praticamente nas mãos do Primeiro Batalhão da Polícia Militar. O coronel Forrero Gomez controlava a situação, aguardando apenas que outras unidades militares aderissem a seu movimento, cujo alvo principal era impedir a realização das eleições que deviam começar 48 horas mais tarde, e facilitar a volta ao país do ex-ditador Gustavo Rojas Pinilla. Este, por um mero acaso, havia abandonado sua residência nas Canárias, encontrando-se a 200 milhas da costa colombiana, numa mansão nas Bermudas, acompanhado por seu filho, que também lhe serve de secretário.

As 6 da manhã, Bogotá estava em estado de relativa calma: a não ser alguns focos de violência, na zona onde moravam os membros detidos da Junta, o resto da capital acordava tranqüilamente, pois nada sabia do que estava acontecendo.

Meia hora depois, as emissoras ocupadas pelos policiais começaram a transmitir comunicados anunciando a revolução, e lançando insistentes apelos para que outras unidades aderissem sem tardar ao movimento da Polícia Militar. Em seu gabinete, Forrero Gomez aguardava, cada vez mais impaciente, novas comunicações, pronto a instalar sua junta no Palácio do Governo. Mas os minutos passavam sem novidades.

ALMIRANTE COMANDA TROPA

Quando a situação parecia completamente dominada na capital, e os insurretos aguardavam boas notícias da província, os homens do QG da Polícia Militar receberam uma nova um tanto inesperada: fortes contingentes do Exército haviam abandonado às pressas seus quartéis, e sob o comando do vice-almirante Ruben Piedrahita — o único membro da Junta que conseguiu não ser aprisionado pelos rebeldes — estavam marchando sobre o Palácio do Governo, guarnecido pelos policiais.

Após violento tiroteio, os homens do almirante invadiram o Palácio, dando voz de prisão a todos os rebeldes ali en-

contrados, marchando em seguida sobre o quartel do Primeiro Batalhão, onde o coronel Forrero Gomez se barricara com seus homens, decidido a resistir até o último cartucho.

Quando, porém, os legalistas ameaçaram bombardear o quartel com os 40 aviões que se encontravam no aeroporto militar de Bogotá, prestes para levantar vôo, o chefe dos rebeldes mudou de idéia, começando a negociar, e, num instante em que a vigilância do Exército diminuiu, conseguiu furar o cerco das tropas, asilando-se na embaixada da República do El Salvador, enquanto alguns dos seus subordinados conseguiam alcançar as representações do Peru e do Paraguai. O resto dos oficiais e a tropa renderam-se às 11 da manhã.

A revolução havia durado exatamente oito horas, e a paz reinava novamente em Bogotá, já que nenhuma unidade havia aderido aos rebeldes.

Em menos de uma hora, os quatro membros da Junta Militar, encabeçados pelo general Paris, conseguiram voltar para suas casas, e, após ter trocado os pijamas por vistosos uniformes, apresentaram-se ao Palácio, onde foram recebidos pelo almirante Piedrahita, os membros do governo, e o candidato à presidência (hoje presidente eleito), Alberto Lleras Camargo, que, como Piedrahita também, conseguiu fugir ao cerco dos policiais, escondendo-se e redigindo duas proclamações gravadas e, mais tarde, divulgadas pelas emissoras de todo o país, em que pedia que o povo proclamasse a greve geral, caso os rebeldes vencessem e o ex-ditador voltasse ao país.

Paz em Bogotá, paz na Colômbia, a Junta decidiu realizar mesmo as eleições, e, desta maneira, num movimento cívico sem precedente na história, os três milhões de eleitores colombianos foram às urnas, 48 horas após uma rebelião fracassada, votando num ambiente de relativa calma: os 25 mortos da jornada eleitoral foram todos registrados no conflagrado Departamento de Tolima, onde liberais e conservadores-intransigentes se matam sem cessar, durante os últimos dez anos, e onde a política já se tem transformado em bandolerismo.

O GANHADOR

Liberais (Lleras Camargo) e Conservadores (Laureano Gomez) decidiram escolher um candidato de pacificação na pessoa do dirigente liberal, para tranqüilizar o país, e para facilitar o restabelecimento da democracia. Os conservadores-intransigentes, porém, não concordaram, e apresentaram seu próprio candidato: Jorge Leyva, advogado nascido em 1912, doutor em direito como quase todos os colombianos que entram na política, ex-conselheiro municipal de Bogotá, ex-deputado, ex-senador, ex-ministro da Economia, destacada figura do grupo liderado por Alzate Avendaño.

Leyva obteve apenas dez por cento da votação total, e, reconhecendo a lisura do pleito, concordou em que foi derrotado.

Com a subida ao poder de Lleras Camargo, a Colômbia poderá conhecer agora um período de calma e prosperidade, se os agentes do ex-ditador deposto e outros elementos irresponsáveis não continuarem a agitação. Praticamente, Lleras Camargo, que hoje está com pouco mais de 50 anos, foi tudo em sua terra e nas Américas: jornalista profissional e diretor de jornal, deputado, senador, reitor da Universidade, secretário-geral da OEA, ministro de Estado, e até presidente da República, em 1945-46.

Rojas Pinilla, o mais persistente dos ditadores derrubados durante os últimos anos, não possui o apoio popular do qual goza Perón. Assim mesmo, amparado por seus íntimos amigos e colaboradores, dos quais alguns ainda ocupam cargos de responsabilidade na Polícia (Forrero Gomez é apenas um exemplo isolado) e no Exército, e gozando da colaboração de Trujillo, ele tentará, novamente, derrubar o presidente constitucionalmente eleito, a fim de instaurar no país que volta à família democrática, a anarquia, o terror e o caos.

Para que isto não aconteça, Lleras Camargo precisa, além do apoio das massas populares, algo que é bem mais complicado: da irrestrita cooperação das Forças Armadas.



"... vá depressa, mulher, e não se esqueça — oh! perdão general Serov."

WAITE



Peronistas, no telhado, ameaçam o governo de Frondizi.

1. PERON VOLTARÁ

NA ARGENTINA o peronismo está-se reorganizando livremente e se as coisas continuarem assim teremos dentro de seis meses (ou mais cedo ainda) de enfrentar uma autêntica ameaça peronista. Por enquanto, Juan Guillermo Cook, o "herdeiro de Perón", está dirigindo a operação pois o ex-ditador, que ainda se encontra em Ciudad Trujillo, declarou que só regressará quando achar "oportuno". Até a mãe de Eva Perón voltou de seu exílio em Santiago do Chile e, brevemente, regressarão outras figuras, cuja presença em Buenos Aires facilitará bastante a recomposição das forças peronistas divididas pelas dissidências causadas por Leloir e Bramuglia.

Os radicais-intransigentes, nos primeiros instantes de euforia política, não estão se dando conta do grande perigo que ameaça não só o governo Frondizi (que, afinal, é apenas um governo), mas toda a nação argentina, que se verá novamente mergulhada na anarquia pelas mesmas forças que o regime revolucionário conseguiu paralisar.

2. ANARQUIA E CAOS NO HAITI

NO HAITI reina o caos. Turbas de desordeiros pagas e amparadas pelo próprio governo invadiram as redações dos jornais oposicionistas, espancaram e raptaram os redatores, quebraram as rotativas, desaparecendo, depois, nas sombras da noite, protegidas pelo exército que apóia o presidente Duvalier. Ao mesmo tempo, uma emissora clandestina, que parece funcionar na República Dominicana, anuncia que o Haiti será "libertado" por três capitães dentro em breve, todos partidários do ex-ditador Paul Magloire, que já sente a possibilidade de seu próximo regresso, como um novo De Gaulle. Um dos mais pitorescos pormenores de toda a história é o fato de que as duas partes lançam uma à outra a mesma acusação: o governo e rebeldes afirmam que todos trabalham inspirados por Moscou.

3. OS COMUNISTAS E CHIPRE

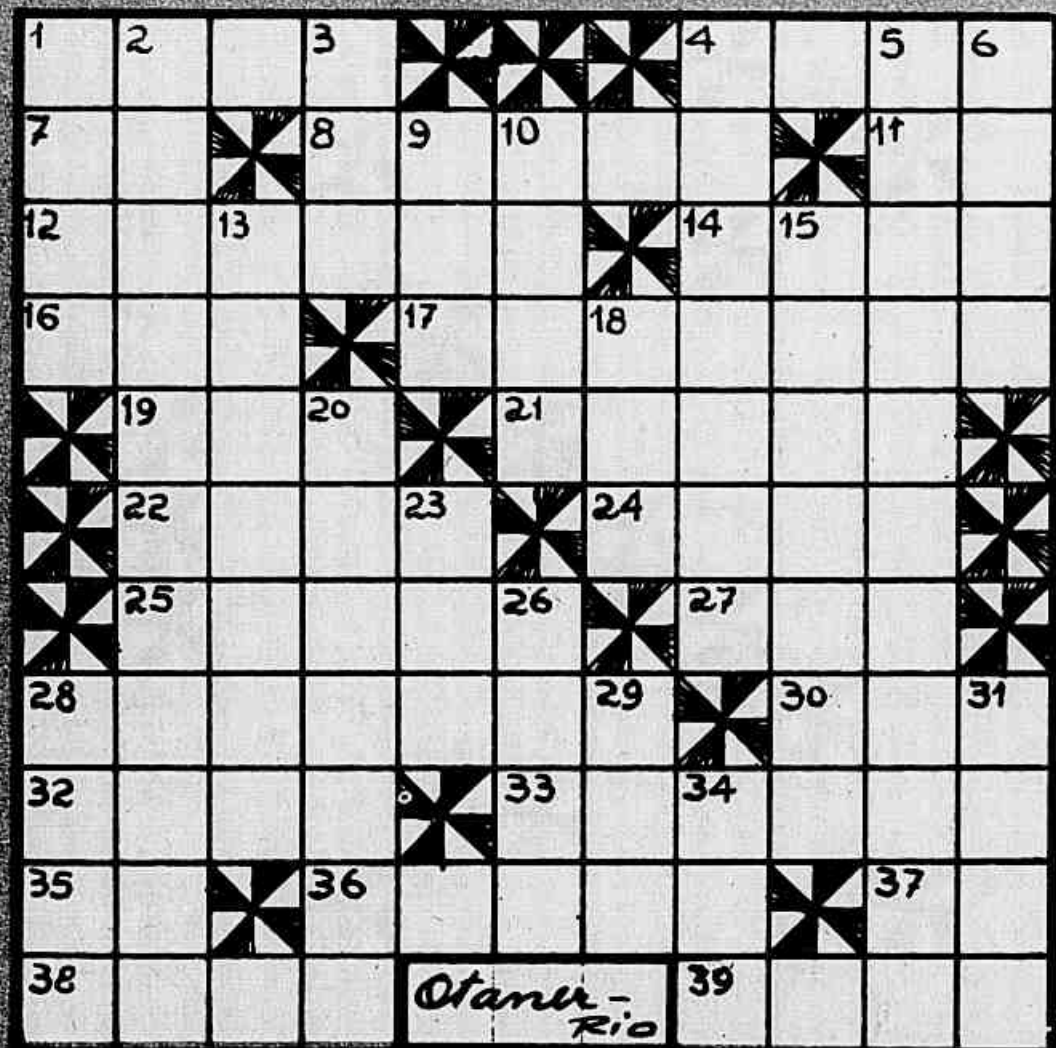
FATO que não deixa de ter uma significação especial é o "Livro Negro" publicado em Nicósia pelo líder da EOKA (Movimento Patriótico de Chipre), coronel Dighenis. Baseado numa série de documentos, afirma o chefe das guerrilhas (que tanta dor de cabeça deu às tropas de Sua Majestade Britânica) que os comunistas gregos agiram por ordem direta de Moscou contra os interesses de Chipre, chegando a colaborar com os serviços de inteligência dos ingleses. Dighenis, que faz estas afirmações na véspera das eleições parlamentares, tentou esclarecer os verdadeiros fins da propaganda russa, tão empenhada antes e depois da Cortina-de-Ferro em "auxiliar" a luta dos patriotas da EOKA. Por trás dos bastidores, porém, a realidade é diferente da que tentam apresentar os porta-vozes soviéticos.

4. POUCO ÊXITO NA REUNIÃO DA OTAN

A REUNIÃO da OTAN, realizada em Copenhague, não conseguiu imprimir novos rumos à política ocidental frente à campanha "pacifista" encenada pelo Kremlin. John Foster Dulles e Paul-Henri Spaak, os dois "pilotos" em que se apóia atualmente a linha ideológica e diplomática da defesa do ocidente não pareceram inspirados durante os debates e seus assessores não conseguiram ultrapassar os mestres. Enquanto isto, Nikita Krushev compara Eisenhower com Hitler, dizendo que entre os dois já existe uma diferença: o nome. O estilo do novo "premier" russo não deixa de ser um tanto hitlerista mas tudo isto não resolve as relações entre o Leste e o Oeste.

5. BATISTA ACUSADO DE GENOCÍDIO

PORTA-VOZ dos revolucionários cubanos declarou em Miami que — até agora — Fulgêncio Batista assassinou 3 mil intelectuais e estudantes cubanos. Não se trata, naturalmente, de afirmações baseadas em estatísticas pois na atual fase da revolução cubana essas estatísticas não podem ser satisfatoriamente realizadas. Não resta porém a menor dúvida de que Batista é culpado de genocídio e que, até agora, apesar das denúncias publicamente formuladas, nenhum órgão internacional tomou as necessárias medidas para proceder a uma investigação.



PROBLEMA Nº 12 — PARA VETERANOS

HORIZONTALS: — 1. Mortônio — 4. A palavra que significa o ato de dar — 7. Desejada para o casamento — 8. Animal doméstico — 11. Balão designado de guerra — 12. Mito da antiguidade — 14. Comunidade — 15. Amantado — 17. Sarcófago — 18. Sarcófago — 21. Tenta — 22. Arte da variação — 24. Balão — 25. Pato — 27. Filho de Noé — 28. Célula muscular — 29. Pessoa de uma cor — 31. Pedaço de tecido — 32. Ave da família dos Dendrocyptidae — 33. Ave da família dos Dendrocyptidae — 34. Ave da família dos Dendrocyptidae — 35. Ave da família dos Dendrocyptidae — 36. Ave da família dos Dendrocyptidae — 37. Ave da família dos Dendrocyptidae — 38. Ave da família dos Dendrocyptidae — 39. Ave da família dos Dendrocyptidae.

VERTICAIS: — 1. Ostracismo — 2. Sarcófago — 3. Sarcófago — 4. Sarcófago — 5. Sarcófago — 6. Sarcófago — 7. Sarcófago — 8. Sarcófago — 9. Sarcófago — 10. Sarcófago — 11. Sarcófago — 12. Sarcófago — 13. Sarcófago — 14. Sarcófago — 15. Sarcófago — 16. Sarcófago — 17. Sarcófago — 18. Sarcófago — 19. Sarcófago — 20. Sarcófago — 21. Sarcófago — 22. Sarcófago — 23. Sarcófago — 24. Sarcófago — 25. Sarcófago — 26. Sarcófago — 27. Sarcófago — 28. Sarcófago — 29. Sarcófago — 30. Sarcófago — 31. Sarcófago — 32. Sarcófago — 33. Sarcófago — 34. Sarcófago — 35. Sarcófago — 36. Sarcófago — 37. Sarcófago — 38. Sarcófago — 39. Sarcófago.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 11

PARA VETERANOS

HORIZONTALS: — 1. Gato — 4. Gato — 7. Gato — 10. Gato — 13. Gato — 16. Gato — 19. Gato — 22. Gato — 25. Gato — 28. Gato — 31. Gato — 34. Gato — 37. Gato — 40. Gato.

VERTICAIS: — 1. Gato — 2. Gato — 3. Gato — 4. Gato — 5. Gato — 6. Gato — 7. Gato — 8. Gato — 9. Gato — 10. Gato — 11. Gato — 12. Gato — 13. Gato — 14. Gato — 15. Gato — 16. Gato — 17. Gato — 18. Gato — 19. Gato — 20. Gato — 21. Gato — 22. Gato — 23. Gato — 24. Gato — 25. Gato — 26. Gato — 27. Gato — 28. Gato — 29. Gato — 30. Gato — 31. Gato — 32. Gato — 33. Gato — 34. Gato — 35. Gato — 36. Gato — 37. Gato — 38. Gato — 39. Gato.

PARA NOVATOS

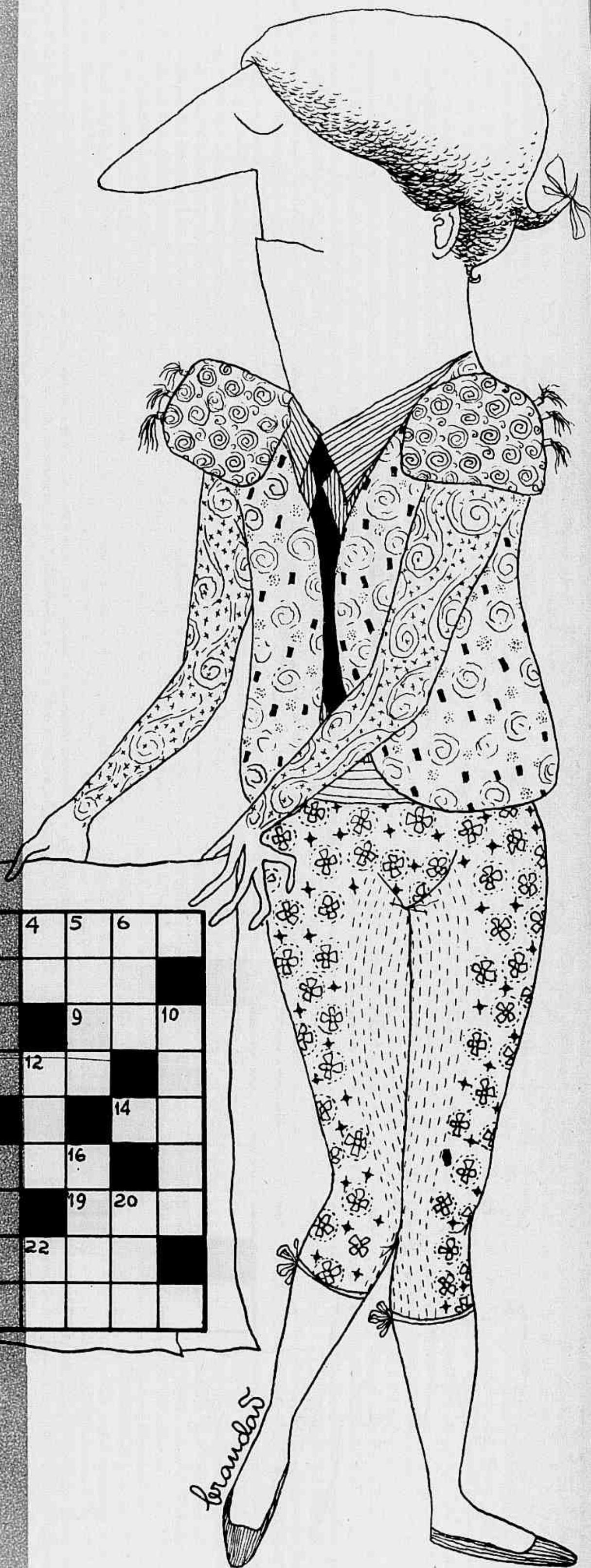
HORIZONTALS: — 1. Gato — 4. Gato — 7. Gato — 10. Gato — 13. Gato — 16. Gato — 19. Gato — 22. Gato — 25. Gato — 28. Gato — 31. Gato — 34. Gato — 37. Gato — 40. Gato.

VERTICAIS: — 1. Gato — 2. Gato — 3. Gato — 4. Gato — 5. Gato — 6. Gato — 7. Gato — 8. Gato — 9. Gato — 10. Gato — 11. Gato — 12. Gato — 13. Gato — 14. Gato — 15. Gato — 16. Gato — 17. Gato — 18. Gato — 19. Gato — 20. Gato — 21. Gato — 22. Gato — 23. Gato — 24. Gato — 25. Gato — 26. Gato — 27. Gato — 28. Gato — 29. Gato — 30. Gato — 31. Gato — 32. Gato — 33. Gato — 34. Gato — 35. Gato — 36. Gato — 37. Gato — 38. Gato — 39. Gato.

PROBLEMA Nº 13 — PARA NOVATOS

HORIZONTALS: — 1. Vigia, sentinela — 7. Lavar, lavagem — 8. Filé — 9. Queer — 11. Sarc — 13. Artigo literário plural — 14. Al — 15. Estado, situação — 17. Lavar que ocorre em locais de trabalho — 18. Estado de rio — 21. Uma e outra, as duas — 22. Gostoso.

VERTICAIS: — 2. Semelhante — 3. Ligar — 4. Estudai — 5. Lavar — 6. Seguir — 8. Comida feita com ovos de tartaruga, farinha e açúcar — 10. Tolo, pateta — 12. Intimo — 15. Lodo — 16. Lavar — 18. Antigo navio de combate cuja proa era munida de um esporão de aço — 20. Nome de mulher — 22. Símbolo químico do bromo.



ALEX
BARBER

O crime do velho besouro

última
parte

RESUMO

Num momento de brincadeira alguém o chamara de Velho Besouro, e o apelido pegou. Ele parecia mesmo um velho inseto inofensivo, tão mediocrementemente apagado era nos seus hábitos e na sua vida de amanuense. Estava há anos na firma Pattinson Gable & Pattinson e batera todos os recordes de permanência. Ninguém conseguia ficar ali mais de seis meses. Ele estava há quarenta (ou cinquenta?) vezes seis meses.

Finson — um dos que não agüentou muito — disse uma vez a respeito do Velho Besouro: "Acho que lhe faltou

tutano para dar o fora quando era mais moço. Sujeito esquisito. Aposto que nunca fez mal a ninguém".

O Velho Besouro sorriu para dentro quando ouvia. E se alguém contasse ao jovem Finson toda a verdade?

Naquela noite, e durante muitas noites subsequentes, ele permaneceu acordado, revolvendo na memória seu crime secreto: matara Douglas Harrington com uma caneta, e ninguém suspeitara dele, até hoje.

Naquela noite, e em todas as outras, uma coisa o intrigava: por que? Por que matara o jovem e alegre Douglas Harrington com uma caneta?



— EU O MATEI. Com uma caneta. Há quantos anos atrás? Há muito tempo, aliás não importa quando. Bem. E depois? Em que é que eu estava pensando? Sim, com uma caneta, naturalmente. Mas não havia mais nada?

Tremia, e olhava para coisas invisíveis através das paredes batidas friamente pelo luar. De um certo modo seus pensamentos pareciam anular qualquer tentativa que fizesse para pô-los em ordem. Coisa divertida. A caneta. James Douglas Harrington. Anos e anos passados. Quase em outra vida. Finalmente sua inteligência perturbada conseguiu apanhar o eixo vital do problema.

Por quê? Isto é que é. Por que fui fazer aquilo — há tantos anos atrás? Camarada decente, o jovem Harrington. Trunquei-lhe a carreira, não foi? E nunca ninguém suspeitou. Exatamente com uma caneta. Curioso como as coisas acontecem neste mundo velho sem por-tira. Morto. Ele. Podia ter sucedido o contrário — eu morto e ele vivo, agora. De qualquer modo, é difícil compreender estas coisas. Eu o matei. Com uma caneta. Mas isto não era tudo. A caneta era o como. Mas e o porquê?

Aí é que estava o mistério. Onde o porquê, se a caneta respondia ao como? Que nem uma charada, não é? Sim, uma charada.

Agitava-se miseravelmente no leito, punha-se à beira da cama e permanecia longo tempo a fixar esgazeadamente um ponto abstrato do espaço. Vez por outra um risinho quebrava o silêncio. E outros risinhos se sucediam.

“Qual é o porquê? Isto está me ar-rasando. Por quê?”

Qual a razão? Esta dúvida me aniquila, me aniquila”.

Semanas passavam e o enigma do Velho Besouro não dava sinal de solução. Ele agora já tinha muita importância, intrometia-se cada vez no meu trabalho. De fato, o austero chefe da Pattinson, Gable & Pattinson teve oportunidade de mencionar o assunto ao submisso mr. Gable. A conduta do Velho Besouro estava chamando a atenção. Evidentemente “ele estava passando do ponto”.

Aposentadoria, serviços prestados, lealdade foram expressões que desempenharam um papel na palestra do velho Pattinson com o sóbrio mr. Gable.

O Velho Besouro nada sabia quanto a este lado da questão. Seu próprio mistério enchia-lhe o pequeno mundo mental. Compreendia que tinha assassinado Harrington, mas de algum modo isto tinha pouca importância. Já haviam decorrido anos. Que o caso descansasse. O que importava era o motivo. Precisava descobri-lo. Devia. Haveria uma resposta satisfatória para aquela questão incessante, se ele pelo menos pudesse tropeçar nela ou extraí-la daquele monte de fatos sem sentido que entulhavam sua memória.

Por que havia ele assassinado a James Douglas Harrington?

Por quê?

Era curioso como um ponto podia escapar de uma pessoa como se fôsse uma criatura escorraçada. Talvez a razão não se quisesse fazer conhecer. Esta nova idéia encheu-o de um repentino alarma. Se o porquê realmente não se mostrasse disposto a ser achado, o problema tornava-se dez vezes mais complicado.

“Algum dia saberei — murmurava o Velho Besouro. — Insistir, aí está a solução. Insistir. A caneta foi instrumento. Sim. Então deve ter havido uma causa. Não, não uma causa — esta foi a caneta. Razão. Qual foi? Se a caneta foi o como, qual foi o porquê? Responda-me. Não sabe? Absurdo. Absurdo, digo eu! Bem, então... manter-me atento até descobrir.

Deve descobri-lo algum dia. Deve.”

Então, no momento em que tirava as meias, certa noite, a brilhante idéia lhe ocorreu. O meio de encontrar aquele porquê. Com uma risada feliz começou a vestir as meias de novo, mas em tempo se lembrou que nada era possível fazer tão tarde da noite. Deveria esperar até o dia seguinte. Então iria saber. Foi uma idéia feliz, e o único espanto era que ele não a tivesse tido antes.

A polícia! Eles deveriam saber. Ou, se não soubessem, poderiam procurar. É a função dela. Eram pagos para isso, eram pagos para descobrir as coisas para o povo. Iria simplesmente até ela e a poria a par do problema. Teria de confessar, sem dúvida, mas isso não o preocupava. Não. O principal objetivo era descobrir o porquê. Claro.

A próxima manhã viu o Velho Besouro pondo em prática sua esplêndida idéia. Sabia onde poderia achar um policial, não muito longe do escritório. Em breve ele saberia tudo. Ao se ver diante do jovem guarda, atrapalhou-se e falou nervosamente. Passado o primeiro instante de surpresa, o polícia o compreendeu perfeitamente. Levou-o até à Delegacia, pondo-o diante de um sujeito calvo, de uniforme, sentado atrás de uma mesinha baixa. O Velho Besouro repetiu pacientemente o que já havia dito ao polícia.

— Quero confessar o assassinio de James Douglas Harrington. Matei-o com uma caneta, anos atrás.

— O quê? — O jovem guarda trocou uns olhares com o homem calvo, sentado à mesa. — Compreendo. Quer repetir quem era mesmo?

— James Douglas Harrington. Matei-o há muitos anos. Com uma caneta.

— Muito bem.

A voz do homem calvo era amável, compreensiva. Deu ordens, comprimiu a campainha com seu grosso polegar, tomou notas e fez perguntas. O Velho Besouro estava satisfeito por haver tomado aquela providência. Em breve teria solução para o mistério do inabalável porquê.

— Há quanto tempo fez isso? — perguntou o homem, depois de haver permanecido certo tempo em silêncio, aparentemente à espera do policial, que havia partido misteriosamente.

O Velho Besouro pensou bastante. — Há quarenta e três anos — respondeu passados uns instantes.

Não fez nenhuma tentativa para interromper o silêncio que se seguiu. Os minutos tiquetaqueavam. Finalmente uns passos se aproximaram.





Jerônimo Ribeiro.
58.

Era o jovem guarda que voltava.

— E então? — inquiriu em voz baixa o homem calvo, sentado à mesa.

— Acabo de ver mr. Pattinson, sir — cochichou o jovem, inclinando-se para falar ao ouvido do outro. — Disse-me que não ficou muito surpreso. Ele vem se comportando muito esquisitamente de uns tempos para cá. Pensavam até em aposentá-lo. Ele está na firma há quarenta e três anos.

O homem calvo se surpreendeu.

— Há quarenta e três anos, você disse?

— Isso mesmo, sir. Um perfeito caráter. Velho Besouro, é como o chamam. Alcançou um tempo de serviço "record". Um dos rapazes me contou que não podia conceber como é que ele suportou o ambiente todo este tempo. Era como enterrar-se com as próprias mãos, foi a observação dele.

O homem calvo desferiu um olhar rápido para o Velho Besouro, que se mantinha calmamente sentado em sua cadeira, agora inteiramente feliz, com um sorriso a entreabrir-lhe os lábios.

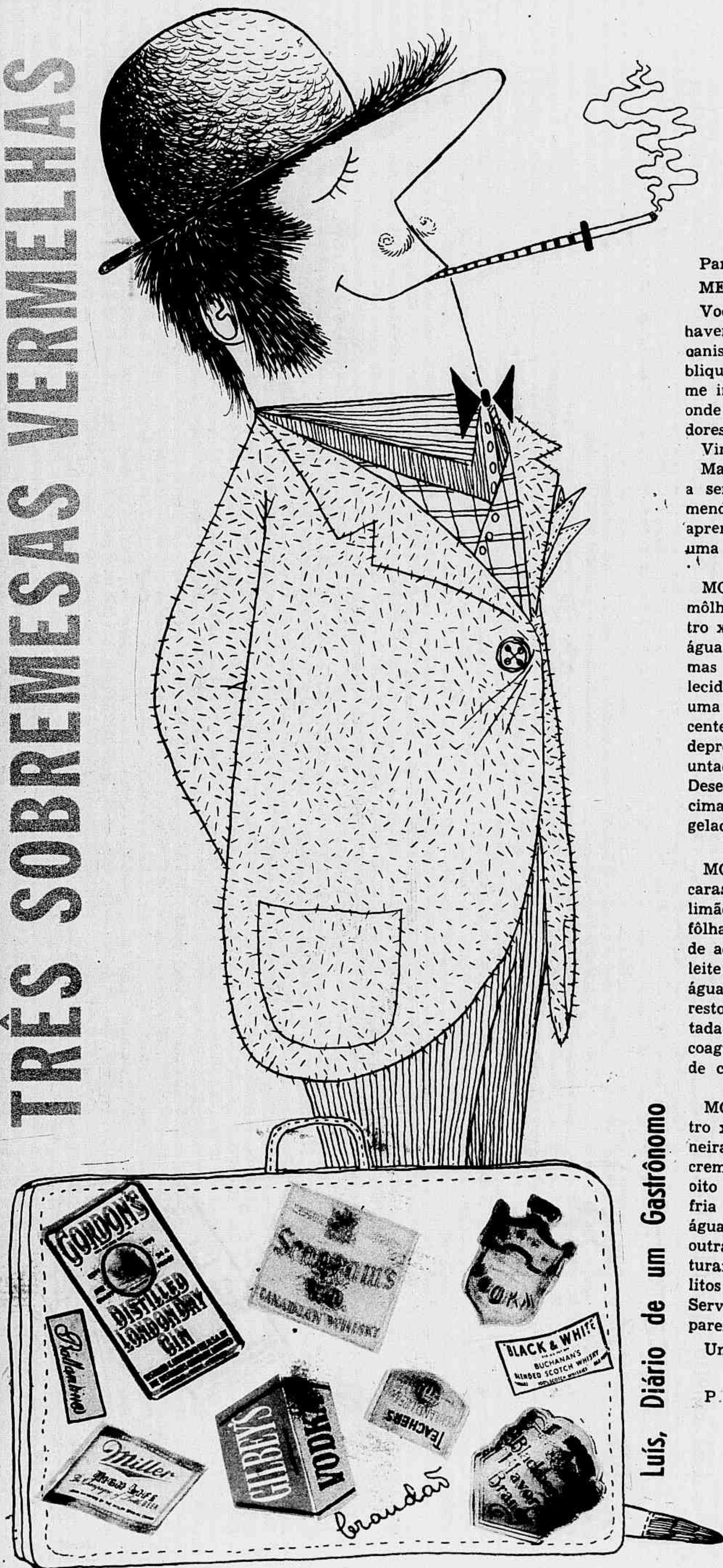
— Quarenta e três anos! Como enterrar-se vivo — murmurou o homem calvo, pensativamente. — E ele está certo de que assassinou alguém há quarenta e três anos. Com uma caneta, no meio de tantas coisas, com uma caneta...

Como era o nome dele mesmo?

O homem inclinou-se de novo.

— Velho Besouro, é como o chamam. — respondeu ele, em voz baixa. — Mas seu nome real é Harrington — James Douglas Harrington.

TRÊS SOBREMESAS VERMELHAS



Paris, maio.

MEU CARO LUÍS.

Você sabe que o gabinete caiu e que está havendo uma onda muito forte de anti-americanismo por aqui. Resultado: porque publiquei uma receita de cigarrinhos moscovitas me impediram de embarcar para Nova Iorque, onde ia assistir o Congresso Anual dos Bebedores de Licor.

Vinguei-me. Estou de partida para Moscou.

Marie — você sabe, a empregada — passou a semana inteira impressionada e venho comendo à base de caviar regado a vodka. Mas aprendi algumas receitas de "moscovitas", uma sobremesa que merece ser comida.

MOSCOVITE AUX ABRICOTS — Ponha de mólho 150 gramas de damascos secos, em quatro xícaras de água. Cozinhe depois na mesma água e passe na peneira. Acrescente 300 gramas de açúcar e oito fôlhas de gelatina amolecidas em água fria. Dissolva no fogo, em uma xícara de água. Deixe esfriar, acrescente 250 gramas de creme batido; misture depressa com o chicote; coloque em fôrma untada de azeite fino e guarde na geladeira. Desenforme na hora de servir e guarneça por cima com 250 gramas de creme batido e gelado.

MOSCOVITE AUX FRAISES — Duas xícaras de morangos peneirados, o caldo de um limão, seis fôlhas de gelatina branca, meia fôlha de gelatina vermelha, duas xícaras rasas de açúcar em calda e 250 gramas de creme de leite batido. Ponha a gelatina de mólho em água fria e derreta na calda; acrescente o resto, misturando bem; despeje em fôrma untada de mujol e guarde na geladeira até coagular. Tire da fôrma para servir coberto de creme Chantilly.

MOSCOVITES AUX MANDARINES — Quatro xícaras de polpa e caldo de tangerinas peneiradas; caldo de meio limão, 250 gramas de creme de leite batido; uma colher de açúcar; oito fôlhas de gelatina (amolecidas em água fria e dissolvidas no fogo com um mínimo de água); calda rala de uma xícara de açúcar, outra de água e um cálice de Curaçao. Misturar bem. Despejar numa fôrma com palitos franceses regados a Curaçao. Gelar. Servir na fôrma, que deve ser de pirex, transparente.

Um abraço do seu amigo

J. P. Narcejac

P.S. — Até a volta.

Luís, Diário de um Gastrônomo

CARLOS
PRESTES
MONGE
TRAPISTA?

Rafael
Corrêa
de Oliveira

OUTRO DIA era um rapaz de Pernambuco que se queixava de não encontrar coisas "sensacionais" nestas memórias. Explicamos, no entanto, o sentido moral e intelectual de nossas recordações, e oferecemos, para seu deleite, um plágio de Gilberto Amado. Na época, há mais de 45 anos, o fato abalou Recife, porque a inteligência e a política ainda se misturavam naquele tempo, e só o Carnaval, em três dias, libertava os corpos e os espíritos do interesse público e religioso. Não obstante, o próprio carnaval exibia seus grupos de crítica aos homens e aos costumes em voga.

A juventude transviada ainda não era um documento da cultura ocidental, e os transviados, se eram ricos fugiam para a França, e se eram pobres ficavam aos cuidados da polícia.

Quando fixamos episódios dessas épocas distantes não podemos, evidentemente, dar o sensacionalismo que delicia o paladar de um determinado público. O escândalo, em 1912,

era diferente do que é hoje, e, realmente, deve parecer ridículo nesta atualidade que abre as portas da Penitenciária para que os condenados mostrem as suas caras, descrevam os seus crimes e sejam vistos e ouvidos, no tempo de 10 minutos, por cem mil famílias. E, por fim, toda essa sinistra fantasia venha a revelar-se como simples "matéria-paga" na preparação psicológica de um indulto!

Os crimes, os escândalos morais, as abominações não podem figurar nestas memórias. São casos de polícia, para outras crônicas da época. A polícia só aparece no que escrevemos, evocando o passado, quando interfere com a atividade política...

Naturalmente, nesta altura, encontraremos dona Maria Moura, femininamente irritada, a lembrar-nos sua carta sobre os crimes de Luís Carlos Prestes, inclusive o assassinio de Elsa Fernandes. É uma lástima, na verdade, ser obrigado a escrever, e fazê-lo tão mal que nem o leitor inteligente nos compreenda.

Se o sr. Luís Carlos Prestes fôsse um "anjo comunista", conforme o histerismo de alguns temperamentos julgam-no retratado em nossas memórias, deixaria — por força de sua insignificância — de ser um caráter interessante.

Discutíamos, recentemente, a natureza das criaturas devotadas a uma idéia, a uma causa, a uma convicção, vivendo e morrendo por elas, numa verdadeira ânsia de sacrifício, — e o brigadeiro Eduardo Gomes, presente à conversa, ilustrava-a, com esta frase simples e perfeita:

— É a vocação do apostolado.

Quando Napoleão prende, condena e mata o duque d'Enghien, seu crime só tem uma explicação: é a necessidade política inexorável, a mesma que levou Joana d'Arc à fogueira, e a fez mártir e santa.

Napoleão era um homem de estado genial, cujos objetivos políticos, no seu interesse, confundidos com os da França, levavam-no a raciocínios e atitudes de circunstância. Não havia nêle nada de místico. A sua verdade não foi capaz de nutrir-lhe a alma por mais de alguns meses na ilha de Elba. Só o poder o satisfazia.

Em Santa Helena, o grande corso ergueu-se para a posteridade como uma figura humana que aceitava o sacrifício. Não se conformava, porém, com o destino, e cuidava, apenas, de seu lugar no julgamento dos pósteros. Colocava-se acima das idéias, dos princípios morais, de qualquer preocupação filosófica com o progresso da humanidade. O que havia, era ele só.

Estamos a escrever estas considerações, e, daqui a pouco, a senhora dona Maria Moura dará um grito fino e agudo para dizer que vamos comparando Prestes a Napoleão. Estas

coisas acontecem sempre na imprensa do Rio. Recentemente lemos que Robespierre marchou para a guilhotina acovardado e pedindo misericórdia. Ora, Robespierre nada podia pedir porque um tiro de pistola lhe atingira o maxilar, deslocando-o completamente, e isto o impedia materialmente de falar. Parece até história de "best-seller" americano.

Agora, que as associações de idéias e fatos nos levaram até Robespierre, aí tem a senhora dona Maria Moura um caráter com a "vocação do apostolado". A rigidez moral e intelectual do revolucionário francês era, também, uma forma de servir às suas idéias. As transigências de Luís Carlos Prestes serão um verdadeiro sacrifício à intolerância das idéias que adotou, ou, pelo contrário, decorrem da sua formação cristã?

Achamos que a verdade se encontra na última parte da pergunta. Prestes nos contestará. Dona Maria Moura também. E os dois, neste ponto, se combinam...

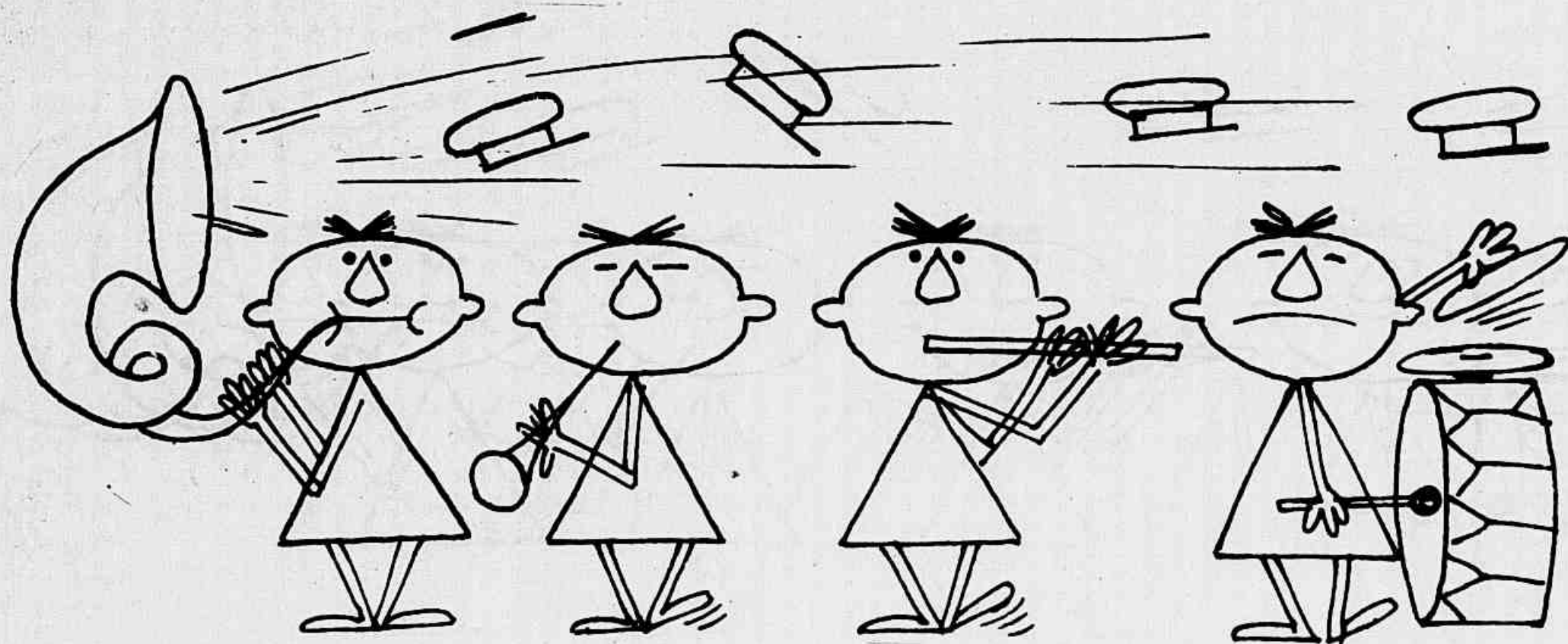
Se Prestes tivesse assassinado Elsa Fernandes, as provas, que a polícia da ditadura armazenou, poderiam condená-lo por crime comum. Dona Maria Moura, que nos parece ser advogada, sabe disso. Mas não queremos dizer que Prestes seja incapaz de matar alguém. Ele pode matar, perdoar e morrer por suas idéias. Íntimamente, porém, preferirá sempre as duas últimas hipóteses. Porque Prestes continua a ser um cristão. Os fuzilamentos que houve na Coluna não foram ordenados por ele.

Isto, aliás, é uma questão de ordem psicológica. São Jerônimo foi um grande santo, mas se queixava de ler Cícero quando jejuava. É possível que Prestes continue comunista, exteriormente, até a morte. Mas não se alarme a doutora Maria Moura se um dia os jornais noticiarem que ele entrou na **Ordem dos Trapistas**.

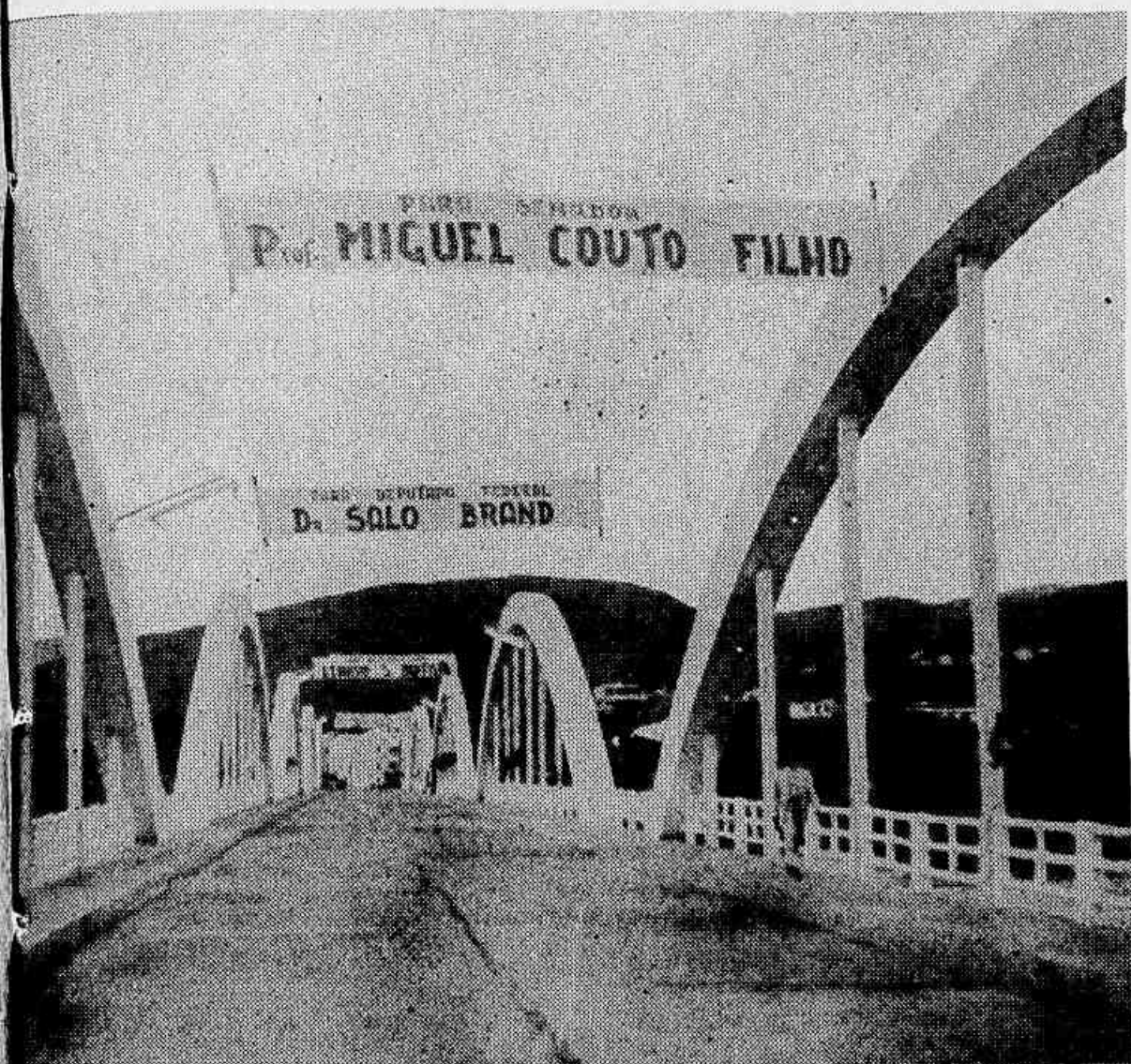
São Jerônimo venceu o espírito clássico, o paganismo que vegetava no recôndito de seu espírito. Jesus foi mais forte. Na ordem inversa, o materialismo, que domina as ações e palavras de Prestes, poderá ser vencido pela vigorosa semente do cristianismo que está no fundo do seu coração.

Se a doutora Maria Moura sair do plano puramente racionalista para o domínio imenso dos fenômenos anímicos compreenderá o que temos escrito sobre Luís Carlos Prestes. Mas, se a vastidão dêsses horizontes lhe causar vertigens, fique, apenas, nos limites de uma regra britânica: tenha "sense of humour". Por aí, voando mais baixo, lhe será fácil chegar, também, às origens do nosso pensamento.

Santo Deus! Como é difícil, neste país, viver ou escrever numa distância razoável do estilo "café society", ou, ainda, pensar sem os duros deveres profissionais de um locutor de rádio e televisão!



AMBROZIO



Ponte "Engenheiro Salo Brand", em Barra Mansa.

NO DIA 2 DO CORRENTE, pela manhã, o governador Miguel Couto Filho, acompanhado de comitiva, após ter pernoitado em Volta Redonda, onde participou dos festejos da data de 1.º de maio, seguiu com destino a Resende, onde foi presidir a inauguração do Grupo Escolar "Oliveira Botelho", no bairro do Manejo. A sua chegada, foi recebido pelo prefeito Geraldo Rodrigues, pelas demais autoridades e pessoas gradas, professoras e alunos do novel estabelecimento. Na ocasião, foi prestada ao governador carinhosa manifestação pelos alunos, que entoaram uma saudação.

338 NOVAS SALAS DE AULA NO ATUAL GOVERNO

Após ser cortada a fita simbólica pelo chefe do governo estadual, teve lugar a cerimônia da inauguração da placa, no "hall" de entrada, procedida pelo sr. Otávio Botelho, filho do patrono do grupo escolar. Discursou, então, o sr. José Carlos Porchat, que disse ter o governo Miguel Couto Filho já entregue ao povo fluminense nada menos de 41 prédios novos para grupos escolares, com um total de 338 salas de aula, com capacidade para 27 100 alunos, em dois turnos.

Na sala principal, onde foi oferecido um lanche à caravana governamental, discursou, inicialmente, o sr. Rubens Falcão, dizendo que se sentia honrado em colaborar no profícuo governo do sr. Miguel Couto Filho, porque S. Excia. nunca deixou de dedicar toda atenção ao problema do ensino.

Depois de outros oradores e para agradecer em nome da população de Resende, usou da palavra a vereadora Aracy Wright, que muito batalhou pela construção do grupo escolar de Manejo e que destacou ter sido muito acertada sua localização naquele bairro, pois logo aos primeiros dias de matrícula abrigava mais de 800 crianças.

Falou, depois, o deputado federal Alberto Tórres, que biografou o prof. Oliveira Botelho.

860 MILHÕES COM O ENSINO GASTOS PELA ATUAL ADMINISTRAÇÃO

Discursou, então, o governador Miguel Couto Filho, dizendo que a inauguração de um grupo escolar constituía o momento mais feliz da vida de um governante. Declarou sentir dupla alegria uma vez que prestava merecida homenagem ao ilustre prof. Oliveira Botelho. Abordando a questão do ensino, afirmou que sendo filho de um homem que muito se dedicou ao problema, não poderia fugir à inspiração da obra de seu pai. Ao assumir o governo do Estado, era de 182 milhões de cruzeiros o orçamento do ensino.

ESTADO DO RIO

QUASE CENTUPLICADOS OS GASTOS COM O ENSINO

Atualmente, o Estado investe somas fabulosas, tendo este ano atingido a cifra de 860 milhões de cruzeiros.

Em seguida, falou o prefeito Geraldo Rodrigues, agradecendo ao governador a realização da obra e a escolha feliz do nome do prof. Oliveira Botelho para patrono.

Em nome da família Oliveira Botelho, comovidamente agradeceu a expressiva homenagem prestada a seu ilustre pai o sr. Otávio Botelho.

A última oradora da solenidade foi a prof. Laura Baumgratz Mota, diretora do grupo escolar, que também agradeceu e falou da necessidade de ser ampliado o quadro de professoras.

AUXILIO A PREFEITURA PARA MELHORIA DA LUZ E CONSTRUÇÃO DO GINÁSIO

Ainda durante a solenidade no grupo escolar, o chefe do Executivo estadual fez entrega ao prefeito Geraldo Rodrigues de auxílio de 1 milhão e 500 mil cruzeiros, em apólices estaduais, para compra de gerador destinado ao reforço da energia elétrica da cidade, e de 500 mil para o ginásio.

CIDADÃO BARRAMANSENSE O GOVERNADOR COUTO FILHO

Rumando para Barra Mansa, o chefe do governo e comitiva receberam as homenagens da Municipalidade durante almoço realizado na localidade de Monte Cristo. Falou na ocasião, em nome do prefeito Leonísio Sócrates Batista, para fazer ao governador a entrega do título de "Cidadão Barramansense", o vereador Ismar de Oliveira Campos, que, justificando a homenagem, citou os relevantes serviços prestados ao município. Manifestando seu reconhecimento, falou o governador Miguel Couto Filho.

PONTE "SALO BRAND"

Recebido sob aplausos, chegou à ponte "Engenheiro Salo Brand" o governador Miguel Couto Filho, já então com sua comitiva acrescida de outras autoridades. Discursou o secretário de Viação, que prestou informações sobre a grandiosa obra, construída pelo Departamento de Estradas de Rodagem, sob a direção do eng. Lourenço de Abreu Jorge. A ponte, com 296 ms de extensão, pelas suas características é a primeira do gênero, no país. Sua largura é de 10,30 metros, reservando uma plataforma de 1.55 ms de cada lado, para pedestres. O custo foi de Cr\$ 10.882.367,50.

Por fim, discursou o chefe do governo para fazer a entrega do melhoramento.

GAMELEIRAS, BOTINA E OUTROS

1. "A SOMBRA DAS GAMELEIRAS", de Ribamar Galiza (José Olímpio, 1958, 293 páginas, capa de Luiz Canabrava), é mais um romance regionalista. O autor, maranhense, estreado, descreve com evidente habilidade sua região natal. É nesse cenário que faz atuar seus personagens, entre os quais sobressaem Marcos e Agnelo, movidos sempre pelo amor, pela paixão, pela luxúria ou o ciúme. O livro é bem escrito, porém falta-lhe qualquer toque de originalidade. É, como já dissemos, apenas um romance regionalista a mais. Quanto à capa do sr. Canabrava, não nos convence.

2. EM "ALGUNS HOMENS DO MEU TEMPO", J. de Castro Nunes, advogado, jurista com várias obras publicadas no campo do Direito, evoca figuras que mais de perto o impressionaram: Rui Barbosa, Carlos de Carvalho, Solidônio Leite, Nilo Peçanha, Pedro Lessa, Miguel Couto, e alguns outros. Em capítulo especial, "Uma Antiga Figura de Campos", traça o perfil paterno, situando-o em sua época. As memórias e impressões de Castro Nunes serão, decerto, poderoso auxiliar em pesquisas futuras, relativas, de algum modo, aos vultos tratados. Particularmente interessantes os capítulos referentes a Rui Barbosa — um desajustado no meio nacional, segundo o memorialista — ao alfarrabista Solidônio Leite, e o há pouco aludido "Uma Antiga Figura de Campos". No livro de Castro Nunes — que, aliás, é o primeiro de dois — a literatura e a sociologia nunca se apartam, não raro a segunda levando a melhor. A edição se deveu a José Olímpio (Coleção "Documentos Brasileiros", número 97. 251 páginas. Prefácio de Octavio Tarquinio de Souza).

3. VEM EDITANDO MUITO, "Revista Branca", nos últimos meses. E livros de autores norte-americanos sobre coisas norte-americanas, principalmente. Agora mesmo acaba de surgir "A Literatura Norte-Americana no Século XX", de Heinrich Straumann, em tradução de Sérgio Duarte. O volume (Revista Branca, Rio, 1958, 170 páginas, capa de Orval) divide-se em cinco grandes capítulos, por sua vez subdivididos: "O Poder da Realidade", "A Busca da Tradição", "O Destino do Homem", "O Reino da Imaginação" e "O Grande Conflito: Surge o Teatro Americano". O autor, que é suíço, comenta com lucidez figuras da importância de William James, Dewey, Sinclair Lewis, John dos Passos, Dreiser, Caldwell, Adams, Anderson, Hemingway, Faulkner, Steinbeck, Henry Miller (como foi injusto para com o autor

de "Tropic of Cancer"!), Santayana, Stein, Pound, Frost, Sandburg e tantos mais. No capítulo relativo ao teatro, cumpre destacar a análise das principais características de O'Neill, e os escritos referentes a Wilder, Saroyan ou Arthur Miller. Como diz o autor, na "Introdução": "O objetivo deste livro é dar uma visão geral do pensamento e das letras americanas no século XX. Não pretende ser uma história da literatura moderna no sentido comum do termo, nem teve a mais leve intenção de ser completo". Dentro de tal esquema, e com tais limitações, o livro cumpre suas finalidades, e satisfaz.

4. COM SEU ROMANCE "O BOTINA", Stella Hanriot conquistou, em 1957, o Prêmio "Cidade de Belo Hori-



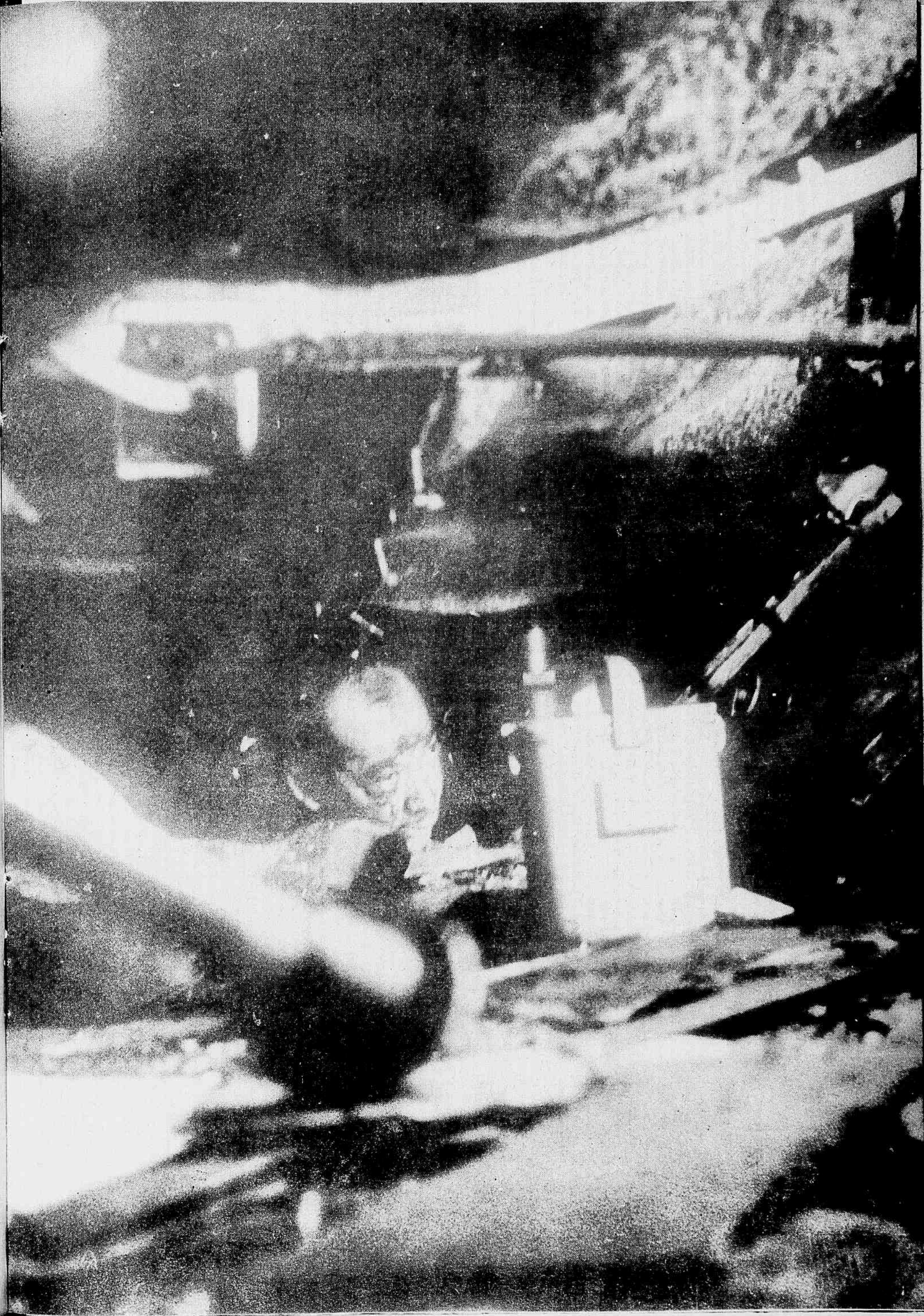
zonte". Agora, em edição da Mantiqueira (Belo Horizonte, 1957, 190 páginas. Capa de Jairo Câmara), aparece afinal o volume, em apresentação — diga-se de passagem — bem modesta. O livro pode ser lido com agrado. Não estamos de acordo, porém, com sua catalogação no gênero **romance**: é uma novela, como novelas são tantos pseudos-romances brasileiros. A dialogação, em "O Botina", é abundante, e, de modo geral, bem conduzida. Há em todo o livro, porém, certo ar de extrema antiguidade, qualquer coisa de passado, de velho, que de modo algum nos seduz. "O Botina" está escrito na primeira pessoa; em nota, a editora afirma ter sido ele terminado em tempo recorde: 16 dias somente. Talvez

por isso tenha saído assim espontâneo, sem certos toques que, decerto, a autora posteriormente poderia imprimir-lhe. De qualquer modo, comparando-se a "As Raízes", de Rui Mourão — que conquistou o mesmo Prêmio em 1956 —, deduzir-se-á sua inferioridade face ao belo trabalho do jovem autor montanhês. Mesmo assim, não é livro a se desprezar, na safra de ficção nacional para o ano corrente. Resta ainda fazer uma alusão ao péssimo desenho de Jairo Câmara, para a capa.

5. OUTRO ROMANCE DE MULHER: "Praia Branca de Olinda", de Sylvia Carneiro Leão (José Olímpio, Rio de Janeiro, 1957. 342 páginas. Capa de Luiz Jardim). **Romance**, em realidade? Ora, quer-nos parecer que o vocábulo vem sendo, empregado em muitas ocasiões em que o não deveria: a verdade é que se designa uma história mais ou menos singela, uma trama que pode ser sutil ou ingênua, segundo a maior ou menor habilidade, e capacidade, do autor, com o pomposo título de romance. O mais das vezes, o enquadramento nesse ou naquele gênero de ficção é feito levando-se em consideração o tamanho do volume: "Praia Branca de Olinda" tem mais de 300 páginas; logo, é um romance. Tivesse acaso 100, ou 150, e seria uma novela. Não se toma em conta a estrutura do livro, não se o enquadra segundo um esquema científico, digamos, de identificação. Para nós, "Praia Branca de Olinda" é uma novela; como novela é "O Botina", de dona Stella Hanriot; como novelas são até alguns dos maiores romances do velho Machado de Assis. Dirão que o assunto carece de legítima importância, mas tem, e grande. O próprio colunista já elaborou outrora no mesmo equívoco que tenta equiparar novela, e romance, ao editar, há muitos anos, sob o nome de **romance**, uma novela, e ruim, escrita aos vinte. Quanto ao livro da senhora Sylvia Carneiro Leão, descreve — e em alguns momentos com certa beleza — a vida litorânea de certa região pernambucana. Escreve bem, e com elegância. Pouco tem, contudo, a dizer, que já não tenha sido dito, de uma ou outra qualquer maneira, pela legião de **romancistas nordestinos**. Acentue-se igualmente certo toque de lirismo de que se acha impregnado o livro, e que faz com que seja lido sem dificuldades, e mesmo, em certos instantes, com gosto. Resta tratar da capa de Jardim, que nos pareceu ruim e sem interesse. É uma tristeza o que acontece com o livro brasileiro no que se refere a capas: quando as teremos sóbrias e funcionais, e não mais como agora?

a
a
e
s
-
o
a
-
o
3

-
e
o
e
?
o
a-
le
u
er
u
u-
e.
se
e-
lo
m
e.
na
u-
e-
os,
ca
la
ot;
es
is.
na
ó-
no
no-
tos
no-
nto
ão,
om
rta
e
a
de
ela
en-
mo
e
cul-
om
im,
sse.
o
pas:
ais,





PACIÊNCIA, OUTRA

Fotos «JORNAL DO BRASIL»



VEZ

DOIS MESES depois do desastre de trens em Paciência, em que morreram 64 pessoas, dois trens elétricos do subúrbio do Rio chocaram-se na noite de quinta-feira (8-5-58) entre as estações de Mangueira e São Francisco Xavier, morrendo 120 passageiros e ficando feridos centenas, sendo o desastre considerado como o maior já ocorrido no Brasil.

Os trens UA-71, que descia da estação de São Mateus para Francisco Sá, e UA-68, indo de Francisco Sá para Belford Roxo, chocaram-se exatamente debaixo da ponte que liga as ruas Visconde de Niterói, junto à Favela da Mangueira, e São Francisco Xavier.

O segundo trem estava parado. O outro avançou o sinal, dando-se o choque.

Renato Feio, presidente da
Rêde Ferroviária Federal:

Não se assuste, Presidente.
Não há muitos mortos.
Os carros só tinham
capacidade
para 200 passageiros

O trem que saiu de Francisco Sá com destino a Belford Roxo levava centenas de operários de volta ao trabalho.

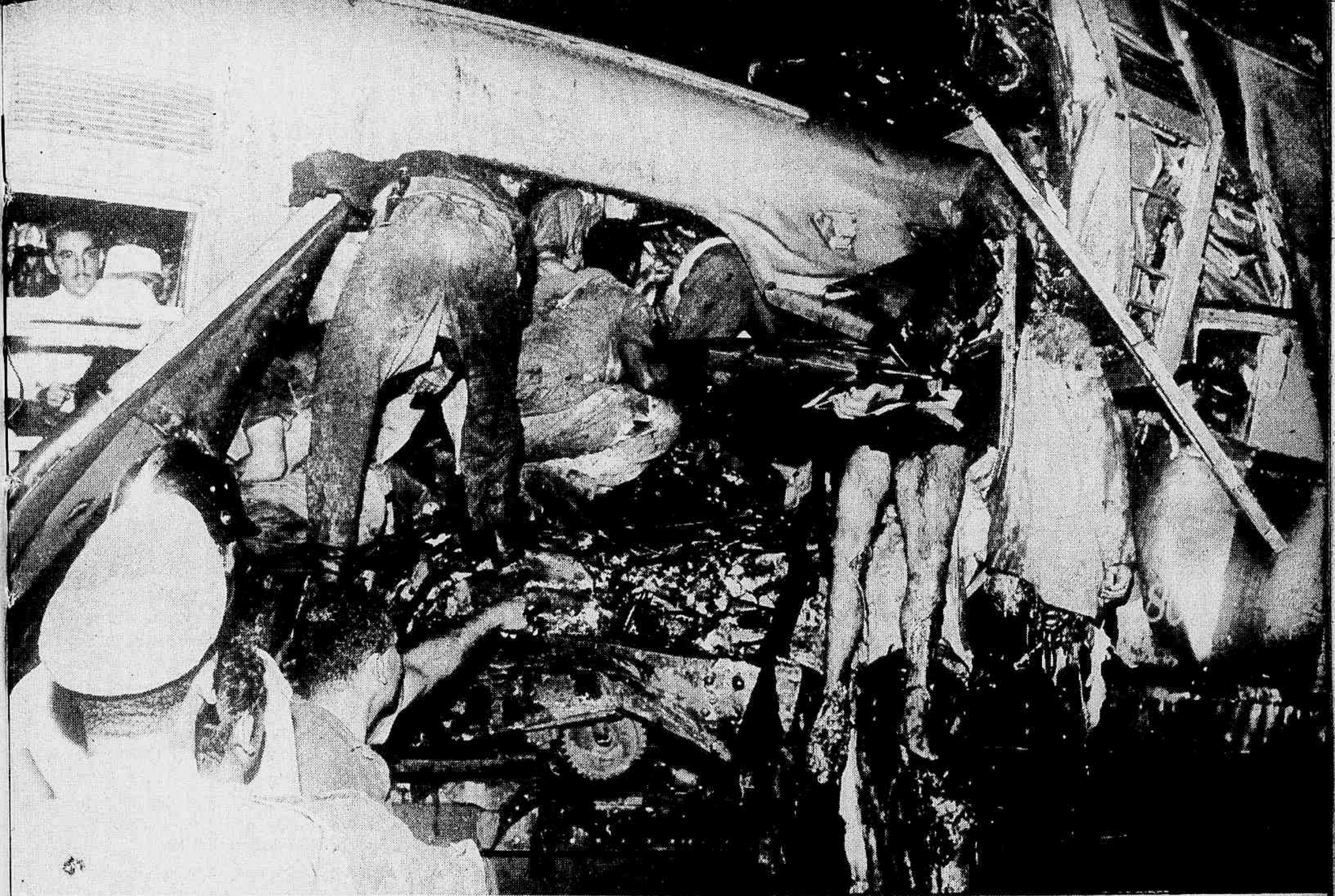
Feridos foram operados no próprio local do desastre, o presidente da República compareceu e disse que "os responsáveis seriam punidos, doa a quem doer" e a Central do Brasil explicou assim a tragédia:

1. a cabina de sinalização de Francisco Sá, que comanda o sinal de estação, avisou a cabina 2, de Derby Club (São Cristóvão), que ia mandar o trem de prefixo UAW/1 (trem de passageiros em manobras);
2. a cabina 2, então, de acordo com o aviso que teria recebido, operou o sinal de manobras para o UAW/1;
3. ao invés do combinado, a cabina de Francisco Sá liberou o trem UA-71, de passageiros, do horário normal;
4. o trem UA-71, dirigido pelo maquinista Firmino Teixeira de Araújo, aceitando indevidamente o sinal de manobras, e sem o necessário talão de licença especial para circular em linha contrária, avançou negligentemente esse sinal, passando a circular pela linha 2, em velocidade de horário, chocando-se remotamente, entre Mangueira e Triagem, com o trem UA-68, dirigido pelo maquinista Daniel Inácio de Oliveira, que se achava em sua linha própria, parado no sinal A/53, próximo à ponte de São Francisco Xavier.

A Central deu enterro de primeira a todas as vítimas.

Mas todos os seus diretores superintendentes foram demitidos.





Manequins (nas nuvens)

fazem confissões

NO ACONCHEGO DA POLTRONA macia do DC-7C da Panair, Charlotte, de bonita que estava, parecia uma pintura. Cassandre, atenta à leitura, de porte elegante, podia ser tomada por uma princesa. Bárbara dormia e, mesmo assim, não escondia sua beleza. Peggy, de rostinho colado na janela do avião olhava lá p'ra baixo. E Denise? Por onde anda Denise? Bem, ela está lá na frente, onde o cmte. Otávio, com toda aquela simpatia, lhe dá uma aula de pilotagem. Uma iniciação na arte de bem comandar avião. Mas é preciso fazer uma apresentação: Charlotte, Cassandre, Bárbara, Peggy e Denise são manequins dos mais famosos na França, e estão vindo para o Brasil a bordo deste luxuoso avião que também conduz o repórter. É bom viajar no meio de tanta gente bonita. Mas elas não são apenas bonitas. Ou apenas manequins. São moças inteligentes, que sabem responder o que se pergunta. Gostam de ler, de viajar, de dançar. E você que está acostumado a ver manequim desfilar, de passos medidos, naquele vaivém de limite certo, teria prazer de conhecê-las fora da passarela, à vontade,

Charlotte não gosta de ser manequim. Mesmo assim é dos mais famosos na França.



sem restrições nos gestos e nos sorrisos. Charlotte, por exemplo, é muito franca quando nos diz que não gosta de ser manequim.

— E por que o é, Charlotte?

A explicação vem logo. Ela era costureira. Uma costureirinha de lindos olhos azuis, da cor do céu. Bem feita de corpo, vivendo no meio de modelos e agulhas, alguém lhe sugeriu ser manequim. Charlotte não pensou muito e aceitou a sugestão. Mas, sem entusiasmo. Hoje é um dos melhores manequins de Paris e embora continue não gostando, faz muito sucesso. Dizem que ela “nasceu para ser manequim”. De nascimento Charlotte é suíça. Mas adora Paris, cidade fácil de ser adorada, ressalva que ela própria faz. Cassandre, morena, de olhos negros, não pensa como Charlotte. A profissão é tudo para ela. É manequim de corpo e alma. Corpo que serve muito bem para mostrar vestidos e alma que dá vida ao que ela mostra. Cassandre dá uma prova de seu entusiasmo profissional ao afirmar sem vacilação:

— Se me fôsse impôsto escolher entre o amor e a profissão eu não teria dúvida.

— Será possível, Cassandre?

— Sim, é possível. O amor ficaria de lado.

— Quer dizer que você não pretende casar?

— Eu não disse isto. Casar eu quero e quero ter filhos. Mas, o meu marido terá de se conformar com a minha profissão. Diante de um dilema — amor ou profissão — aí é que a escolha não me seria difícil.

Peggy, de sobrenome Roche, está agora ao nosso lado. É outra belezinha.

— Por que você escolheu a profissão de manequim?

Ela não demora na resposta:

— Simplesmente para melhorar de vida. Para manter um certo “standard” dentro da ambição natural de uma jovem que deseja bem estar.

— Mas lhe agrada, ou não, ser manequim?

— Muitíssimo. Tenho tido excelentes oportunidades na minha carreira. Conheço meio mundo, desfilei em Beirute, Nova Iorque e Buenos Aires e isto vale muito. Veja agora: estou voando neste magnífico avião a caminho de uma cidade encantadora, que já conheço e por isso mesmo posso dizer que é realmente encantadora. Minhas colegas pensam do mesmo modo.

Bárbara ouve a observação de Peggy e diz que está perfeitamente de acordo. Graças à profissão ela conhece toda a Europa e já foi aos Estados Unidos. Há três anos é manequim e lembra-se que, ao desfilar pela primeira vez, quase não dá um passo, de emocionada. Emoção e medo. Mas, depois, tudo passou. Hoje desfila com a maior naturalidade.

O nosso avião vem de longe, mas, vai chegar ao Rio exatamente à hora marcada. Pontualidade extraordinária que chama a atenção da bonita Denise, ela que já fez um sem número de viagens aéreas e parece gostar muito de voar. Denise acha maravilhosa a travessia direta entre a Europa e o Brasil e fica admirada ao saber que todos os DC-7C da Panair fazem, normalmente, aquele percurso em vôo direto. Também elogia o tratamento de bordo, que classifica de excelente, e chama a atenção de Cassandre:

— Veja só que beleza: todos os tripulantes falam inglês e francês corretamente.



Denise já conhece o Brasil. Quando soube que ia voltar "pulou de contente".

Charlotte. Linda... linda... linda... linda... linda...



Mas, até agora não se falou em moda. Não é sem tempo, todavia. E, naturalmente, veio a debate a moda saco. Fêz-se uma "mesa redonda". Bárbara é a primeira a dar opinião:

— É moda ultrapassada.

Denise, com a palavra:

— Está em declínio. Acredito que na próxima estação seja lançada outra linha para substituir, em definitivo, a moda saco.

Agora é a vez de Charlotte:

— Adoro. Sou inteiramente favorável e me sinto muito bem quando desfilo em vestido saco.

Cassandre:

— É uma linha completamente vitoriosa. Já pertence ao mundo.

E finalmente Peggy:

— Não fêz sucesso. Não pode ser considerada vitoriosa.

Vamos, agora, fazer as contas: três contra, duas a favor. Conclusão: derrotada a moda saco.

Com um intervalo para o almoço, que tôdas classificam de "ótimo", no que falaram a verdade, reiniciamos a nossa conversa. A viagem aérea se presta a confidências. E Denise nos faz uma grande revelação: que gostaria de casar com um brasileiro.



Cassandre, morena e de olhos negros, poderia ser tomada por uma carioca.

— Tem algum na alça de mira, Denise?

— Não avance tanto.

Cassandre não quer falar de amor e prefere fazer o elogio da mulher brasileira:

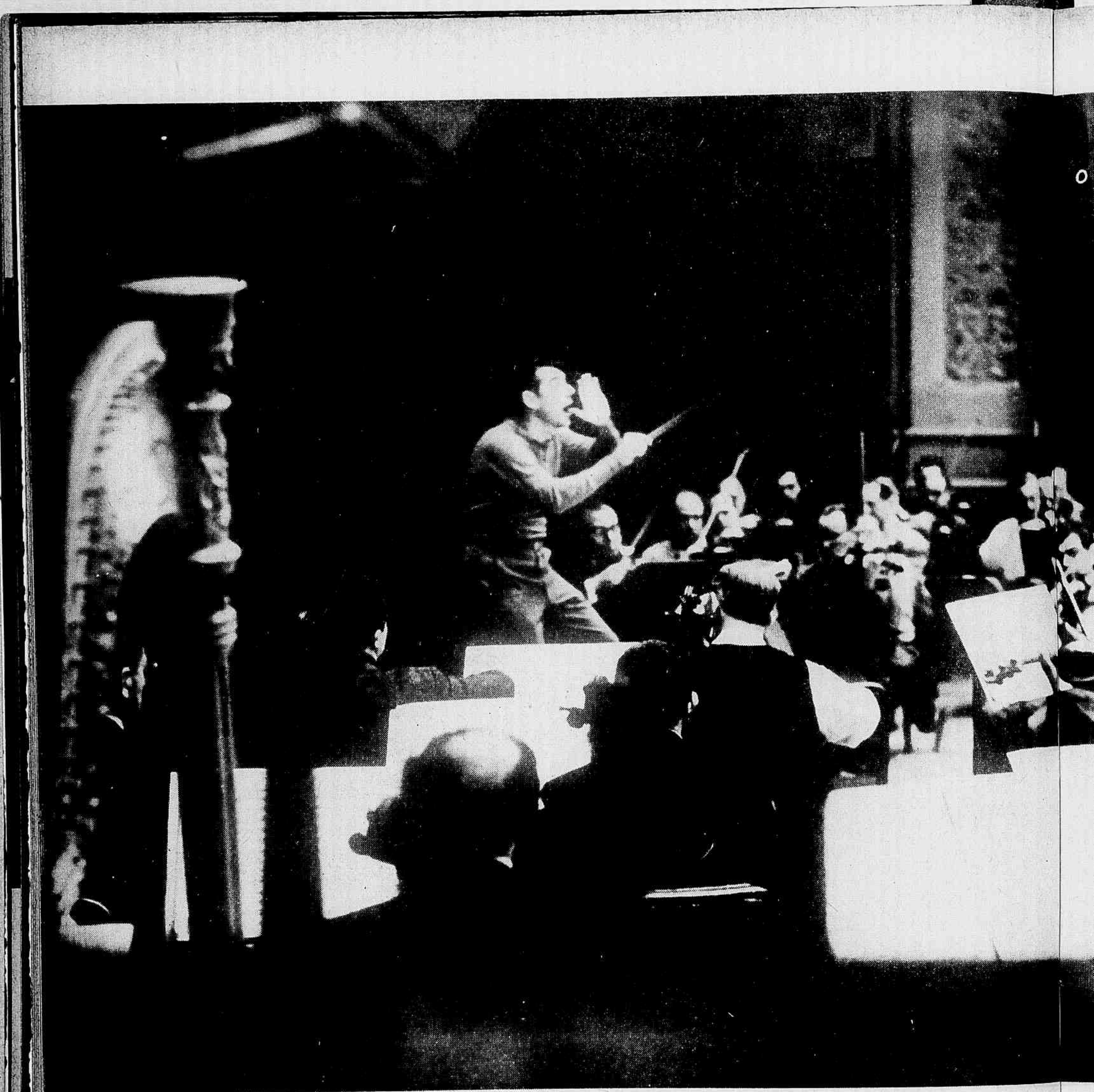
— É extremamente elegante. Tôda vez que se apresenta, em Paris, dá uma nota de destaque.

Também está a bordo madame Paule Jamet. Trabalha com Jacques Heim há muito tempo e chefia o grupo. Estêve no Brasil no princípio do ano e quando soube que ia voltar ficou contentíssima.

— Adoro o seu país. É uma terra de gente simpática e de cenários maravilhosos. Que bom estar de volta!

A bordo de um DC-7C pode-se dizer, sem ficção, que o tempo voa. E o belo avião da Panair que, ainda ontem, estava em Londres, Paris e Lisboa, nos deixa, hoje, no Rio, após uma viagem de sonho. As moças francesas já estão nos preparativos da chegada. Retocam a maquilagem, cuidam dos cabelos, ajeitam o vestido. Bonitas por natureza ficam ainda mais. No Galeão aquela movimentação de sempre. Gente saindo, gente chegando. De bordo do DC-7C descemos nós todos com um sorriso nos lábios. É a resposta antecipada aos que nos fazem a costumeira pergunta sobre a viagem.

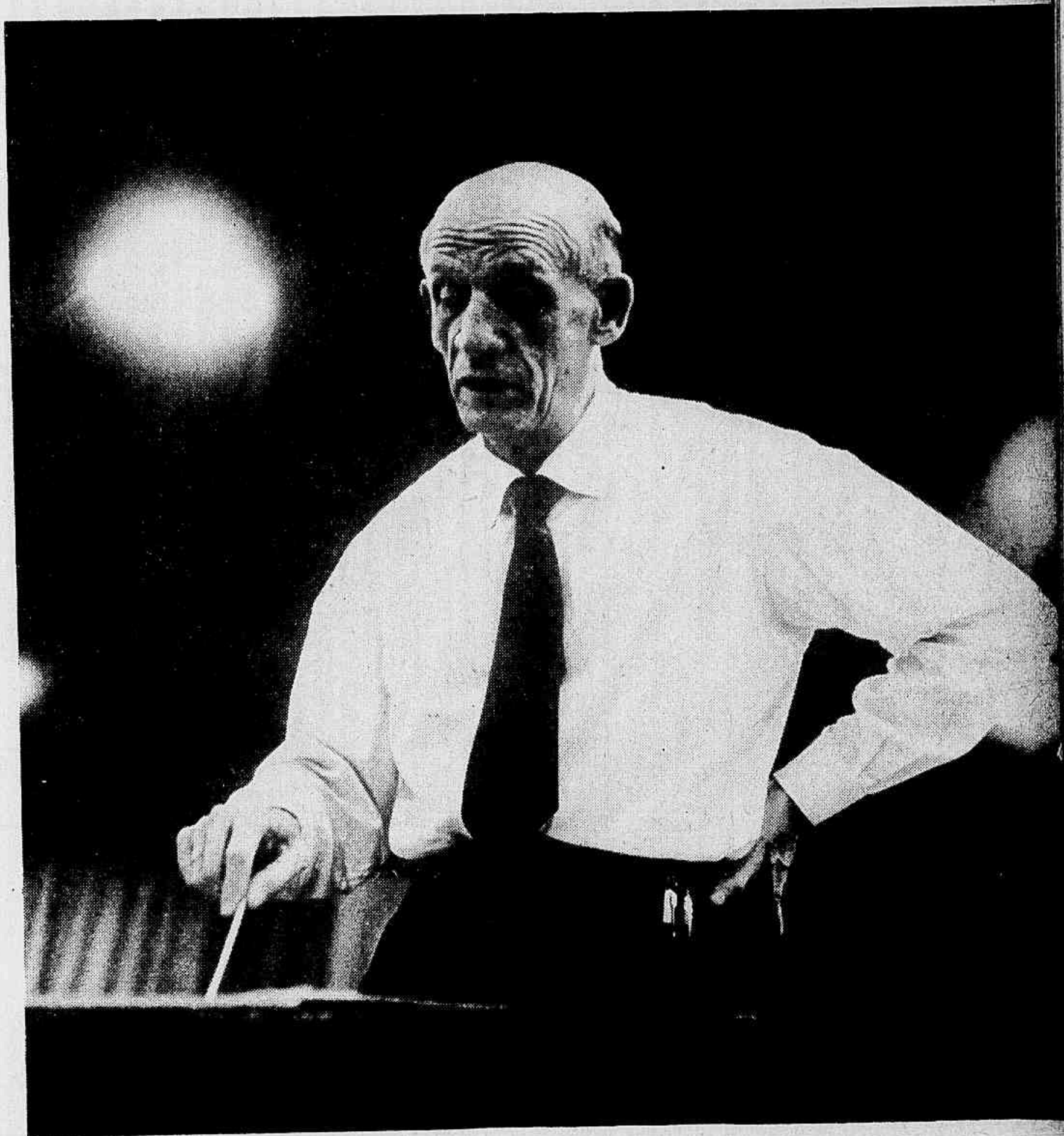
— Sim, foi uma bela viagem.



"Jeremias", de Bernstein, ganhou o prêmio do Círculo de Críticos de Música de Nova Iorque em 1943. Em 1944 ele lançou sua primeira comédia musical: "On the Town". Sucesso.

VEM AO BRASIL A FILAR

QUANDO SOARAM NO Carnegie Hall as últimas notas do 6 000.º concêrto da Orquestra Filarmônica de Nova Iorque, na noite de 27 de abril último, os 108 professôres guardaram apressadamente seus instrumentos — apesar da data solene — não havia tempo para nenhum "bis", embora o público na platéia gritasse "encore!". Os instrumentos maiores foram rapidamente acondicionados, os músicos embarcaram em carros que já os esperavam, e dirigiram-se ao Aeroporto Internacional de Nova Iorque, para tomar o avião que os



Verdadeira vocação de Mitropoulos é a de diretor de orquestra e regente. É pianista e compositor também.

nçou

R MÔNICA DE NOVA IORQUE

Junho

4 — Pôrto Alegre

5 - 6 — São Paulo

9 - 10 - 11 — Rio de Janeiro

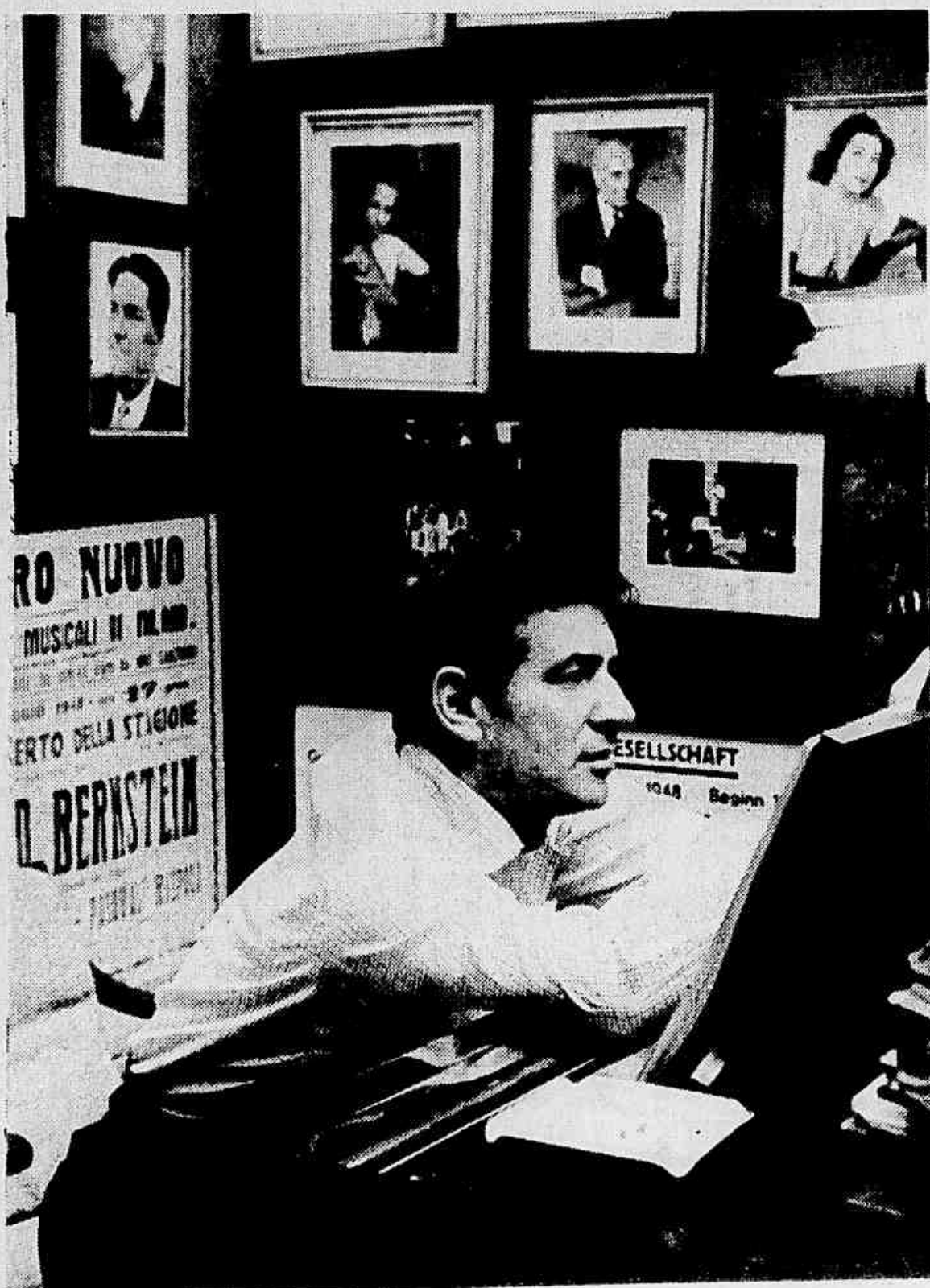
levaria ao primeiro ponto de uma excursão de quase dois meses pela América Latina. Na manhã do dia seguinte chegavam a Panama City, e já no dia 29 tocavam no principal teatro daquela cidade. Dali passaram à Venezuela, depois à Colômbia, ao Chile, ao Equador, irão ainda à Bolívia, ao Paraguai, à Argentina e Uruguai — e no dia 4 de junho estarão em terras brasileiras, tocando para o público de Pôrto Alegre. Em seguida, São Paulo (dias 5 a 7) e, finalmente, Rio de Janeiro, nos dias 9, 10 e 11.

A ORQUESTRA VIAJA

Apesar de seus 116 anos de vida (foi fundada em 1842), a Filarmônica de Nova Iorque tem viajado relativamente pouco pelo exterior. Por duas vezes visitou a Europa: a primeira foi em 1930, quando Arturo Toscanini era seu regente. Em 1955 voltou ao Velho Mundo, conduzida por Dimitri Mitropoulos, Cantelli e Szell. Além disso, participou do festival de Edinburgo, na Grã-Bretanha, em 1951 e 1955.

Em tôdas essas ocasiões, seu êxito foi o mais completo que se possa imaginar. Entretanto, apesar das casas cheias, a renda de bilheteria não basta para custear a elevada despesa de viagem de 108 professores, além de regentes e auxiliares técnicos e administrativos que acompanham a orquestra. Somente com apoio oficial pode um conjunto das

Darius Milhaud é fã de Bernstein. E Aaron Copland também.



proporções da Filarmônica de Nova Iorque deslocar-se para outro país. Por isso, sua atual excursão pela América Latina foi colocada sob os auspícios do Programa Internacional Especial do Presidente dos Estados Unidos para Apresentações Culturais, através do Departamento de Estado.

A Filarmônica deverá executar um total de 44 concertos, em cerca de 30 cidades de 12 países.

COMO VIVE A ORQUESTRA

A Filarmônica de Nova Iorque inicia sua temporada naquela cidade habitualmente em princípio de outubro, prolongando-a até fins de abril, num período médio de 28 semanas. Sua administração está entregue a uma Junta de Diretores, com 36 membros, que nomeiam um Diretor Musical, responsável pela parte artística, e um Diretor Gerente, que responde pela parte administrativa e comercial.

A Orquestra não recebe qualquer auxílio do governo por suas atividades regulares em Nova Iorque. Para ajudar o seu financiamento, foram organizadas sociedades particulares, como a Sociedade de Amigos da Filarmônica, e a Junta Auxiliar da Filarmônica, que para ela coletam fundos. Há, ainda, os Membros Radialistas, distribuídos por todo o país e pelo Canadá, que mediante certa contribuição recebem com antecedência informações sobre os programas radiofônicos da Orquestra.

REPERTÓRIO

O repertório da Filarmônica é muito variado, indo do clássico ao mais moderno. Beethoven tem sido o compositor mais executado, vindo em seguida Mozart e Brahms. Cerca de 30% do repertório da Filarmônica é composto de música contemporânea. Dos compositores vivos, Stravinski é o mais tocado, com um total de 300 execuções de suas obras, aproximadamente.

Vários compositores latino-americanos têm peças no repertório da Filarmônica, entre os quais Roberto Camaño, Juan José Castro, Carlos Chavez, Alberto Ginastera, Silvestre Revueltas e outros. Dois músicos brasileiros, Vila-Lôbos e Camargo Guarnieri, são executados regularmente pela orquestra. Do primeiro, foram escolhidas as seguintes peças: Bachianas Brasileiras Nos. 1, 2 e 5; Coros Nos. 6, 8 e 9; Mandu-Cará; Saudades da Juventude; Descobrimento do Brasil; Suite No. 1 e O Uirapuru. Também o Concerto para Violoncelo foi executado pela Filarmônica, em primeira audição, tendo como solista o violoncelista brasileiro Aldo Parisot e Walter Hendl como regente.

De Camargo Guarnieri, a Filarmônica executa Abertura Concertante, Danças Brasileiras e Prólogo e Fuga.

OS DOIS REGENTES

Dimitri Mitropoulos e Leonard Bernstein são os dois regentes principais da Orquestra Filarmônica de Nova Iorque. Em fins do próximo ano, com o afastamento de Mitropoulos, Bernstein assumirá a direção musical da orquestra, por um período de três anos. Mitropoulos nasceu na Grécia e é hoje cidadão norte-americano. Tem atualmente 62 anos, e regeu a Filarmônica pela primeira vez em 1940. Dez anos depois, aceitou o cargo de regente permanente, e desde 1951 é o Diretor Musical do famoso conjunto. É, além de regente, pianista e compositor de talento.

Leonard Bernstein é dos mais jovens e versáteis músicos norte-americanos. Tem apenas 40 anos, e já conseguiu êxito como pianista, compositor, autor de comédias musicais, regente e ainda comentarista de televisão, onde criou um famoso programa de 90 minutos para explicar os gêneros e formas musicais, dando exemplos ao piano ou regendo a Filarmônica. Aos 25 anos, Bernstein já era assistente da Orquestra, à qual vem prestando, desde então, sua colaboração permanente.

para
tina
Es-
ções
rtos,

na-
pro-
se-
de
Mu-
ente,

por
ar o
ares,
unta
Há,
país
bem
iofô-

o do
sitor
êrca
úsica
mais
apro-

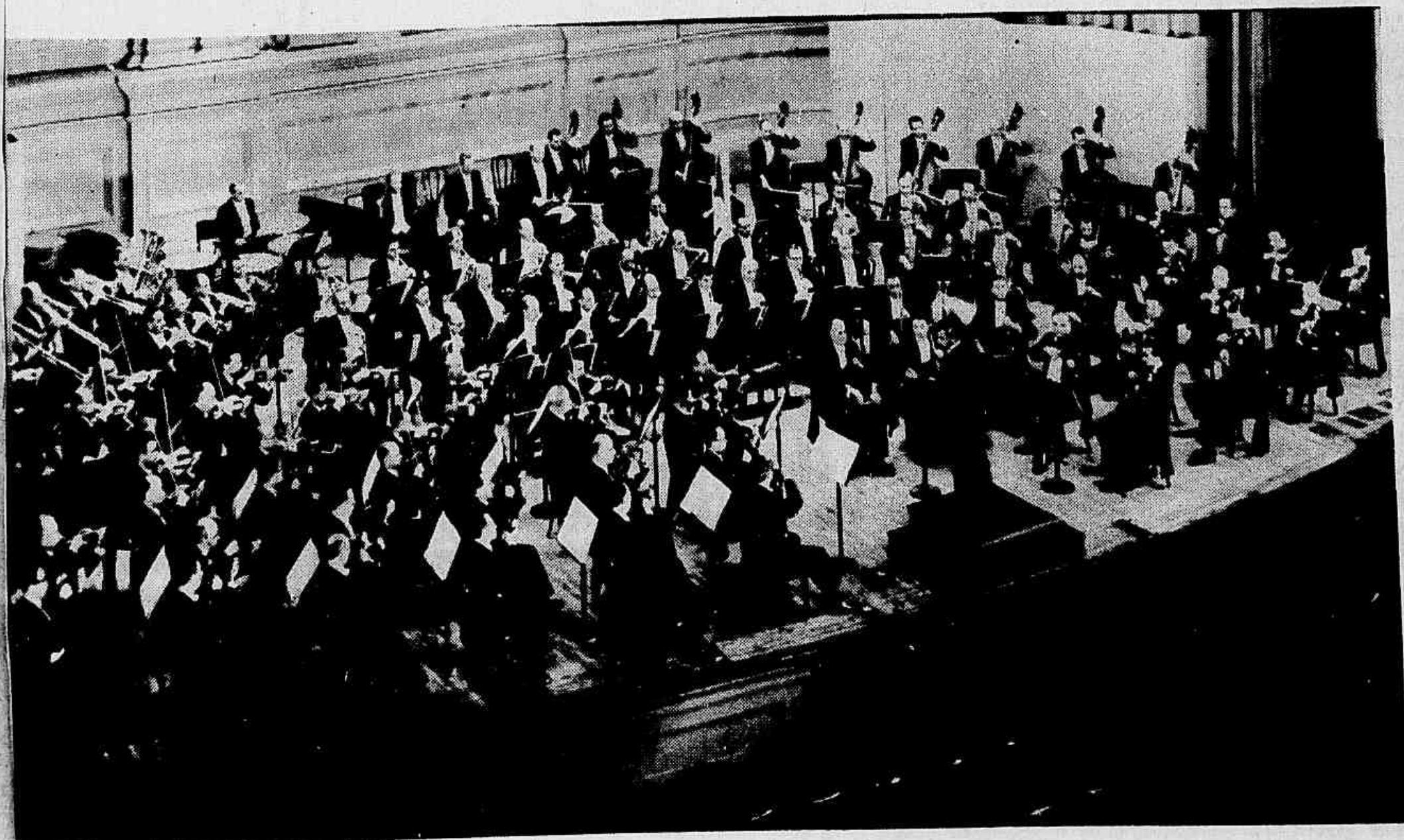
eper-
Juan
e Re-
os e
a or-
eças:
e 9;
o do
para
a au-
o Pa-
ertura

is re-
rque.
oulos,
r um
e hoje
regeu
lepois,
l' é o
gente,

úsicos
êxito
s, re-
m fa-
eros e
ndo a
te da
olabo-



"Jazz é isto" foi um disco gravado por Leonard Bernstein para ensinar a quem não conhece (e também aos que conhecem) o que é "jazz". O LP tem versão em português.



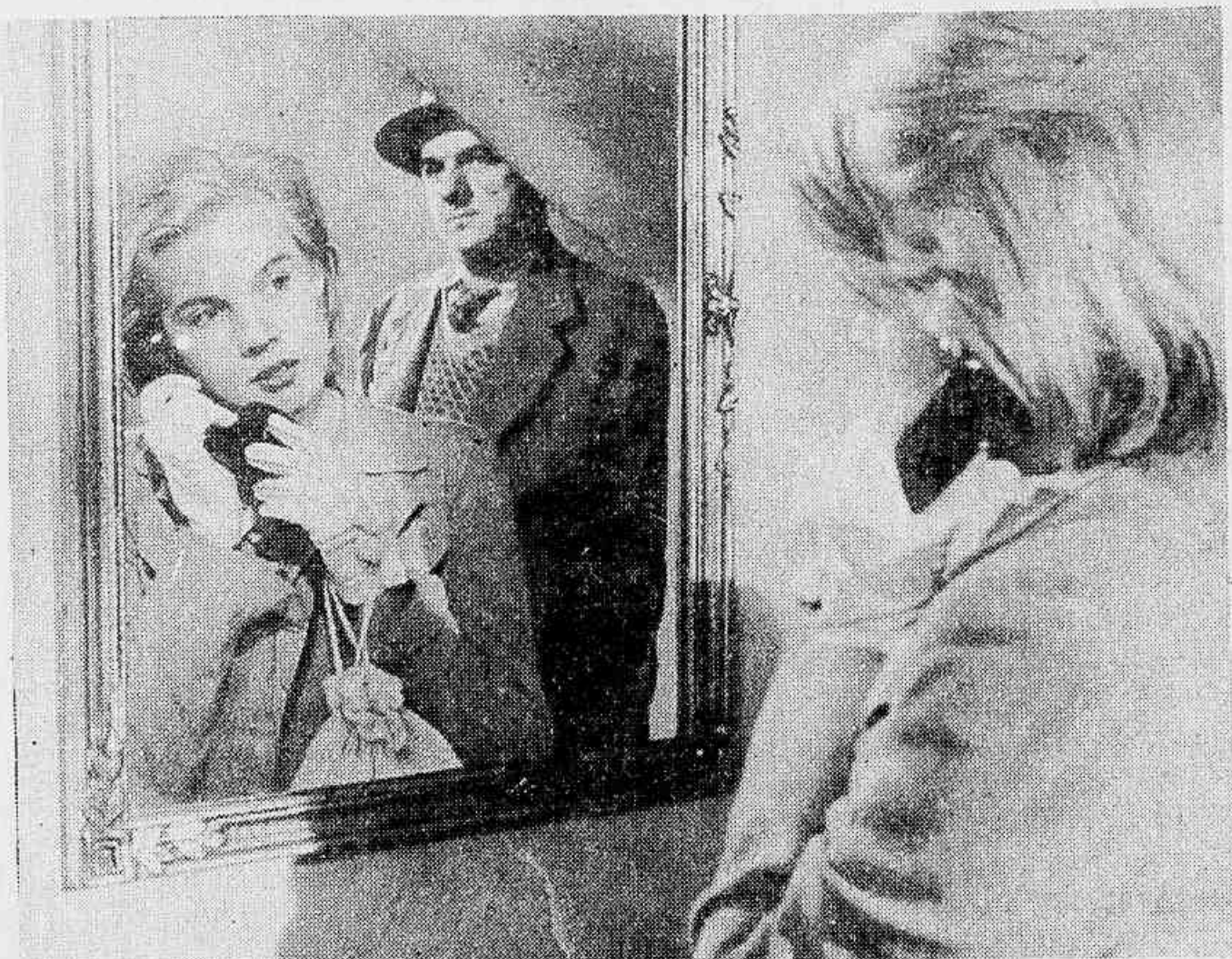
Filarmônica de Nova Iorque: do Carnegie Hall para o palco do Municipal do Rio.



"Baby Doll": dita a moda no cinema e na alcova.

UMA ANTIGA MANSÃO em ruínas no Mississippi. Na **nursery**, em caminha de ferro com uma das grades abaixadas, Baby Doll (Carroll Baker), apesar de seus quase vinte anos, dorme com uma camisola de menina, as calcinhas à mostra, chupando o dedo polegar. No chão, revistas de cinema, garrafas vazias de "Coca-Cola", um cavalo de pau. No quarto ao lado, Archie Lee (Karl Malden), homem de meia idade, com ar um tanto ridículo em seu pijama listrado, espiona deliciado através de um orifício na parede. Assim começa "Baby Doll" (Boneca de Carne), escrito por Tennessee Williams e dirigido por Elia Kazan, uma das obras mais discutidas, exaltadas e xingadas que o cinema americano já produziu. E assim, num crescendo de erotismo, e de libertação através do erotismo, vai até o 114.º e último minuto de projeção. Para o grande número de pessoas que ainda fazem do sexo **O Tabu** por excelência, para os críticos (cinema & teatro) que se envolvem em espessas redomas de pudicícia a cada novo trabalho de Tennessee, é um filme sórdido. Para nós, é (relativamente ao tema) surpreendentemente contido. E profundamente moral.

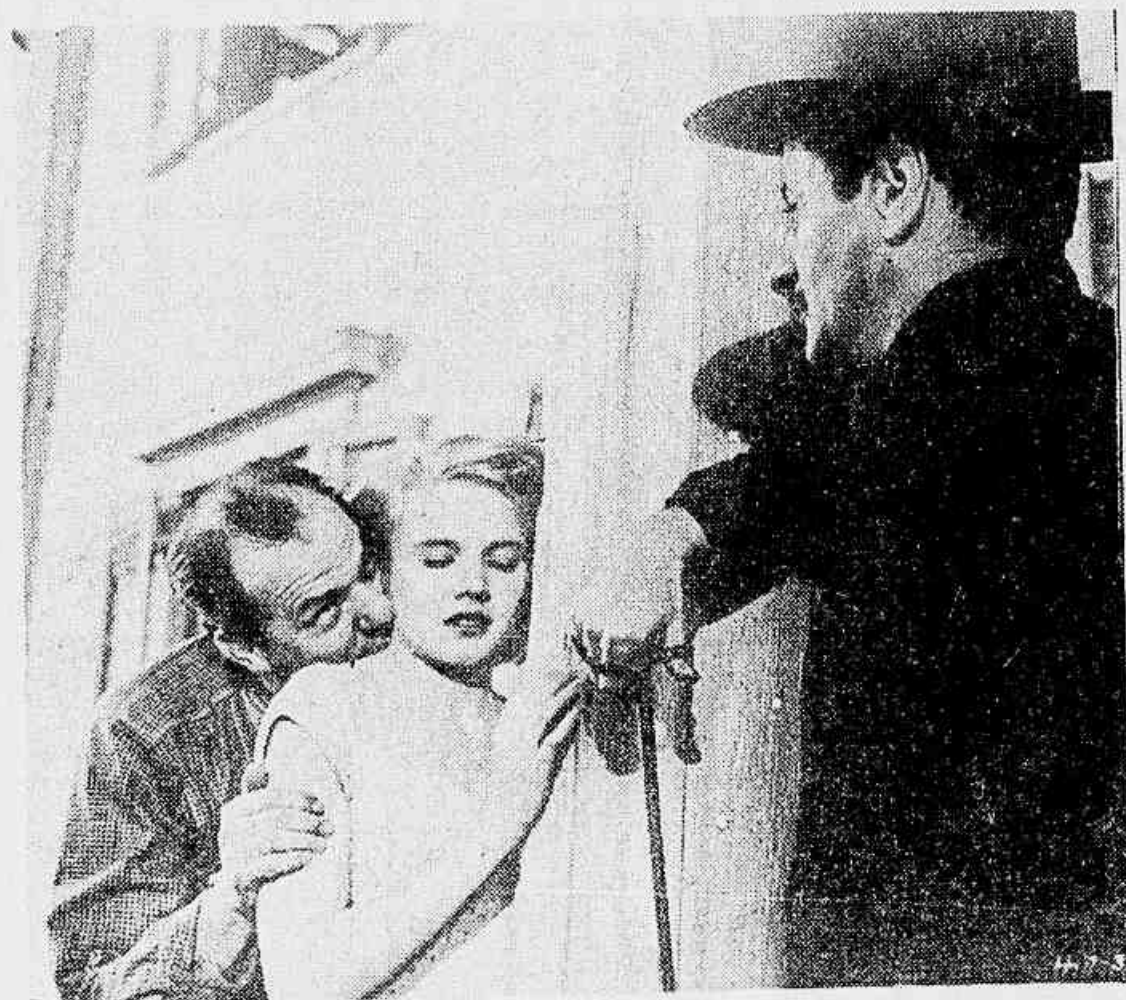
Archie Lee é uma grotesca amostra do "lixo branco" do Sul. Aos 18 anos, Baby Doll casou-se com ele para não ficar desamparada após a morte do pai. Archie prometeu que não a tocaria até os 20 anos. E é suficientemente baixo para causar repugnância até os últimos dias do prazo à jovem inquieta e há muito pronta para o amor. Arruinado por sua própria incompetência e pela concorrência organizada do sindicato de beneficiamento de algodão administrado por Silva Vacarro (Eli Wallach), Archie põe fogo às instalações dêste. Como bom siciliano, Vacarro prepara a **vendetta**. Inteligente, altivo, com os olhos molhados de revolta, porém confiante em sua superioridade de homem sobre o molusco inimigo, Vacarro começa a estudar Baby Doll e, simultaneamente, a trabalhar sobre seu infantilismo e sexualidade represada. Na determinação de fazer pelas próprias mãos a justiça que as autoridades negam à sua condição de "estrangeiro", sabe ser cruel e implacável. Como sedutor, mesmo frente à urgência de um jogo mais violento, é terno e compassivo. Quer excitar e confundir Baby Doll para obter uma confissão assinada sobre o crime de Archie Lee, mas,



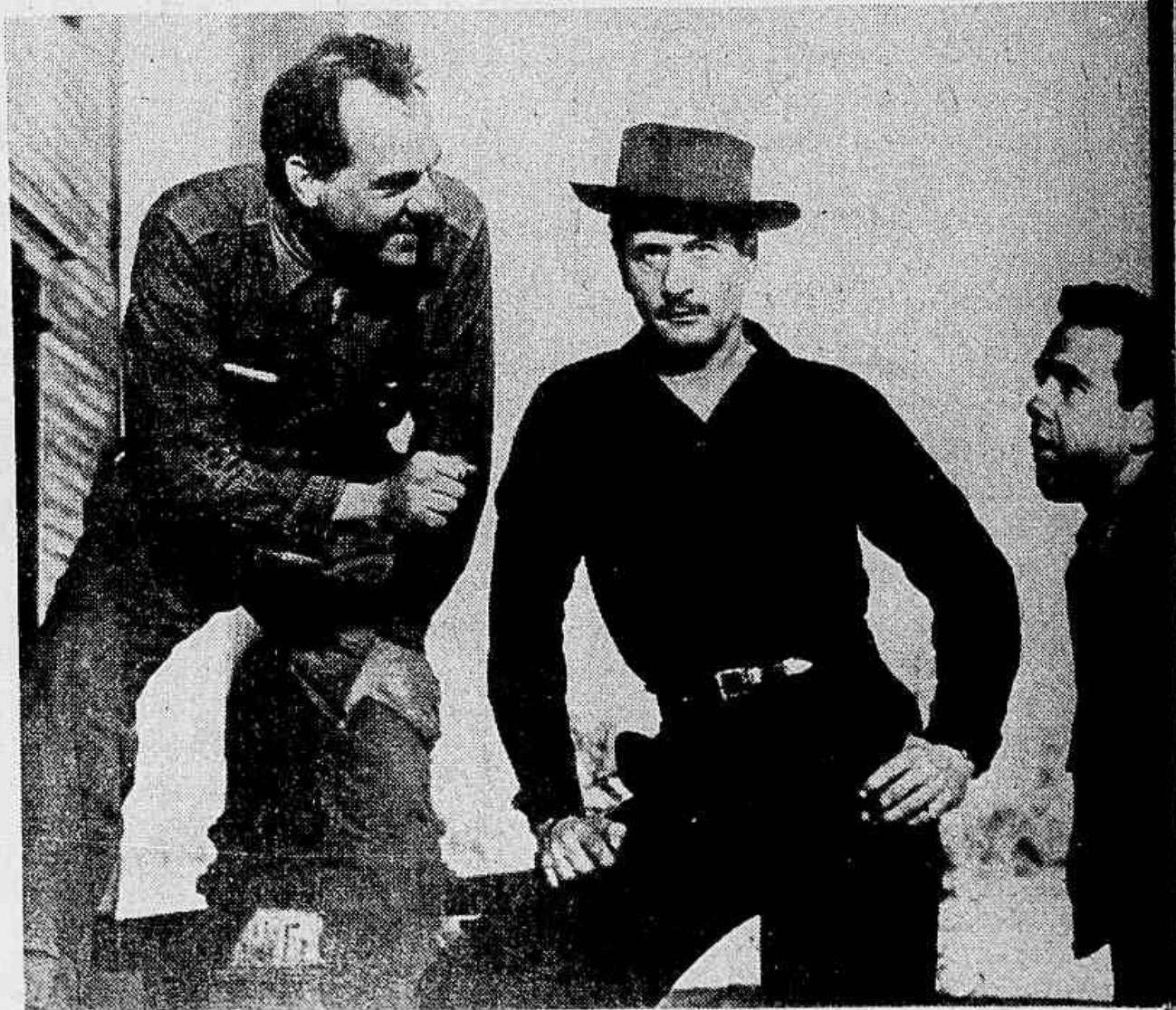
Carroll Baker : sucesso da noite para o dia.

“BABY DOLL”: UMA BOFETADA EXEMPLAR NO VELHO SUL

Malden, Baker & Wallach (ou) O Adultério Que Não Houve.



Eli Wallach : a “vendetta” pelo atalho do erotismo.



417-133

do
ão
eu
xo
em
oor
da
oor
ões
ta.
ém
sco
tá-
ade
ãos
es-
mo
m-
ter
aas,

a certa altura, já não sabe separar os meios e os fins, comove-se com a situação desumana em que o casamento colocou a menina-moça e toma a resolução de libertá-la do "marido".

Não há um adultério consumado no filme. Vacarro submete Baby Doll a uma série de situações (em forma de jogos infantis) que funcionam como um sucedâneo ou "trailer" perfeito do ato sexual. No final, a jovem continua virgem, mas suficientemente compenetrada de seus prazeres sonegados e de sua humilhação social para reagir como mulher contra o repulsivo Archie. Embora, como macho, reaja e se enteneça ante o insulamento carnal de Baby Doll, o homem Vacarro não quer descer ao nível do inimigo traindo sua hospitalidade (ainda que mercantil) no leito da mulher. A desconcertante *vendetta* de Vacarro é uma bofetada exemplar no que Tennessee & Kazan consideram o obscurantismo e a hipocrisia do Old South escravagista e reacionário. E de todos os que, em qualquer ponto cardinal, em qualquer paralelo ou meridiano, vivem animicamente no Velho Sul.

Repulsivo e apaixonante, picaresco e grave, patético e hilariante, magistralmente fotografado (por Boris Kaufman) e dirigido, — tudo isso é "Baby Doll", a primeira produção da Newtown (companhia independente de Kazan) que a Warner está apresentando.

Kazan, o diretor "oficial" de Tennessee desde a Broadway, sabe — talvez melhor que ninguém — dar ordem artística ao universo caótico e decadente do teatrólogo. O desespero de "Baby Doll" é tão lúcido na tela quanto o de Ingman Bergman ("Noites de Circo"). Só os tontos ou os escravos do *parti-pris* podem ver nele "confusão", "falta de coragem" e "ausência de estudo psicológico" (como o conhecido N. Fenin, correspondente de diversas revistas européias nos Estados Unidos).

A negação frontal não é menos tôla que a exaltação apressada. Uma perfeita apreciação crítica do filme é difícil após uma única visão; preferimos esperar a segunda. Especialmente delicada, aqui, é a questão das relações do diálogo na criação cinematográfica, pois grandes segmentos de "Baby Doll" parecem de um hibridismo esterilizante. Kazan, desejoso de demonstrar as qualidades de Tennessee como escritor de cinema, foi muito longe na subordinação da imagem ao diálogo, este freqüentemente superelaborado e infiel a certas exigências de realismo de que o cinema não costuma abrir mão impunemente.

Se "Baby Doll" é um passo à frente ou atrás na realização de Kazan como cineasta, é questão aberta ao debate. Porém, por sua coragem e amplo sucesso financeiro num momento suscetível do crescimento intelectual e moral de Hollywood, pelas próprias discussões estéticas que pode suscitar, é um marco na história do cinema americano. Há, em verdade, uma interpretação excessivamente grotesca e antifuncional de Karl Malden; também a interpretação inteligentíssima de Eli Wallach não está livre de exageros à moda de Tennessee. Mas, para conquistar um lugar nas antologias, bastaria a Kazan a impressionante *performance* que construiu com a novata Carroll Baker no papel-título. A criatura Baby Doll é, por si só, uma obra.

«CARA DE FOGO» NÃO METE MEDO

DE "A CARANTONHA", novela de Afonso Schmidt (in "Os Impunes"), o cinema paulista extraiu um filme sem grandes ambições, mas que se situa entre os mais promissores à espera de lançamento: "A Cara de Fogo". "É uma história comovente", declarou Galileu Garcia, o diretor. "Uma família sai de grande cidade para viver no campo, instalando-se em um sítio abandonado e tido como mal-assombrado. Enquanto trabalham a terra inculta, surgem as complicações: vizinhança incômoda de um sujeito prepotente; as traquinagens do garoto de 12 anos, que começa a descobrir um mundo novo, em companhia de um misterioso cavalo descoberto no mato. "Cara de Fogo" é uma terrível fantasmagoria que há muitos anos não permite que ninguém ha-

bite a sitioca. Eu e minha equipe tivemos a preocupação de realizar uma fita de autenticidade, tanto nos tipos, como na escolha dos ambientes. Esta escolha, por sinal, exigiu semanas a fio de pesquisas no município de São José dos Campos. Estou convicto, porém, que tais esforços foram decisivos para dar um toque legítimo na captação do caráter do interior paulista e de sua exuberante beleza plástica".

A PRODUTORA, Cinematográfica São José dos Campos, fundada nesta cidade em junho do ano passado, pretende "produzir filmes de características amplamente nacionais, focalizando obras de nossos escritores, locais pitorescos e costumes de nosso povo. Segunda realização, em projeto: "As Aventuras de Pedro Malazartes".

O DIRETOR é Galileu Garcia, muito jovem, visto com simpatia pelos críticos paulistas que acompanham de perto sua carreira. Trabalhou como assistente de direção de Lima Barreto em "O Cangaceiro", o melhor filme brasileiro, e também dos italianos Luciano Salce ("Floradas na Serra"), Flaminio Bollini ("Na Senda do Crime"), entre outros, dentro e fora da Vera Cruz. Pertence à geração polarizada pelo sonho dos estúdios de São Bernardo do Campo. Funcionou como produtor executivo em "O Gato de Madame", "Osso, Amor e Papagaios" e "Paixão de Gaúcho", da Brasil Filmes. Colaborou em vários roteiros cinematográficos. Dirigirá em breve "A Primeira Missa", produção e "script" de Lima Barreto.

O "SCRIPT" é de Neli Dutra e Galileu Garcia. N. D., sra. Alberto Ruschel, participou, com Aníbal Machado, do Departamento de "Scripts" da Vera Cruz, na fase em que Cavalcanti foi diretor-geral da produção. Trabalhou com o cineasta de "O Canto do Mar" no roteiro de "Ângela".

O ELENCO: Alberto Ruschel, Milton Ribeiro, Luci Reis, Ana Maria Nabuco, Gilberto Chagas, José de Jesus, Eugênio Kusnet, Renato Alrean, Nena Rodrigues, Antônio Coelho, Joaquim Silva, Jaime David, Oswaldo Leonel e elementos escolhidos no interior de S. José dos Campos. Ruschel e Ribeiro não corresponderam, nos filmes posteriores, às "promessas" de "O Cangaceiro". Ana Maria Nabuco teve uma estréia interessante em "Arara Vermelha" (embora deslocada no papel de Tilde), depois apareceu em "Uma Certa Lucrécia". Luci Reis vem da televisão e do teatro de revista e faz sua estréia cinematográfica. José de Jesus, de 12 anos, foi escolhido entre cerca de 200 meninos, em concurso patrocinado por jornal e emissoras de São José dos Campos.

A EQUIPE inclui Rodolfo Icsey, bom fotógrafo ("Arara Vermelha", "A Doutora é Muito Viva"), e Simonetti, um de nossos compositores mais ativos no cinema e também um dos que menos hostilizam as imagens.

SELEÇÃO

OS "MELHORES" escolhidos entre os filmes estreados no Rio até 28-4-1958:

- ◆ Filme: "Em Busca de um Homem (Will Success Spoil Rock Hunter?)", produzido, escrito e dirigido por Frank Tashlin. (Fox.)
- ◆ Ator: Laurence Olivier (Ricardo III).
- ◆ Atriz: Joanne Woodward (A Mulher do Próximo, As Três Máscaras de Eva).
- ◆ Coadjuvantes: John Williams (Em Busca de um Homem); Madeleine Robinson (Alma Satânica).
- ◆ Musicista: William Walton (Ricardo III).
- ◆ Fotógrafo (direção em cores): Oswald Morris (Moby Dick), em "Technicolor". Técnica especial criada em colaboração com John Huston.
- ◆ Fotógrafo (préto-e-branco): Claude Renoir (As Virgens de Salém).
- ◆ Filme nacional: "Absolutamente Certo!", cenarizado e dirigido por Anselmo Duarte. (Prod. Massaini.)



O poeta Vinícius de Moraes lendo um seu poema, inédito, em «A Grande Galeria Cássio Muniz», na Rádio Mayrink Veiga.

55 MINUTOS DE EMOÇÕES EM "A GRANDE GALERIA CÁSSIO MUNIZ"

Uma nova atração da Rádio
Mayrink Veiga, reunindo artistas
famosos, personalidades e
entrevistas palpitantes

DEPOIS DE INTENSOS preparativos a Rádio Mayrink Veiga lançou um novo programa, com 55 minutos de duração, pontilhado das melhores e mais positivas atrações. Trata-se de "A Grande Galeria Cássio Muniz", cartaz que tem a produção de Antônio Maria e a direção de Jair Taumaturgo, reunindo os grandes cartazes da PRA-9, e, ainda mais, outros expressivos valores do rádio, especialmente convidados para a apresentação de suas primeiras-audições. No programa figuram, também, os fatos da semana, focalizados de forma atraente e divertida. Há, ali, sempre uma entrevista palpitante, com uma personalidade em foco. E mais: duas orquestras, executando arranjos especiais de maestros consagrados. Não falta, no programa, o momento de encantamento poético, a ele comparecendo poetas famosos (como o fizeram Manoel Bandeira e Vinícius de Moraes) para a interpretação de seus poemas, quase sempre inéditos. É um sem número de novidades e surpresas que mantém o interesse do ouvinte assegurando o mais completo sucesso dêsse novo grande cartaz das sextas-feiras, às 20 horas, pelas ondas médias e curtas da PRA-9, patrocinado por "Cássio Muniz".



Depois da estréia de «A Grande Galeria Cássio Muniz», no coquetel oferecido pela Rádio Mayrink Veiga aos intérpretes e patrocinadores do programa, aí vêem-se Elizete Cardoso, Antônio Maria, Lúcio Schiller e o poeta Vinícius de Moraes.



Antônio Maria fala do programa aos senhores Lahyr Carbonara e Ocelo Pereira (gerente da filial de «Cássio Muniz» e chefe de publicidade, respectivamente), ladeado pelos senhores Renato Baptista e Jair de Taumaturgo, diretores da emissora.



JAGUAR VAI À FEIRA DO LIVRO





"O mundo de Lady Chatterley".



"O Brasil e suas riquezas".



"Comentários à Legislação do Trabalho".

NA FEIRA DOS LIVROS, na Cinelândia (Rio), uma das 168 barraczinhas fechou no dia em que, por estranha coincidência, as notícias internacionais diziam que "Kruschev arriscaria uma guerra nuclear com o Ocidente se estivesse certo da vitória".

A barraczinha era da Editôra Karel, estava localizada bem em frente à estátua de Chopin e tinha pregados vários cartazes anunciando o livro "Guerra e Paz", de Tolstoi.

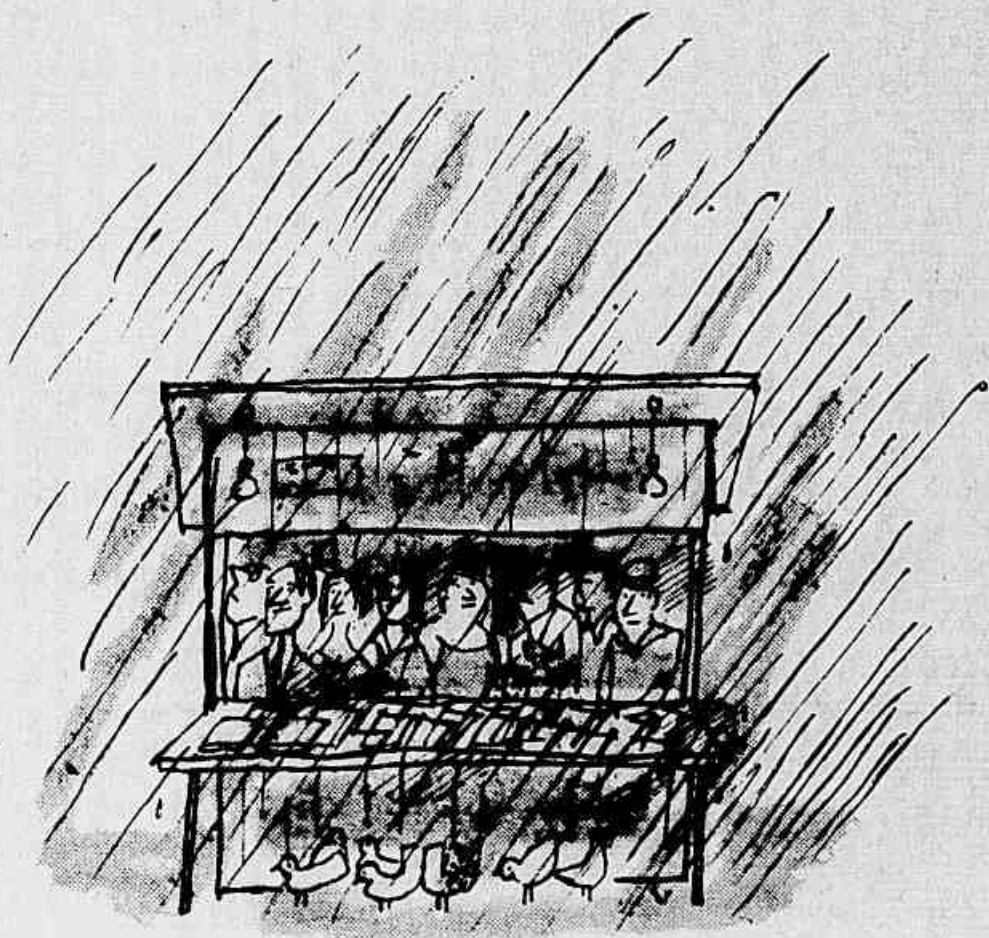
Mas o que chama mais atenção na Feira dos Livros (anualmente promovida pela Associação Brasileira do Livro) é a barraczinha da Livraria Edgar de Carvalho.

Motivo: dois "brotinhos" vendedoras.

O que vendem: romances.

Também muito procurada é a barraca da Editôra Vitória, que se especializa em livros sobre "problemas espaciais".

Uma senhorita que folheava um livro sobre discos-voadores: "Veja, Maria, o Sérgio tinha razão quando me dizia — nem todos os discos são redondos".





"Coma e emagreça".

Além de contribuir para que se torne mais distraída a passagem pela Cinelândia, já que qualquer um pode passar pela praça olhando as figuras das capas dos livros (ou mesmo folheando-os e até comprando), a Feira dos Livros apresenta desde as historietas em quadrinhos até às tragédias de Shakespeare.

No meio, acontecem livros do poeta Augusto Frederico Schmidt, valendo 1 500 cruzeiros cada um porque pertencem a uma edição especial autografada.

Há barraquinhas de poetas e uma pesquisa revelou que o poeta Homero Homem é o mais vendido por causa de seu livro "Calendário Marinheiro". Carlos Drummond de Andrade e Manoel Bandeira seguem de perto.

Hora de maior movimento na Feira: entre 17 e 18 horas, quando os funcionários deixam definitivamente o trabalho (para ir para casa) e o comércio está quase fechando.

Machado de Assis, Lima Barreto, Eça de Queiroz e Monteiro Lobato são os escritores mais vendidos.

De 6 mil cruzeiros é a média diária de vendagem.

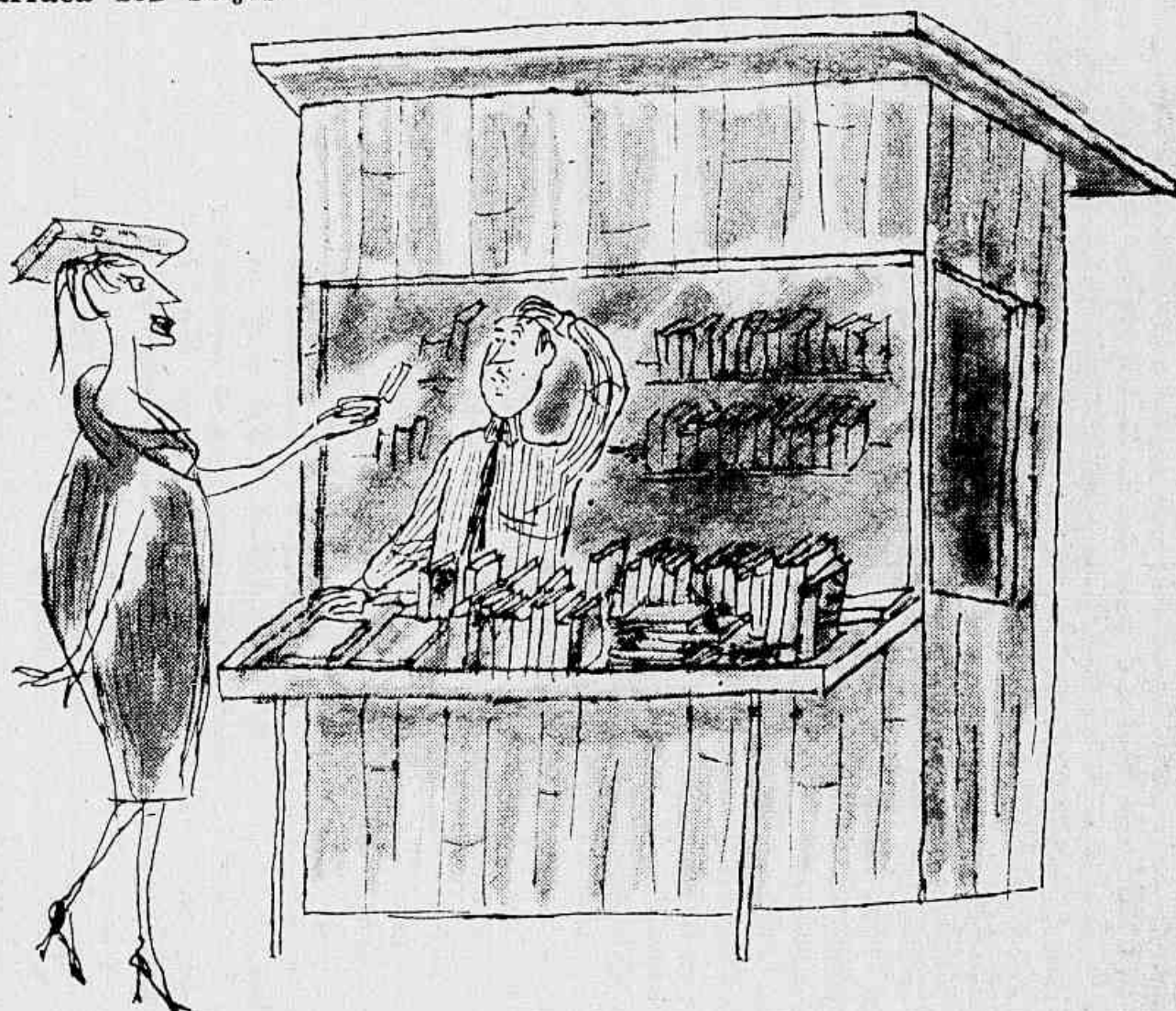
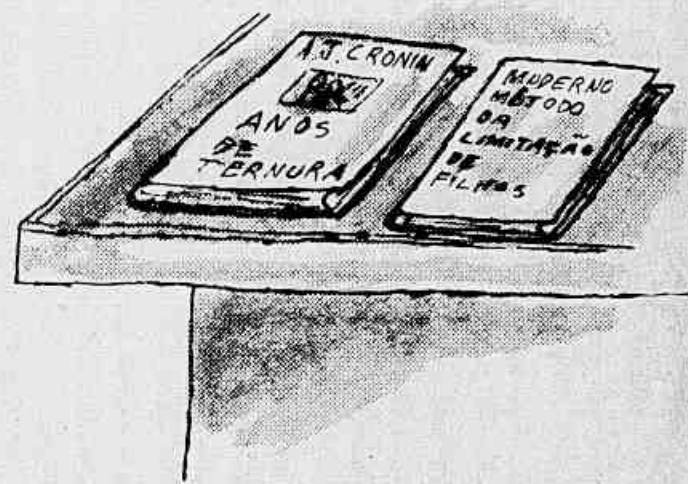
E um garotinho que passeava pela Cinelândia disse para a mãe:

"Eu preferia ficar lendo o dia todo a ir à escola. Deixa mãezinha?"

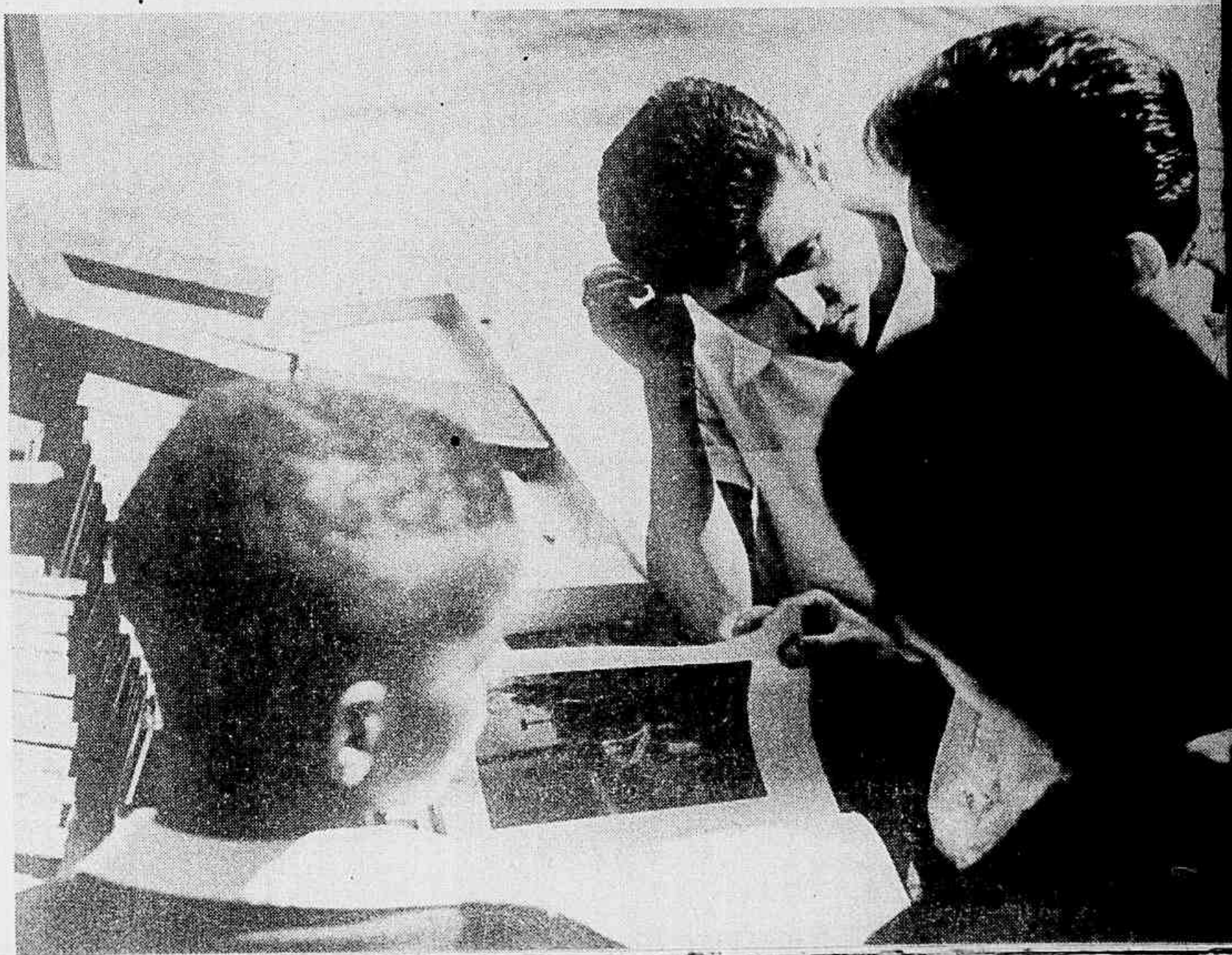
Ela preferiu comprar os conselhos de Dale Carnegie: "Como fazer amigos e influenciar pessoas".

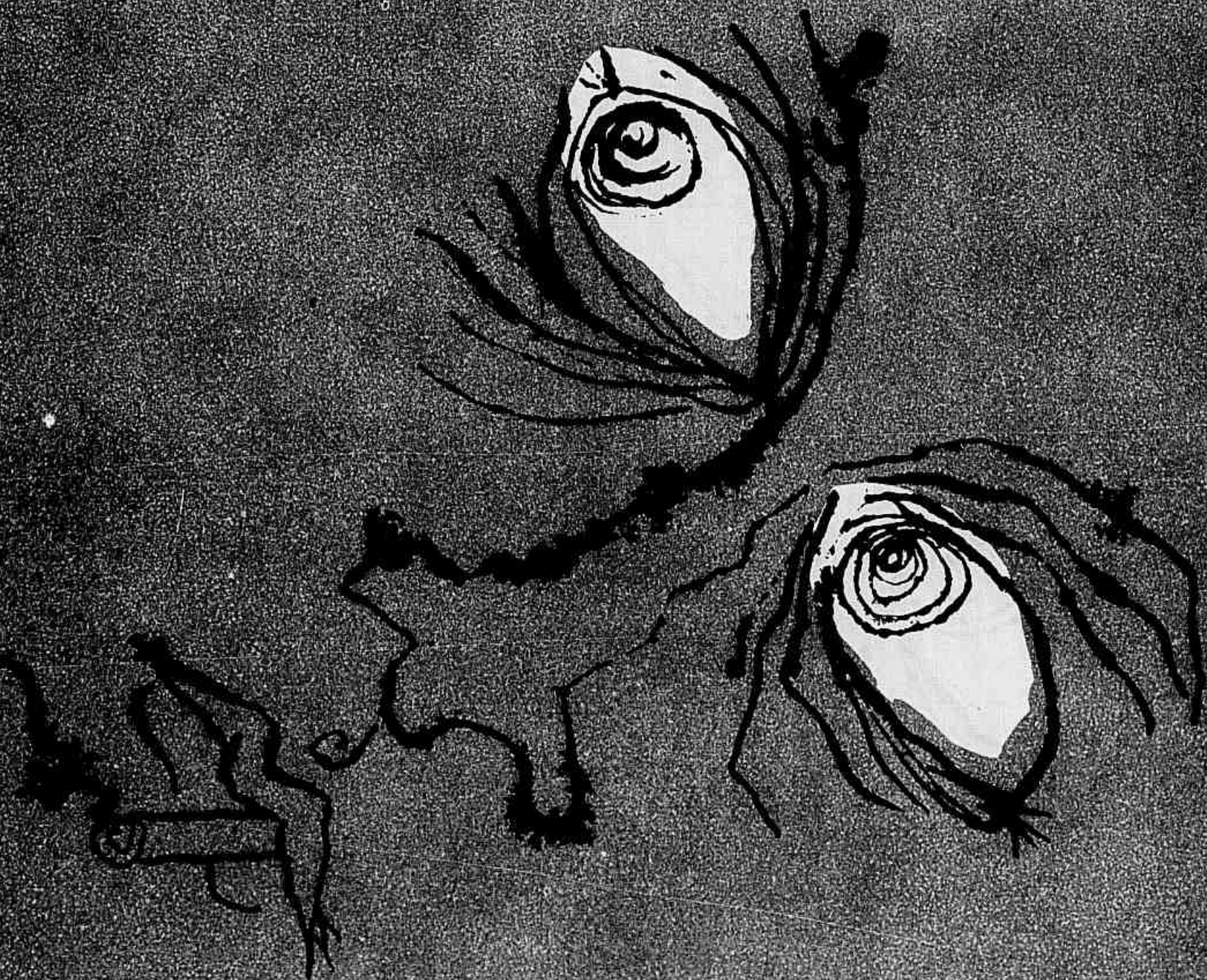
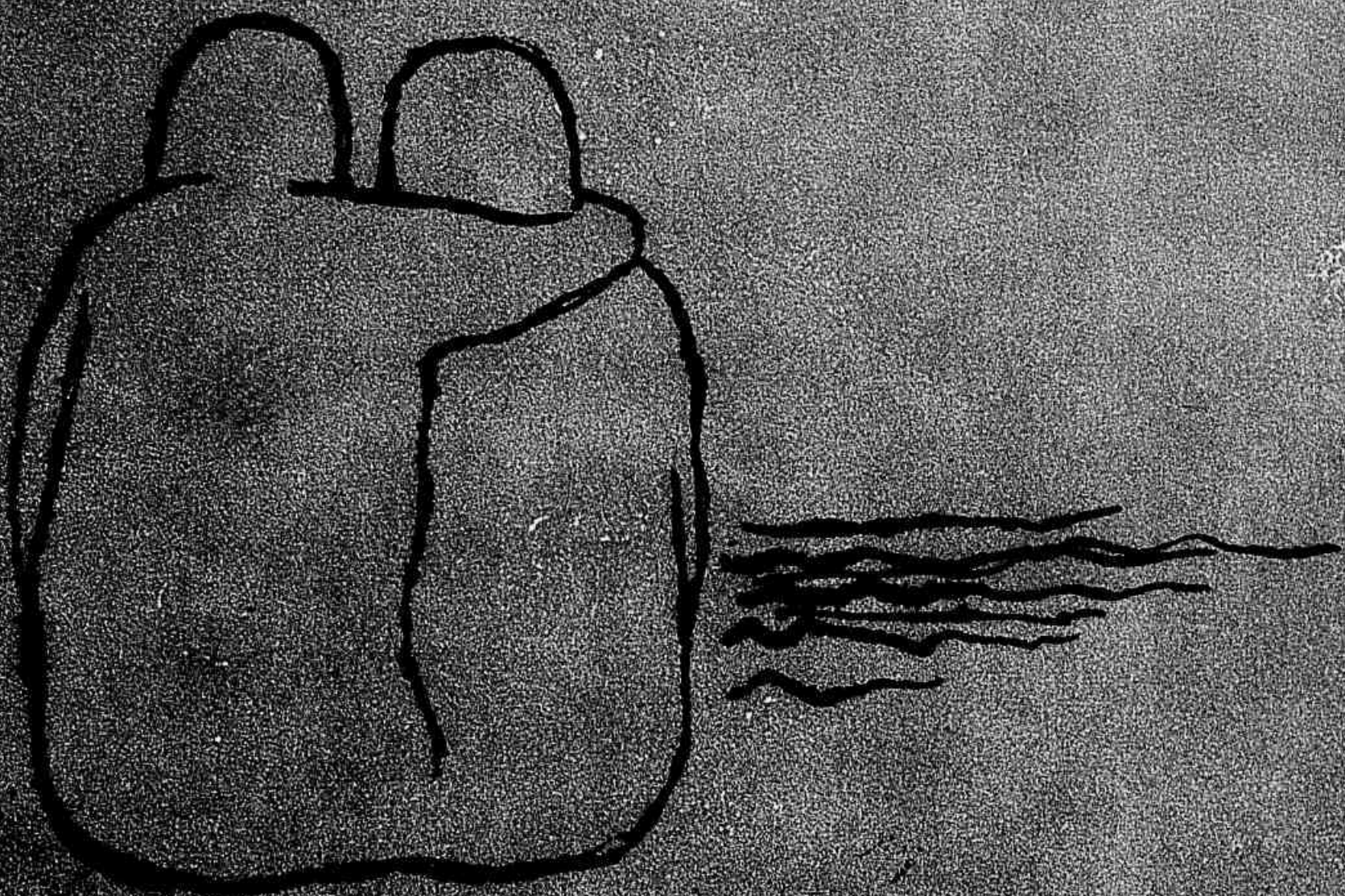


"A barraca dos beijos".



"Biologia superior".





Hand-drawn sketch of a hand with a large, dark, irregular shape on the palm, and a small object held between the fingers.

AREIA

Miguel Borges

ELE SALTOU DO ônibus e caminhou na direção da praia. Avistou os dois vultos unidos num só, pousado na areia e voltado para o mar. Quando o avistou meteu a mão no bolso e puxou um cigarro, parando para deter o vento com a concha da mão e riscar o fósforo. "Se eu não fôr de uma vez nunca mais irei", foi o que pensou, com as mãos tremendo. Sentou-se na ponta de um banco e lançou um olhar para o vulto que estava lá embaixo, junto da espuma. A água talvez cobrisse os pés deles tôdas as vezes que avançava um pouco mais: "Eles devem ter tirado os sapatos". Percebeu que se ficasse naquela posição durante muito tempo seu olhar acabaria atraindo o deles, o que não era de desejar. "Não posso ficar aqui olhando para eles. Se eles me virem aqui olhando para eles, sem me mexer nem fazer coisa alguma, aí é que eu nunca mais serei capaz de nada". Resolveu pôr-se meio de lado com relação ao plano que podia ser traçado entre a superfície de seu peito e as cabeças dos dois. Executou os movimentos necessários e se sentiu realmente mais calmo, como se seu interesse passasse a resvalar em ângulo oblíquo sobre a cena na praia e o choque se amortecesse um pouco. Assumiu tanto quanto pôde o ar de alguém que estivesse simplesmente tomando o ar da tarde, sem maiores preocupações e chupando a fumaça do cigarro como quem o fizesse sem prazer considerável. Chupou uma fumaça, pigarreou, escarrou e cuspiu na areia, torcendo um pouco os ombros e a cabeça. Aproveitou para olhar mais uma vez o vulto, que se tinha modificado um pouco. Um corpo estava estendido e o outro sentado, com as costas largas curvando-se. "Ele deve estar cavoucando a areia com os dedos", como ele próprio havia feito muitas vezes em ocasiões como aquela. Chupou outra fumaça e pigarreou outra vez, cuspidando de novo na areia.

"Preciso ir", pensou. Atirou fora o tóco do cigarro, fazendo-o voar de um lado para outro da rua. Levantou-se e deu algumas passadas ao acaso, com as mãos nos bolsos. Sentou-se e procurou a necessária distribuição de planos en-

tre seus olhos e as cabeças na praia, mas desistiu antes de achá-la de novo.

"Vamos de uma vez". Levantou-se e saltou da calçada para a areia, com determinação inversamente proporcional à força do fato de naqueles dias estar pensando, não sem algum entusiasmo, que poderia chegar a encontrar um objetivo para sua vida. "Não encontrarei objetivo algum", pensou. Seus pés afundavam-se na areia e suas pernas retesavam-se para puxá-los. "Não encontrarei objetivo algum. Não vou dar importância a semelhante balela". E caminhou pela areia, procurando pôr-se disposto a sacrificar o sentimento consolador de que poderia chegar a cumprir um objetivo em sua vida. Seus pés afundavam-se na areia e ele puxava-os com esforço. Suas mãos balançavam e tremiam indo e vindo rente a seu corpo, e ele caminhava entre o mar e os edifícios, pela areia fôfa.

"Diabo". Parou, girou desorientado e acabou acendendo outro cigarro. Moveu-se lentamente e com cautela, até colocar-se por detrás do vulto já um pouco mais preciso em seus contornos. Pelo visto os dois estavam de novo abraçados e ele tinha deixado de cavoucar a areia. "A maré estará baixando ou subindo?" Se estivesse baixando, não haveria perigo. Mas se estivesse subindo as ondas avançariam cada vez mais, até molhar as calças dele, mesmo que ele as arregasasse, e pelo menos a barra da saia dela. Eles tratariam de apanhar os sapatos e sair, e fatalmente o veriam ali em pé, olhando para eles, absolutamente inofensivo e desprezível. "Será que as variações de nível da maré são muito grandes aqui?". Ele não tinha a menor idéia e sentiu um vazio no estômago. "Diabo, não posso me sentir apavorado só porque não sei se a maré varia muito de nível aqui nessa praia". Mas não conseguiu convencer-se. Soltou o cigarro no chão e procurou inutilmente esmagá-lo com o pé sobre a areia fôfa. Experimentou primeiro o bico do sapato, depois o salto, mas apenas conseguiu enterrar o tóco na areia e perdê-lo de vista. "Se tivesse conseguido esmagá-lo estaria me sentindo melhor", foi o que pensou, endireitando o corpo e pondo-se ou

tra vez em marcha. "Até parece que minhas juntas estão desatarrachadas", pensou, notando o modo desordenado como andava e quase cambaleava pela areia, e esforçando-se por tirar um sorriso desse pensamento.

Tinha jogado fora o cigarro quase inteiro, e agora já estava sentindo necessidade imediata de fumar. Afastou-se do vulto junto à espuma, tangenciando o círculo onde seu interesse por ele poderia de um momento para outro tornar-se indisfarçável, e evitando olhá-lo por momentos demasiado longos, por medo de que seu olhar acabasse fazendo-os virar a cabeça. Acendeu outro cigarro, soprou uma fumaça, e lamentou que o vento estivesse forte e ele não pudesse apreciá-la enquanto saía de sua boca e de suas narinas, o que sem dúvida o ajudaria a acalmar-se. Olhou detidamente para a areia, mas nela não havia sinal dos movimentos que havia feito desde que descera da calçada. A verdade é que se sentia sensivelmente mais calmo e quase disposto a encarar a situação com bom humor, talvez com espírito esportivo. "Vamos convir que não deixa de ser engraçado um indivíduo ficar dando voltinhas pela areia da praia enquanto sua amante troca beijos com outro. Principalmente quando esse indivíduo, ainda no dia anterior, estava certo de que poderia chegar a ter alguma coisa que o ocuparia de maneira mais ou menos satisfatória e o impediria de pensar muito em qualquer outra coisa que pudesse tornar-se motivo de seus esforços". Chupou e soprou mais uma fumaça e deu algumas passadas ao acaso pela areia fôfa, enterrando e desenterrando os pés. Um pensamento fez com que largasse o cigarro no canto da boca e deixasse os braços resvalarem ao longo do corpo. Fez o possível para extrair daquele momento a emoção que lhe interessava. O cigarro abandonado entre os lábios, fumegando visivelmente se não fôsse o vento do mar, e os braços largados rente ao corpo, oscilando um pouco, vazios, mas com os músculos contraindo-se para agarrar alguma coisa: era uma descoberta que estava fazendo, uma descoberta que poderia ter importância fundamental em

sua vida. "Diabo", pensou, percebendo que se esforçava por fazer da coisa uma descoberta e poder gozar a emoção de uma descoberta. O que o tinha feito soltar o cigarro entre os lábios e largar os braços fora o pensamento de que afinal havia achado uma saída.

Acocorando-se e começando a riscar a areia, tratou de enunciar em termos precisos e claros o raciocínio. "Eu posso procurar fazer carreira num grande jornal. Posso chegar a chefe de reportagem desse jornal, a redator-chefe, a diretor ou qualquer coisa nesse estilo". Fêz um risco fundo e respirou pesadamente. "Por algum tempo serei apenas um repórter, mas é melhor ser repórter e esperar chegar a chefe de reportagem do que já ser chefe de reportagem". Achou bastante confusa e discutível essa afirmação e passou adiante antes que fosse tarde. "Se fosse outra coisa qualquer eu não estaria tão contente, mas trata-se de um jornal. É claro que há outros setores de atividades onde eu poderia encontrar essa mesma emoção; pelo menos é possível que haja, mas nenhum seria tão bom para mim como um jornal ou revista, e não vamos indagar agora porquê". Tentou reorganizar a teia de riscos na areia à sua frente, no que não foi muito bem sucedido, o que o levou a amaciar cuidadosamente a superfície e prepará-la para novos traços. "O fato é que o jornal me interessa porque estando nêle eu posso enveredar por qualquer caminho. Posso entender que sou um idealista e promover campanhas em benefício da coletividade". Sua mão tremeu quando ele pensou nessas palavras, e sua boca fechou-se com força, para garantia de que as mesmas não seriam pronunciadas sem a indispensável gesticulação expressando pouco caso e ironia misturados. Levou a mão à boca, pegou no cigarro e jogou-o fora. "Se entender de ser político poderei ser político ou pelo menos tentar ser. Político, corrupto ou não corrupto, terei os meios de ser uma coisa ou outra". Ia desenhando na areia, o que não deixava de ser-lhe útil. "Posso romper de uma vez e fundar um jornal ou revista de pornografia de alta classe, ou então avacalhar com o jornal ou revista de que eu fôr diretor ou redator-chefe, até que dêem pela coisa e me impeçam". Levantou-se e olhou o mar frente a frente. O vento agitava-lhe o paletó, fazendo nas dobras um ruído forte de vela ou pendão ao vento — segundo o que ele próprio pensou, o que na verdade o fêz sentir-se confiante e pensar que poderia concluir sem grande risco. "Posso lançar-me em qualquer tipo de aventura".

"Portanto, por que me envolver numa encrenca com esse menino por causa dessa pequena?" Aqui ele se esforçou por continuar em sua tentativa de controlar e ordenar os pensamentos, mas parou. Sentiu instantaneamente que nada conseguiria e levantou-se. Desmanchou os riscos na areia com o pé. "Aqui estou eu, tentando controlar minhas emoções. Não vejo porque não posso corse-

gui-lo, porque de fato meu problema parece brincadeira, ou se não parece brincadeira é qualquer coisa que não se pode levar muito a sério. Para passar a encará-lo como coisa séria é preciso reunir todos os elementos da realidade, os prováveis e os improváveis, se é que esses adjetivos querem dizer alguma coisa e reagrupá-los de modo a compor um recipiente para semelhante problema".

Acocorou-se de novo e recomeçou a riscar a areia com o dedo. "Vejam". Seu dedo traçava grandes linhas, forçando os músculos de seu braço a estirarem-se e desdobrarem-se tanto quanto podiam. "O problema é o seguinte". Imprimiu dois pontos na areia fôfa, com a ponta do dedo. "Dêsse modo nunca chegarei lá". Levantou-se mais uma vez e chutou a areia, que como sempre ce-
deu com facilidade. Uma certa quantidade de areia voou na direção do vulto, mas eles estavam bastante longe e de costas e não notariam nada, e nenhum grão de areia cairia em cima deles. "Eu preciso é resolver alguma coisa, tomar uma decisão qualquer e pronto. Por exemplo, vou resolver que é só chegar lá, pegá-la pelo braço e trazê-la. Se ele protestar eu o esmurrarei". Não queria pensar no que ela acharia de ser puxada sem mais aquela. Quando esse pensamento o alcançou, encolheu os ombros e chutou mais uma vez a areia: "isto se resolve depois, ou não se resolve, não interessa". Estava com medo de se sentir fraco se começasse a fazer conjecturas e medir possibilidades. Admitiu apenas o problema da força do outro, que devia ser maior que a dele. "Ele é um rapaz metido a atleta, e minha única vantagem será esmurrá-lo primeiro, no estômago, se fôr necessário dar pancada". Avançou tão decididamente quanto possível pela areia mole. "Vai dar certo. Não há dúvida de que o negócio é esse. É importante que eu vá sem medo e com a certeza de que tudo vai sair o.k. para mim". Avançou um pouco mais e pôs a mão no ombro dela.

— Vamos — disse. Olhou para o outro e teve certeza de que tudo daria certo quando o viu miserável e inferior, com os olhos esbugalhados e o corpo bem lavado e bem cuidado dentro das roupas quase femininas. "É um boneco", e sentiu pena dele, porque queria e porque empurrou instantaneamente para o fundo da consciência o caráter inteiramente discutível desse conceito.

— Vamos — repetiu, com a voz naturalmente modulada expressando certeza e tranqüilidade. Levantou a moça pelas axilas e pensou em carregá-la nos braços.

A mão agarrou-o e puxou. Ele largou a mulher, voltou-se e viu-se frente a frente com o outro. "É agora". Queria que a mulher estivesse olhando. Puxou o braço direito e enterrou-o com toda a força no estômago do inimigo.

Entretanto seu braço transformou-se em pó. Era como se fosse um braço de

areia que a pressão contra o estômago do outro fizesse desmanchar-se. O fato é que seu braço se desmanchou em areia durante o instante do murro. A areia-zinha fina caiu sobre a areia da praia, formando um montículo alongado. Com os olhos esbugalhados olhando o vazio do braço e o montículo de pó no chão, ele esqueceu de defender-se. O outro atingiu-o no rosto com o punho fechado e ele caiu de joelhos.

Com o choque da queda, seus joelhos confundiram-se com a areia. Ele rolou desamparado, e de suas coxas só restavam dois cotos. Caiu de bruços. O bico de um sapato apanhou-o pelas costelas e virou-o. O inimigo ergueu o pé e começou a desmanchar-lhe o outro braço e o que sobrava das pernas.

— Veja só como ele vira areia — disse para a mulher.

"Eu estou me transformando em areia. Daqui a pouco serei areia. Minha cabeça levou um murro e agüentou, mas duvido que daqui a pouco agüente. Eu estou me transformando em areia, o que não me espanta. Não me espanta porque não sei quais são as coisas que não espantam e as que espantam. Se ele me esmurrar outra vez ou pisar em meu rosto eu virarei areia completamente, mas então não é provável que isso me importe muito!"

Pisaram-lhe o peito, que se transformou em areia como tudo o mais, embora no começo resistisse um pouco. Depois de um momento restava-lhe apenas a cabeça, na ponta de uma vaga forma humana desenhada com areia fina sobre uma areia mais grossa. A moça aproximou-se e olhou-o nos olhos. "Que vai acontecer agora?". O olhar dela comoveu-o. Foi o simples fato do olhar que acabou por comovê-lo. Não podendo compreender o que se expressava no olhar dela, o que o comovia eram os dois olhos suaves e bonitos voltados para sua cara. Alguma areia havia entrado nos seus, e ele não podia examiná-la à vontade para compreender seu olhar.

— Veja só a cara dele — disse o outro para a mulher.

Ela continuava a olhá-lo. "Ainda é tempo para uma solução a meu favor", suplicava ele com os olhos, piscando e chorando por causa do cisco. Só não queria suplicar com a voz, porque a coisa se tornaria demasiado explícita. "Eu só quero que você tenha pena de mim. Eu só quero que você continue a me dar prazer e me deixe passar o tempo com você e não pensar em mais nada. Eu só quero que você tenha piedade de mim, eu não me importo. Piedade é uma forma de amor". Ignorou propositadamente que todos os termos dessa afirmação, principalmente o conceito de amor, eram perfeitamente discutíveis.

O pé dela ergueu-se diante de seus olhos.

"Pelo amor de Deus!", pediu em silêncio, sem ter tempo de evitar essa expressão e escolher outra.

ago
fato
reia
eia-
aia,
Com
azio
não,
utro
ado

hos
blou
sta-
bico
elas
co-
raço

lisse

eia.
ca-
mas
Eu
que
por-
não
êle
em
leta-
que

sfor-
em-
uco.
ape-
vaga
fina
moça
"Que
a co-
olhar
endo
a no
dois
a sua
nos
von-

outro

da é
aver",
do e
não
ue a
ícita.
a de
tinue
sar o
mais
a pie-
Pie-
ncrou
êrmos
con-
e dis-

seus

m si-
essa



**Claustro do Convento de Santa Teresa,
onde funcionará o Museu de Arte Sacra.**

A ARTE SACRA VAI TER UM MUSEU NA BAHIA

A BAHIA (A CAPITAL) é um museu de arte. Arte que sobe pelas ladeiras seculares, que aponta, aqui e ali, em portais como o do Liceu de Artes e Ofícios e da Santa Casa, ao alcance do transeunte como no Beco do Mingau, ao Sodré, à vista e à admiração públicas, como o oratório do Pilar, nas fachadas azulejadas de velhos edifícios, na Associação



S. Cosme e S. Damião (madeira): autor desconhecido.



Jesus deixando o túmulo, pintura da antiga Sé.

Imagens e altares antigos



Imagem de N.S. da Conceição, da antiga Igreja da Sé.

Comercial, nos painéis incorporados à Reitoria da Universidade da Bahia, nas suas igrejas ricas de tudo.

A Bahia precisava, entretanto, de um museu de arte sacra, que reunisse o material disperso e mal conservado.

De há muito que o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Ministério da Educação, pensa nisso. Quando da reconstituição da "Casa dos Sete Candieiros", acreditou o sr. Rodrigo de Melo Franco que tivesse chegado a vez do Museu de Arte Sacra da Bahia. Mas não.

Quando ministro da Educação, acreditou o sr. Simões Filho, que lhe coubesse reunir, em um museu, o patrimônio artístico da cidade. O cardeal da Silva, então arcebispo primaz apenas, teve mais de um entendimento com o ministro; um acordo chegou a ser feito, mas as conversações não chegaram a bom termo.

Há, no sótão da Catedral de Salvador, o que se convencionou chamar de o Museu da Catedral. O cônego Odilon, vigário da Basílica, reuniu ali mais de cem peças de grande valor artístico. Boa parte desse material veio da antiga Sé, demolida ao tempo do governo Juraci Magalhães; alguma coisa também da antiga Igreja da Palma; imagens recolhidas, em vários templos, pelo padre Odilon. Há andores trabalhados em prata; lá está a cadeira de trabalho do padre



São Gonçalo e Santo Ambrósio, e um desconhecido. Imagem do Convento do Destêrro.

os deixarão o sótão da Catedral

Antônio Vieira; há um altar da Sé, do século XVI, todo em prata. O chamado Museu da Catedral é, porém, apenas um ajuntamento de peças, quase umas sobre as outras, em sala escura e a que se chega por escadas ainda mais escuras, de dezenas de degraus.

O material existente na Bahia é de origem em boa parte imprecisa. Vez por outra, aparece uma contestação a supostas autorias. As peças de pintura, umas vieram de Portugal e outras foram feitas em Salvador, pelo mineiro José Joaquim da Rocha, como mineiros foram Antônio Pinto e Antônio Dias, que igualmente contribuíram para a riqueza artística da terra. E deles há traços fortes na Igreja da Conceição da Praia e na Capela da Ajuda.

Já na escultura, o mais precioso que há em Salvador deve-se ao prêto baiano Chagas. Na Ordem 3.^a do Carmo há, dêle, o Grupo das Dores, S. João e Madalena. Daí para cá daria a Bahia inúmeros "santeiros" como "Seis Dedos", Manoel Inácio da Costa, da Vila de Cairu.

A Universidade da Bahia, desde a sua fundação, tomou a si a constituição do Museu de Arte Sacra da Bahia. Foi assinado, então, um convênio entre a Universidade e a Mitra, pelo qual esta entrega àquela, pelo prazo de 60 anos, o antigo e abandonado Convento de Santa Teresa, ao Sodré,

onde funcionou o Seminário da Bahia, e cuja Igreja foi aberta à veneração em 15 de outubro de 1687, pelos Carmelitas Descalços. A Mitra entregará ainda à Universidade todas as peças do Museu da Catedral, bem como outras julgadas essenciais à constituição do Museu de Arte Sacra.

O antigo Convento de Santa Teresa está quase em ruínas. Mesmo a capela se encontra em péssimo estado de conservação, com o seu altar principal deformado por obras recentes. A Diretoria do Patrimônio traçou, para a Universidade, o plano de reconstituição da Igreja e do Convento, devendo ser destruída a parte nova, onde funcionou o Seminário Menor. E, além do Museu, pretende a Reitoria instalar, no Convento dos Teresios, uma Escola de Canto Gregoriano e o Instituto de Estudos Portugueses.

O Museu de Arte Sacra da Bahia será o primeiro da América e um dos poucos do mundo. Para organizá-lo, selecionado o material pôsto à disposição da Universidade, o reitor Edgar Santos convidou o dr. Dioclécio Redig de Campos, conservador dos Museus do Vaticano, que prometeu estar na Bahia nos primeiros dias de junho.

Espera a Universidade inaugurar o Museu antes de dezembro, já tendo sido iniciadas as obras de restauração do velho convento.

MAGALHÃES JR. REESCREVE COLETTE

A HISTÓRIA DE COLETTE foi adaptada à cena por sua criadora juntamente com a americana Annita Loos, de forma bastante própria, conservando o ambiente retratado, o de Paris, começo deste século, quando reinavam as grandes "cocottes", elegantes, esnobes e sobretudo hábeis em conseguir vantagens financeiras dos homens. Gigi é uma menina, filha de uma cantora sem talento, neta de uma senhora simples que nunca se casara. A irmã desta última, entretanto, foi uma famosa mundana que vivia em grande luxo, fruto de sua habilidade na juventude. Gigi, aos 16 anos, ainda permanecia uma menina infantil à força de uma criação retraída dos contatos normais. Sendo filha de uma artista era necessário fazê-la mais criança para não envelhecer a mãe. Apesar de tudo, a família visava para Gigi um lugar bastante proeminente no sentido monetário, não se preocupando com a moral ou a felicidade no amor. O importante era ser cortejada por homens ricos...

Ao completar 17 anos, a tia mundana resolve instruir a menina nos mistérios da vida, educando-a para saber tirar partido do físico. Gigi, contudo, ingênua e simples resiste aos ensinamentos e acaba por se casar com o milionário que as suas preceptoras pretendiam para iniciar a carreira mundana da jovem.

A direção de Luca de Tena agradou de modo geral; lidou, é verdade, com um grupo de artistas de qualidade e disciplinados — o que lhe facilitou a tarefa. Laura Suarez (se bem que a linha de "Andréa" estivesse caricatural em demasia) teve cenas para demonstrar seu domínio no palco, principalmente na cena do pileque (aliás inexistente na versão francesa). Sarah Nobre, na avó, esteve bem à vontade, mas evidenciando os vícios do teatro antigo. Da mesma forma Cecy Medina e Delorges Caminha, nos criados "Sidônia" e "Victor". Paulo Goulart desempenhou bem o "Gaston", lutando, entretanto, com uma vestimenta que não condizia muito com o tipo interpretado.

Henriette Morineau esteve excelente na tia "Alicia", empregando a superioridade, classe e pompa da sua curiosa

personagem; constituíram momentos maravilhosos as suas intervenções.

Suzana Freyre foi a "Gigi" quase ideal, movimentando, inflexionando, passando-se da forma mais convincente no papel da menina-moça. Afirmamos que foi quase ideal, porque seu sotaque argentino a traiu em certos momentos, dificultando a audição das falas. Convenhamos, entretanto, que conseguiu uma "performance" admirável.



Os cenários de Benet Domingo foram fiéis ao texto, salientando o mau gosto da época (na casa de Madame Alvarez) e o requinte do "boudoir" de Alicia.

Estranhamos bastante o texto nessa versão brasileira de R. Magalhães Júnior. Havíamos lido a adaptação francesa, encenada em 1954 em Paris e observamos que muitas cenas foram enxertadas, além de uma personagem (Sidônia) que não continha no texto francês. Essa liberdade exagerada seria baseada na versão americana? Acreditamos que tenha sido "contribuição" do tradutor, vez que em outras traduções já evidenciou esse seu gosto em acrescentar e cortar com extrema sem-cerimônia.

NACIONAIS

DEVE ter estreado o "Teatro das Segundas-Feiras" da CTCA no Mesbla, com "Ecurial" e "Os Cegos", de Guelderode, e "Conversação Sinfonieta", de Jean Tardieu — três peças não comerciais que dificilmente seriam levadas aqui no Brasil.

Essa inovação é bastante interessante levando-se em conta a oportunidade que a CTCA, com esses espetáculos, oferece a diretores, cenógrafos, artistas, etc. sem preocupação da renda de bilheteria. Fazemos votos sinceros que constitua êxito e que sua influência repercuta da melhor forma possível.

DANDO cumprimento à lei de proteção (?) o Teatro da Praça inaugurou suas atividades no palco da escola da Prefeitura situada na Praça Cardeal Arcoverde (Copacabana) com a peça infantil nacional de Lígia Nunes, "O Bôbo Bobão". A peça, sem nada de extraordinário, serviu para demonstrar a qualidade artística dos seus integrantes; resta-nos agora aguardar o dia 22, quando o Teatro da Praça apresentará "Chapéu de Palha de Itália".

INFELIZMENTE "A Valsa dos Toureadores", de Jean Anouilh foi um fracasso no Teatro da Cultura Artística, em São Paulo; segundo os entendidos, o principal erro foi da direção de Augusto Boal (anteriormente muito elogiado pelo trabalho em "Ratos e Homens" e como autor de "Marido magro e mulher chata"). Por causa disso, voltou ao cartaz daquele teatro "Society em baby-doll", de Henrique Pongetti, enquanto ultimam os ensaios para a estréia de "Um chapéu cheio de chuva".

INTERNACIONAIS

"A VIEW from the bridge", de Miller, está tendo uma maravilhosa acolhida em Paris, com um elenco muito elogiado, sobretudo Raf Valone. Esta peça já foi cogitada pelo T.B.C., mas ainda não decidiram se a encenarão realmente.

PELA PRIMEIRA vez em Roma, está sendo apresentada no Teatro Goldoni, "A Rainha Morta", de Montherland, alcançando espetacular êxito. No Brasil essa obra foi encenada pelos "Comediantes" e foi também apresentada no Municipal em uma antiga temporada da "Comédie Française".



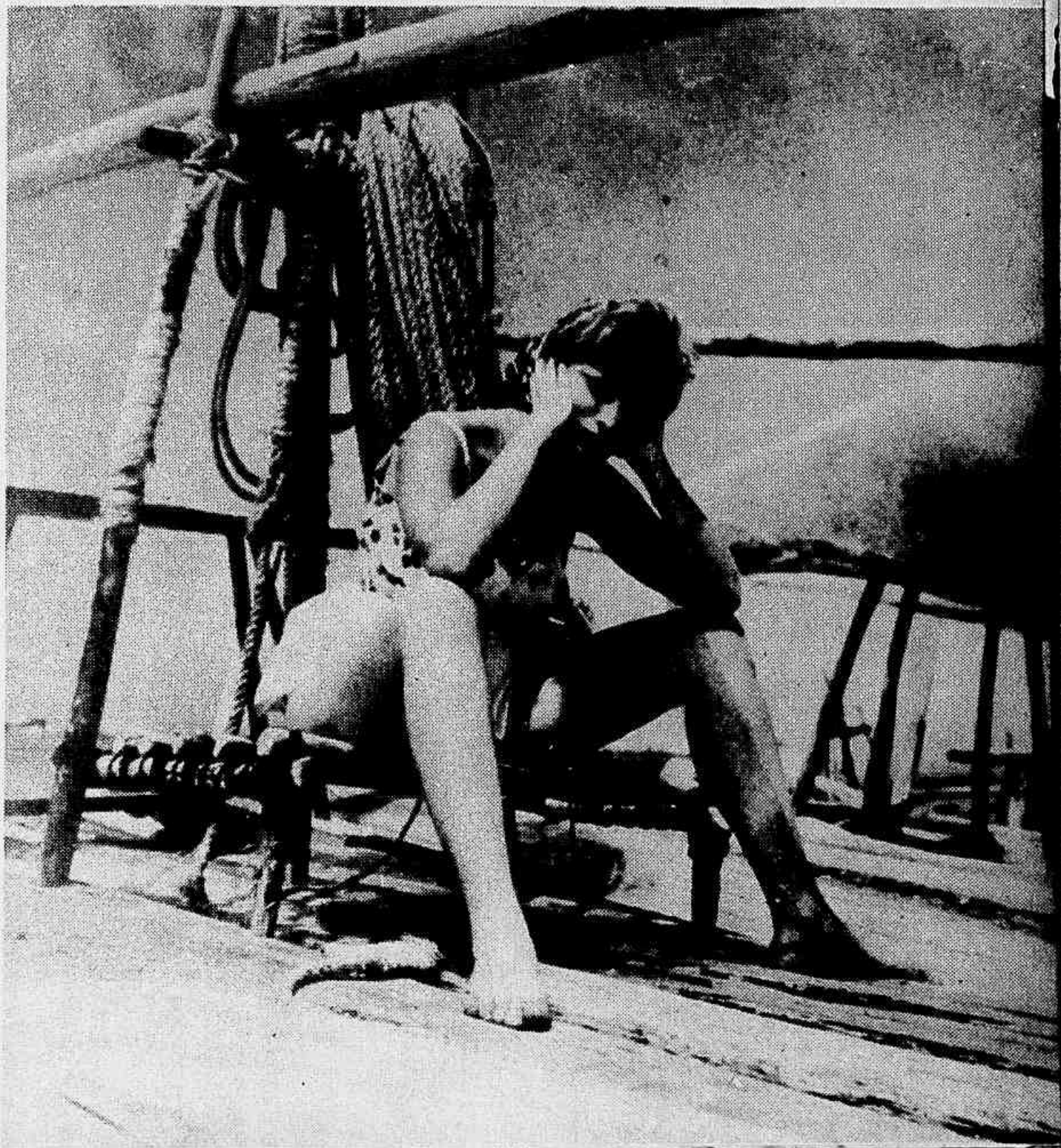
RECIFE, maio.

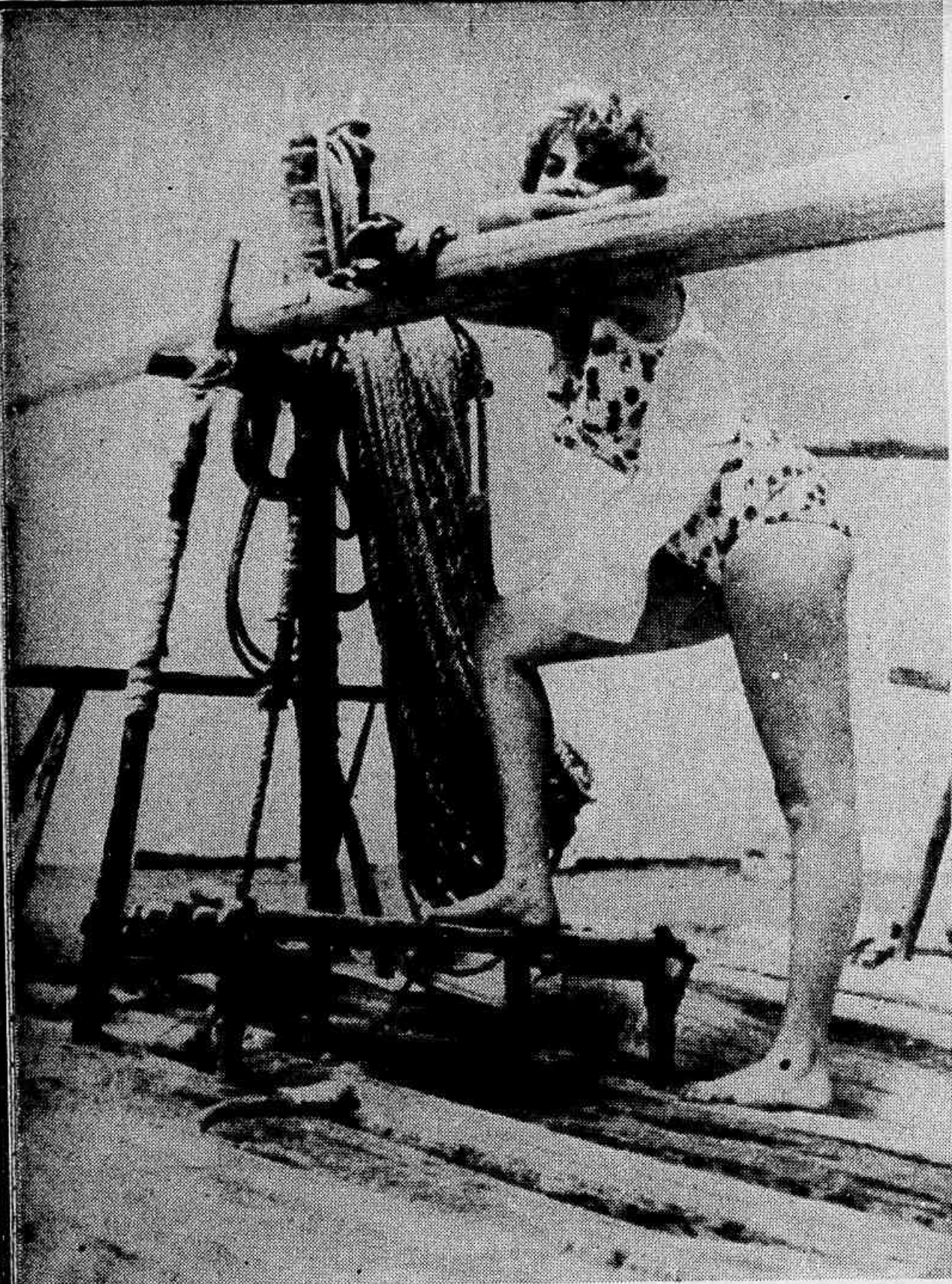
Com quantos paus se faz uma jangada?

Seis. Seis toros, unidos por três ou quatro cavilhas, são o arcabouço desse precário instrumento de trabalho, que vem desde a descoberta da terra.

Pois essa embarcação tósca, que nos legou o aborígene e atravessou quatro séculos de civilização, está ameaçada de

ESTÁ FALTANDO PAU-QUE-BOIA NO NORDESTE





desaparecer do litoral nordestino. Vai pagar o seu tributo ao progresso e converter-se em objeto de museu. Ou de turismo.

DOIS ELEMENTOS

Eis os fatos:

1. Já não há quase pau-que-bóia nas matas ralas do litoral.

2. O nipão jogou a proa dos seus Marus, equipados de radar, sobre os portos do Nordeste.

Entenda-se: pau-que-bóia é a matéria-prima da jangada. É madeira leve (decerto com um nome complicado na classificação de Lineu) e que confere à jangada a fragilidade que é também a sua força. Pode-se fazer piruêta, nela. A onda raivosa pode derrubá-la, que ela resiste. Não vai ao fundo.

E os Marus são êsses navios quase grandalhões, que localizam, à distância, enormes cardumes (e até dizem que os desta área entre o saliente nordestino e a reentrância africana são os maiores do mundo) e os trazem para bordo quase que por um golpe de mágica.

JANGADA É ISTO

E a jangada, está claro, não suporta êste impacto:

A jangada é isto: seis toros e três homens. Ligando os toros, quatro cavilhas. Dois bancos: um à proa, para o

Patrícia Lacerda já aderiu ao jangadismo



proeiro (o nome indica); outro à ré, para o mestre sentar e empunhar a cana do leme.

Quase no meio, puxando para a proa, fica a cruzeta, que se chama aracambuz, nome que cheira a indígena. Serve para descanso do mastro da mezena, para amarrar utensílios (precários) de pesca e a "bóia" do dia: xarque assada, farinha de mandioca num pote, e uma cabaça de água-doce, para matar a sede — pois a jornada se alonga, às vezes, por horas intermináveis, perdendo-se a terra de vista.

Cumbustível não tem. É o vento. Uma vela triangular, entalhada em corda de fio ou embira, faz êsses sete metros flutuarem e correrem.

UM FORTE

Eis a jangada e o jangadeiro. Mais de um dêles já fez a travessia Fortaleza — Rio. Pele tostada ao sol, corpo enxuto de banhas — é, como o sertanejo, "um forte" euclidiano. (Óbvio que não pertencerá ao "tipo neurastênico do litoral").

E tanto é assim que o primeiro cronista da terra, o escrivão da Armada, Pero Vaz de Caminha, naquela carta a El-Rei, escrita numa bizarra algarávia quinhentista, pasmou ante o insólito espetáculo e registrou que "hay moços que sse afoutam em demasias no mar-oceano em sse servindo tam apenas de toros de madeyra".

Outro Pero, o Fernandes Sardinha, 1.º bispo, sofreu na própria carne a experiência de um dia aziago na caça e pesca. Os caetés andavam esfaimados nas praias da Paraíba



Jangada vai virar esporte de gente bem

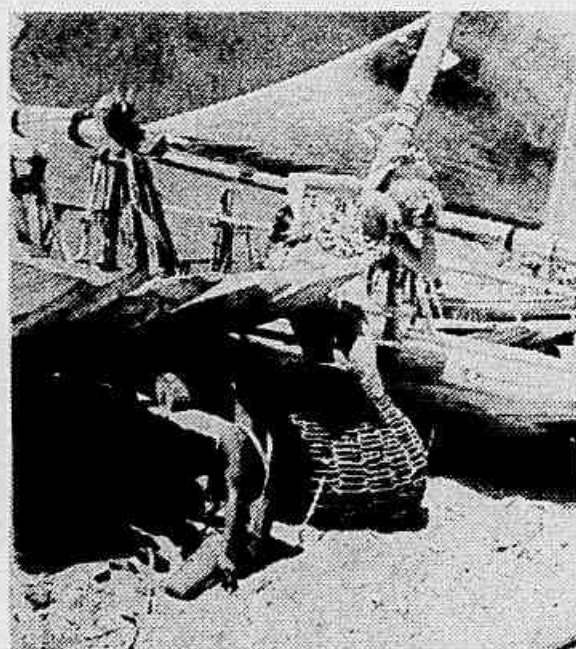
e quando lhes apareceu o eclesiástico com sua luzida comitiva, não tiveram dúvidas: assaram sua eminência na brasa e o meteram no buxo, sem nenhuma cerimônia... canônica.

Quem não esteve pelos autos foi Sua Santidade, o Pontífice Reinante, que excomungou tão vorazes silvícolas até a 25.^a geração; o que, pelo visto, só terminará daqui há mais uns anos.

REAÇÃO

Não se pense, porém, que o jangadeiro dêstes "verdes mares bravios" (Alencar) e das velas pandas (ah! os parnasianos) vão deixar-se morrer tranqüilamente, "como um passarinho" (como diriam os românticos). Não.

Ele reage.



Um toro de madeira, tipo pau-que-bóia, está custando coisa assim de mil cruzeiros. Ou mais. Mas este artesanato rude ainda tem uma chance derradeira de sobreviver ao lado dos enfatuados Marus, que, com sua complicada eletrônica pescam atum de grosso porte e os vendem a preço miúdo. A Cavala-Perna-de-Moça, por exemplo, não anda em cardume. Tem que ser pacientemente fisgada. E é um pitêu que se derrete na boca de todo "gourmet" pernambucano que se preze. Custa um dinheirão.

E mesmo no caso do barco grande, os pescadores nordestinos se preparam para se atualizarem. Eles estão construindo, aqui no Pina (uma praia do Recife) um barco dos grandes — a unha, a muque. Sem estaleiros, sem nada. Um barco capaz de velejar muitas milhas, capaz de levar gelo para conservar o pescado.

Claro: nem todas as Colônias Z, dessas que proliferam no litoral, têm condições financeiras para fazer face a despesas de vulto.

Mas o nordestino é inventivo: adaptou o tipo primitivo de jangada à feição de barco (côncavo, e não horizontal como a jangada), construído de cedro ou pinho. O arcabouço fica diferente. Mas a técnica de pescaria e o material usado são o mesmo. O equipamento clássico é montado no barco de tábuas rejuntadas a pixe.

TURISMO

E resta o forasteiro. Nós, de Pernambuco, não iremos decepçioná-lo. Ele encontrará sempre jangadas nas praias de Olinda a Boa-Viagem. Um grupo de rapazes está empenhado em que o nosso mais típico (como dizer?) não morra, não suma da paisagem, não desapareça do horizonte. Surge, por isso, o "Jangada Clube", com o objetivo de introduzir o jangadismo no desporto náutico brasileiro. Descobriram os jovens que velejar de jangada é emocionante, perigoso, difícil. Leva-se mais de um ano de treino dominical para conseguir certo adestramento e dominar por inteiro a técnica de deslizar sobre ondas cortantes e contornar arrecifes ponteados. A jangada nordestina, típica do Ceará e Alagoas, não morrerá de todo, como não morrerá, na Bahia, o "saveiro" e na Amazônia a "montaria".

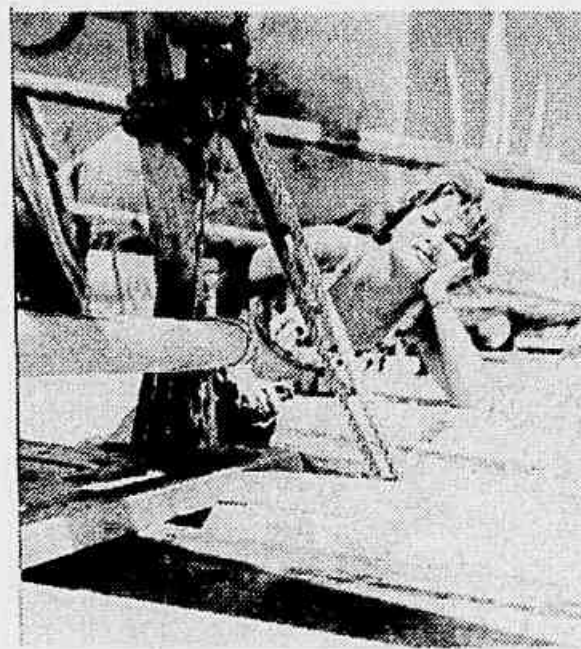
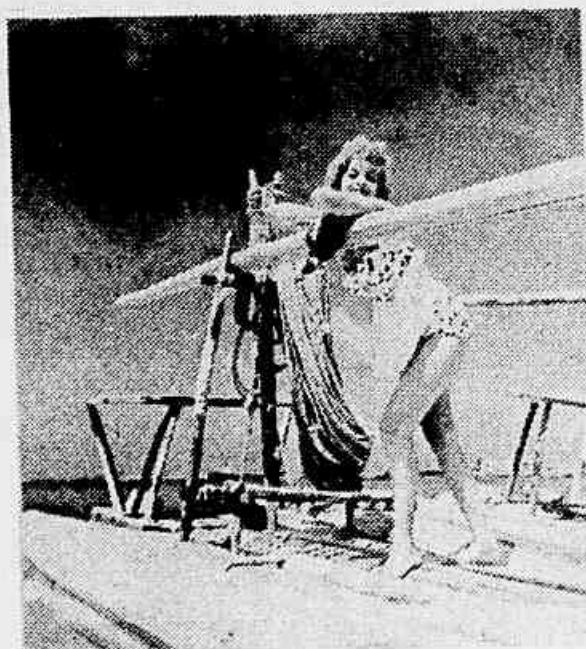
A jangada é nossa.

Quanto ao atum...

POEMA INÉDITO

E ainda sem se lebrar
os homens que a praia habitam
e são de pouco falar;
noturnos como convém
à fúria grave do mar,
que bebem mel de crustáceos
e que vivem do precário
desequilíbrio dos peixes.
Nesse lugar, as mulheres
cultivam brancos silêncios
e nas ausências mais longas
saem do fundo da noite,
pousam os olhos no chão,
tiram a angústia do bolso
e a contemplam na mão.
Só os velhos adormecem,
lembrando o tempo que foi,
vazios como o vazio
e fácil sono de um boi.

CARLOS PENA FILHO



DECLARAÇÃO

O abaixo assinado, MARIO JACI, brasileiro, casado, residente nesta capital, na presença de três testemunhas, vem declarar o seguinte:

Depois de seis anos de minuciosas investigações sobre os chamados "objetos não identificados" (discos voadores) — investigações essas levadas a efeito com o auxílio do Serviço Secreto das Forças Aereas dos Estados Unidos da América do Norte, do Journal of the British Interplanetary Society, de Londres, da British Astronomical Association, da Sociedade Interplanetária da cidade de S. Paulo e S. Bernardo do Campo, da O. A. P. de Osborn; e ainda com a consulta acurada de tôdas as obras nacionais e estrangeiras, publicadas ou inéditas, sobre o assunto, como as de Donald Keyhoe, Desmond Leslie, B. Petruccelli, Dino Kraspedon, Ramatis, Rossi, Stom, A. Neumann, Luciano Carneiro, João Martins, Pietúchok Kak Vach; e tendo levado em conta todos os prós e contras das declarações de todos os indivíduos que, direta ou indiretamente, participaram dos casos referentes aos "discos", como Silas Newton, Frank Scully, Truman Bethrum, Daniel Fry, Pedro Souza, e quase mais um milhar de pessoas, cuja lista de nomes seria por demais extensa para ser publicada; e especialmente tendo se dedicado à tradução e interpretação do texto de caracteres estranhos, deixado cair por "um disco voador de reconhecimento", segundo as próprias palavras de George Adamski, caracteres que o declarante viu pessoalmente e fotografou nos Estados Unidos, — declara estar em condições de esfregar no nariz de todo aquele que considera os que acreditam nos discos voadores "dementes, charlatões, imbecis, charlatães, botocudos, moleques, paranóicos e atrasados", e que talvez seja o diário de bordo, escrito também naquêles caracteres citados, que o declarante já decifrou, por um ser que visitou a Terra recentemente, num disco voador, vindo doutro planeta, diário êste que se encontra em seu poder.

Reconheço
Assinado por Mario Jaci

JOSE DA CUNHA RIBEIRO
TABELIAO
21. Oficio de notas
Tabela Substituto
Escrituras Autorizadas
Escrituras de 1930 1935
Escrituras de 1935 1940
Escrituras de 1940 1945
Escrituras de 1945 1950
Escrituras de 1950 1955
Escrituras de 1955 1960
Escrituras de 1960 1965
Escrituras de 1965 1970
Escrituras de 1970 1975
Escrituras de 1975 1980
Escrituras de 1980 1985
Escrituras de 1985 1990
Escrituras de 1990 1995
Escrituras de 1995 2000
Escrituras de 2000 2005
Escrituras de 2005 2010
Escrituras de 2010 2015
Escrituras de 2015 2020
Escrituras de 2020 2025
Escrituras de 2025 2030
Escrituras de 2030 2035
Escrituras de 2035 2040
Escrituras de 2040 2045
Escrituras de 2045 2050
Escrituras de 2050 2055
Escrituras de 2055 2060
Escrituras de 2060 2065
Escrituras de 2065 2070
Escrituras de 2070 2075
Escrituras de 2075 2080
Escrituras de 2080 2085
Escrituras de 2085 2090
Escrituras de 2090 2095
Escrituras de 2095 2100

Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1958

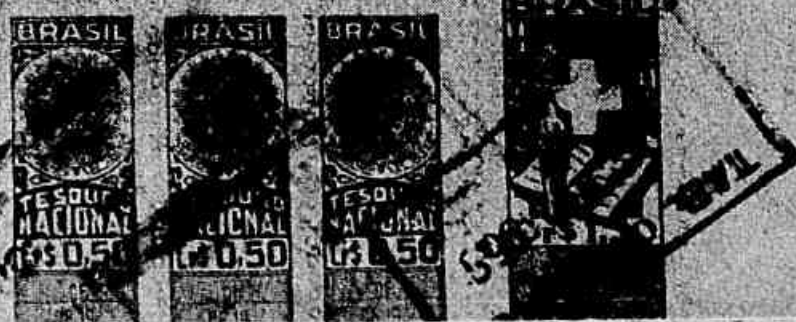
Mario Jaci

223 225

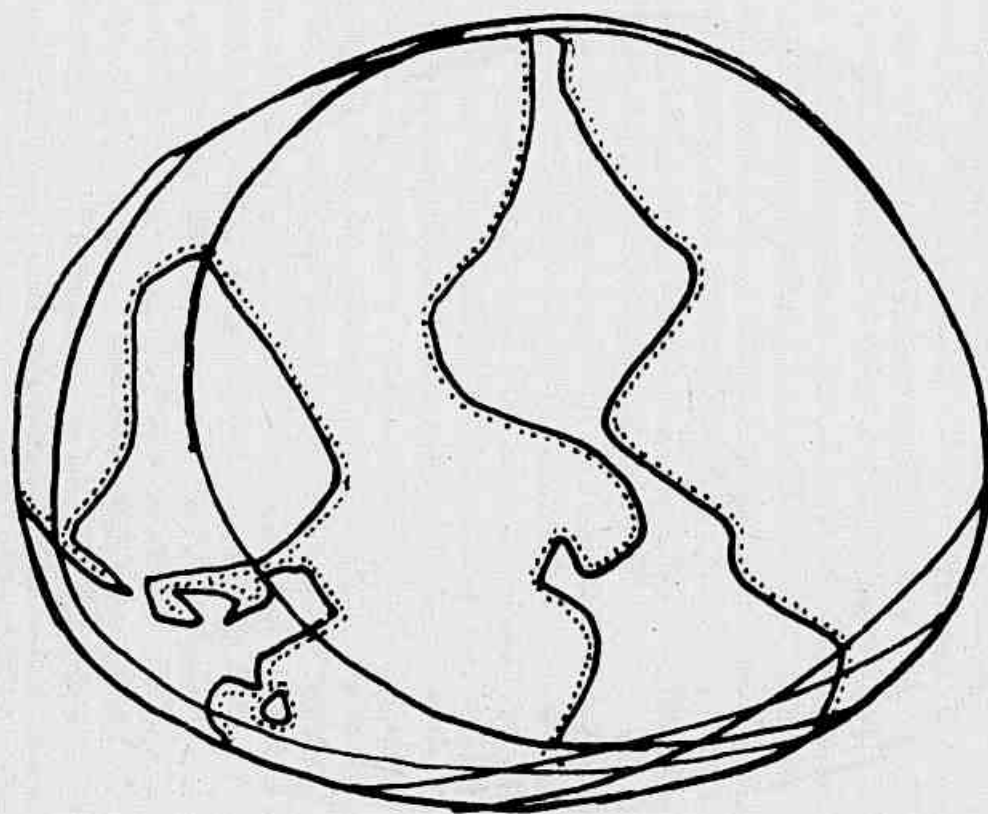
Antes de mim

Walter Vanilber

Reedow Ch...



NA PRIMEIRA PÁGINA
APARECE APENAS
A TERRA NO ESPAÇO



ISTO
TALVEZ SEJA
O DIÁRIO
DE BORDO
DO SER
QUE
VISITOU
RECENTEMENTE
A
TERRA
VINDO
DOUTRO PLANETA
NUM

DISCO VOADOR

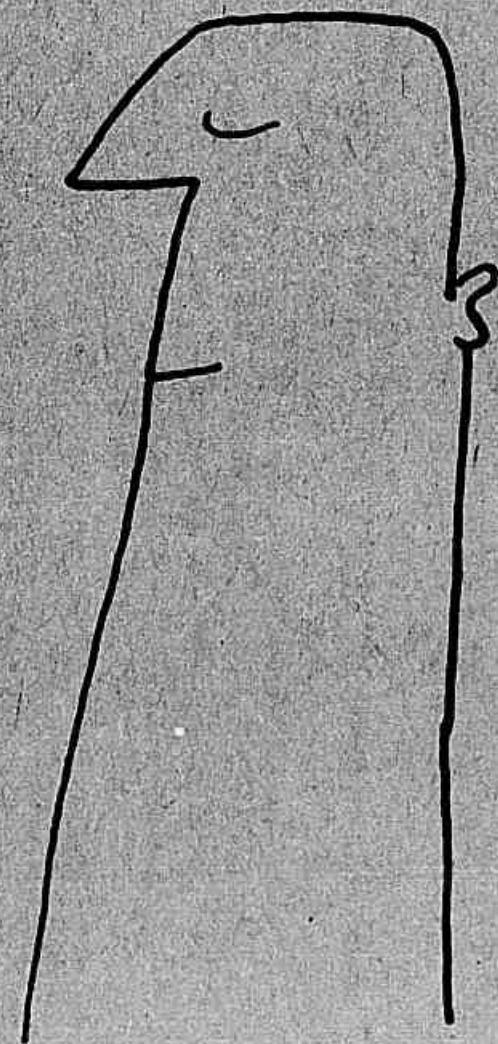
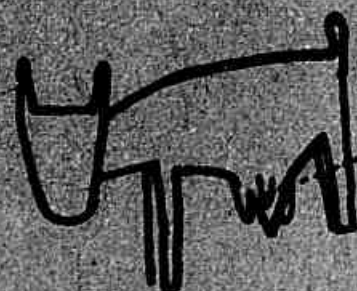
AQUI O SER QUE VEIO DO ESPAÇO DEVE TER
TOMADO ANOTAÇÕES SOBRE NÓS NÃO SEI
POR QUE APARECERAM AQUI UMA VACA
E UMA MINHOC (PARECE UMA MINHOC)

20/1/72

20/1/72 20/1/72 20/1/72

20/1/72

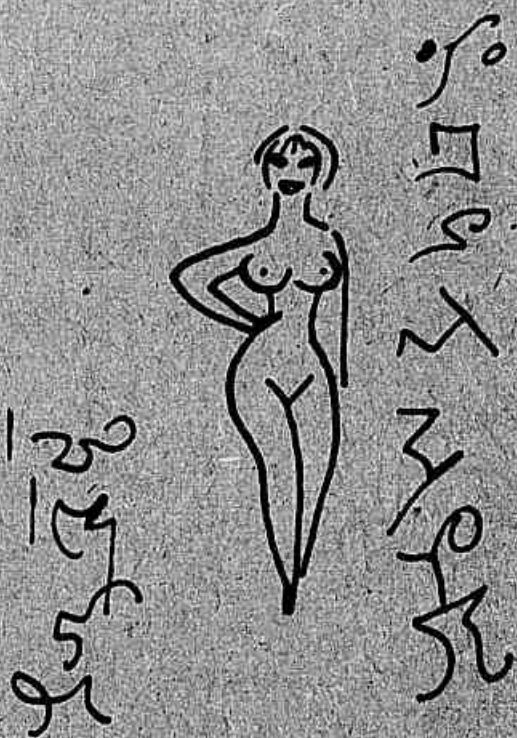
20/1/72 20/1/72



20/1/72

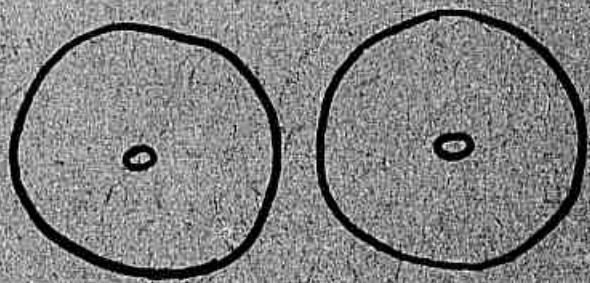
ESTA FIGURA DE MULHER SURGE REPETIDAS
VÊZES NAS PÁGINAS SEGUINTEIS DISTO QUE
DEVE SER O DIÁRIO DO SER QUE VEIO
DO ESPAÇO

PARECE QUE O SER FICOU OBSECADO
COM ALGUMA COISA

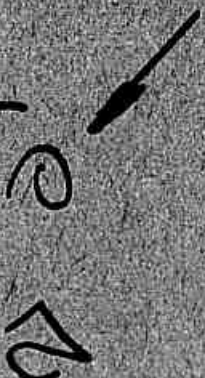
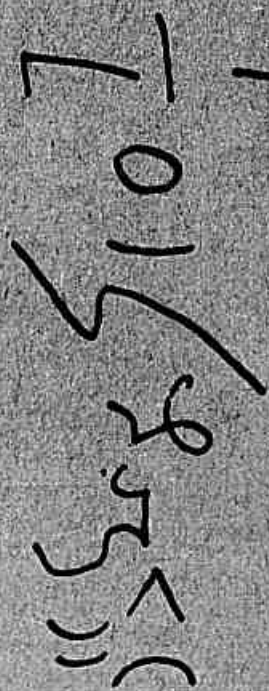
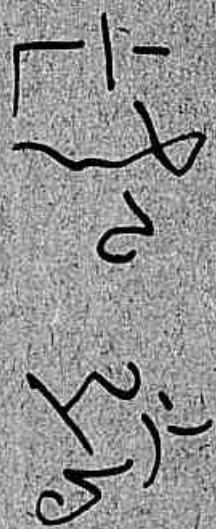


ESTES CROQUIS
ESTAVAM NO
RODAPE

DAS PÁGINAS
5 E 6,
SEMI DESTRUÍDAS



NÃO SEI O SIGNIFICADO
DESTA ANOTAÇÃO QUE
VEIO JUNTO MAS DÁ BEM PARA
ENTENDER O
NÚMERO DOIS

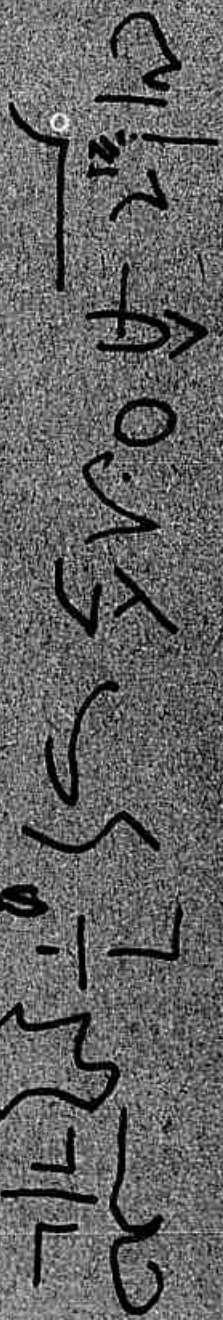
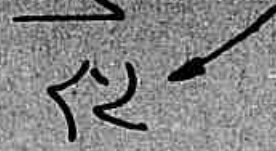


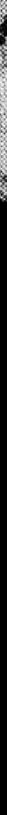
E AS PALAVRAS

LINDOS

E

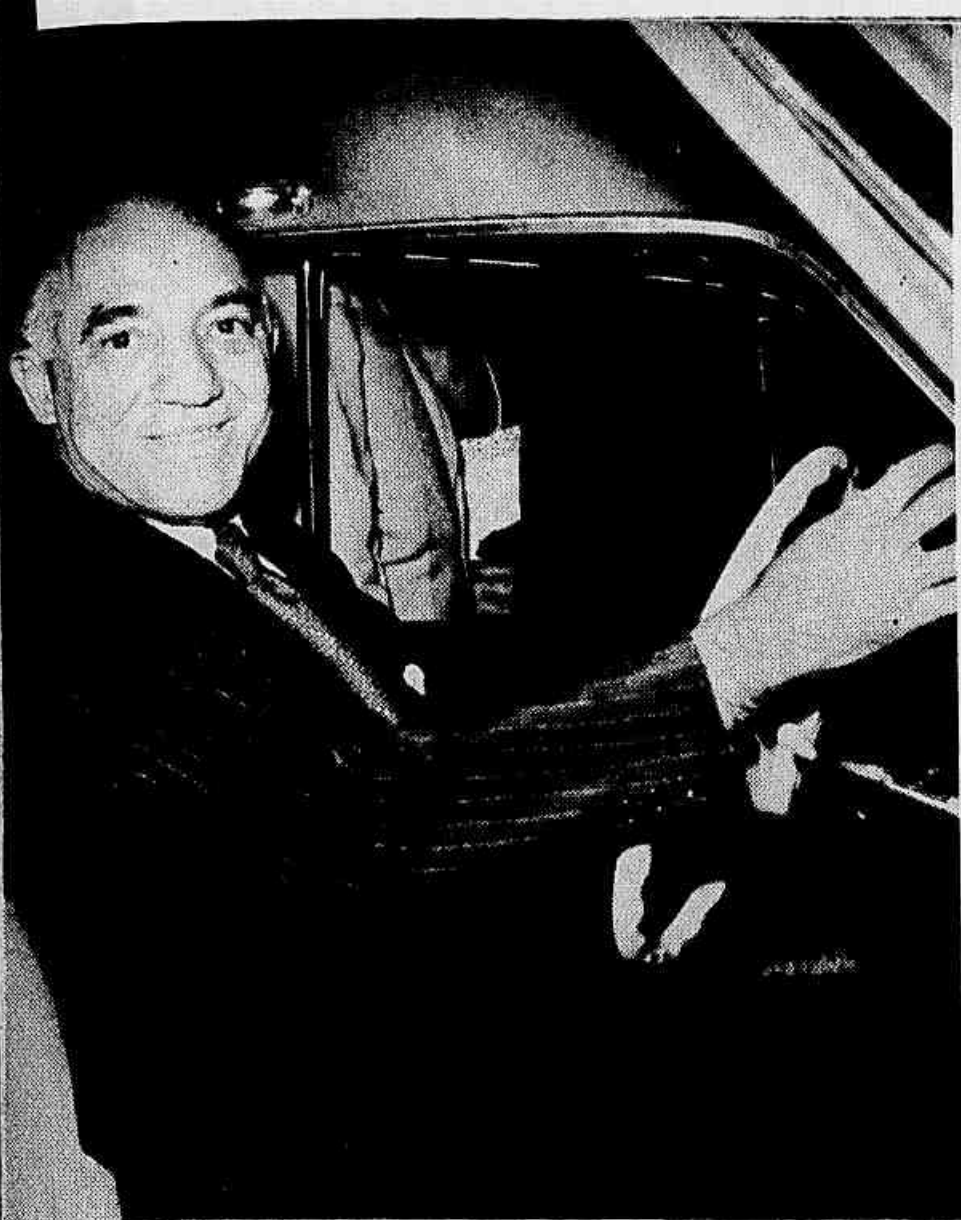
GRANDES





This image shows a blank, aged, cream-colored page, likely an endpaper or flyleaf of a book. The paper has a slightly textured appearance with some minor creases and discoloration, particularly along the right edge where a dark vertical strip is visible. There is no text or other markings on the page.





Ministro Lúcio Meira prova o carro que ganhou de presente e que ficará a serviço do G.E.I.A.

"UM DOS MOTIVOS de orgulho do meu governo é o fato de as metas automobilísticas estarem andando conforme o previsto" — disse o sr. Juscelino Kubitschek saudando o primeiro carro de passeio nacional.

O carro: DKW-Vemag, de quatro portas, chamado "Sedan-Turismo", o primeiro automóvel de passageiros construído industrialmente na América Latina.

Outros carros também lançados pela VEMAG: o furgão e o jipe.

Em 1960 os três tipos já serão fabricados totalmente no Brasil (peças e tudo).

O motor do automóvel é de três cilindros, tendo sido aperfeiçoado na Alemanha, em anos de experiências. Tem ciclo de dois tempos. A distribuição do impulso é repartida de tal modo que garante absoluta suavidade da marcha. A lubrificação é feita por dissolução do carburante, solução boa porque a quantidade de lubrificante admitida dentro dos cilindros é diretamente proporcional à quantidade de gasolina consumida.

Os freios são possantes e não requerem esforço exagerado por parte do motorista, em casos de emergência.

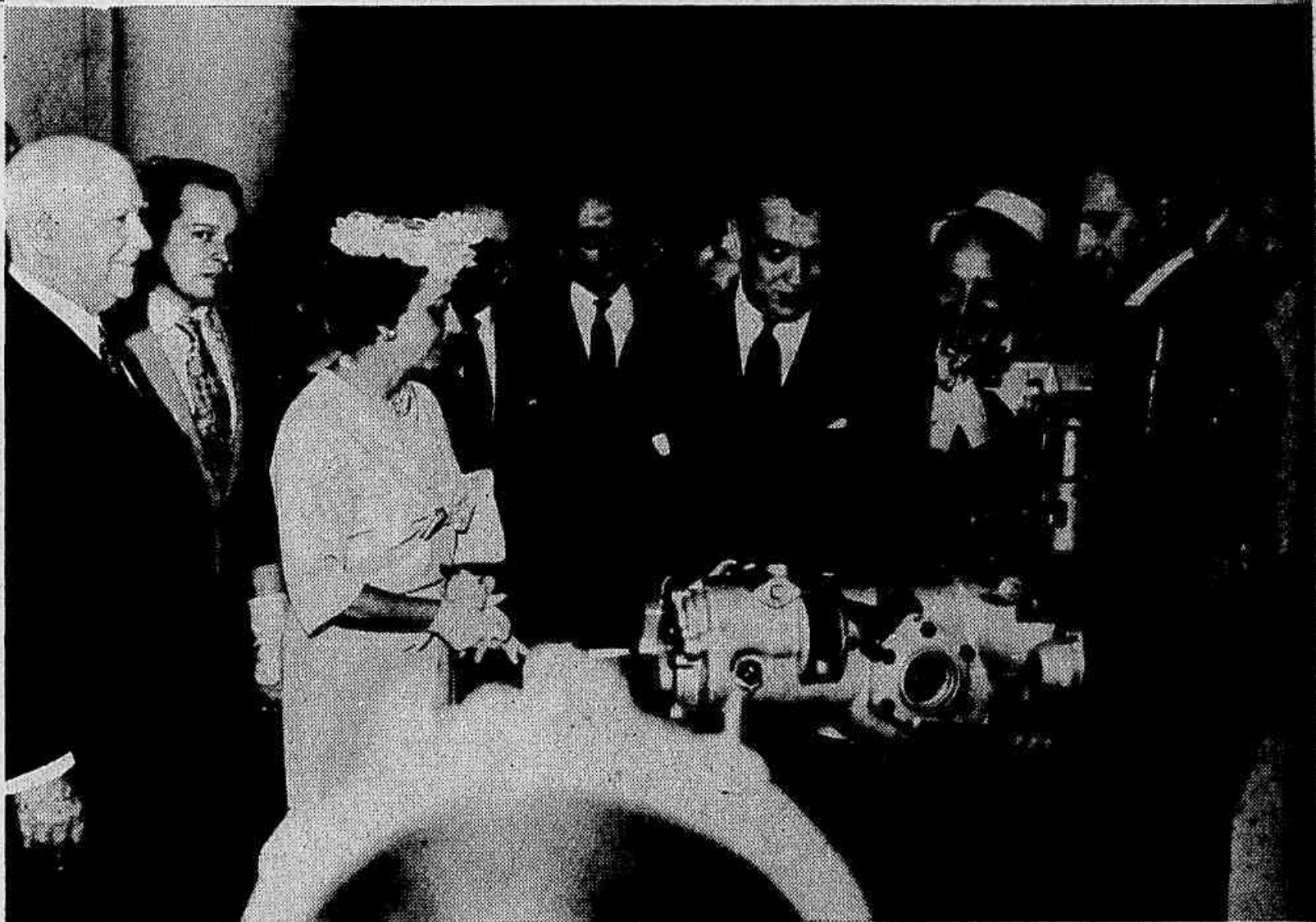
A direção é de grande precisão e dá impressão de grande segurança a quem dirige. A tração dianteira facilita a travessia dos trechos lamacentos.

O presidente da República, o ministro da Viação e muitas outras pessoas estiveram no lançamento dos carros, que aconteceu no Copacabana Palace, com festas.

O sr. Juscelino Kubitschek ganhou um carro, o sr. Lúcio Meira ganhou outro e dona Sara Kubitschek também ganhou o seu — mas para as Pioneiras Sociais.

Em São Paulo aconteceu um desfile dos automóveis, furgões e jipes lançados pela VEMAG.

PRIMEIRO AUTOMÓVEL NACIONAL



Presidente, dona Sara, ministro Lúcio Meira e outros convidados examinam o motor do automóvel. Em baixo: desfile de automóveis lançados pela VEMAG.





Lady Maxwell informa



JAYNE MANSFIELD usa ouro líquido na caneta tinteiro.

A IDÉIA não é original. O ex-rei Farouk, do Egito, já foi acusado de fazer isso. Ele, seu filho Fuad e suas filhas, Ferial, Fawzia e Fadiyah acabam de perder a nacionalidade egípcia. 54 outras pessoas da família Farouk sofreram o mesmo.

EVA BARTOCK (R.S. 6) está no castelo do marquês de Milford-Haven, na Ilha de Wright, esperando a confirmação (inglês) do divórcio (mexicano) do marquês. Trudy Simpson não exigiu pensão, mas fez questão de manter o (financeiramente) importante título de marquesa.

HÁ UMA grande briga nos "Diários Associados": chocam-se no momento os srs. João Calmon e Edmundo Monteiro. O primeiro quer tornar-se sócio proprietário da empresa e o segundo não deixa.

O SR. JOÃO Calmon abriu uma outra frente de luta, quando se desentendeu com o sr. Fernando Chateaubriand, filho do embaixador Assis. O rapaz foi desterrado para Recife, a fim de dirigir os "D.A." no norte. Mas de lá passou um telegrama bem desaforado ao sr. Calmon.

ADALGISA COLOMBO está causando ciúme no Canadá pela sua bossa nova durante os desfiles. Enquanto Helga, Vânia, Geórgia, ainda usam cadências vagarosas, "La Colombo" empina o queixo, dá brusca virada com o rosto e sai em frente, leve como uma garça.

NO "ARPEGE", em determinadas noites, podem ser encontrados numerosos deputados. Às vezes, sua pista fica mais repleta do que o plenário da Câmara.

A MOTION PICTURES cometeu uma indiscrição e está sendo processada por Sophia Loren. A M.P. disse que Sophia "usa maquiagem da cintura para cima".

DEPOIS QUE recebeu o Palácio Alvorada para decorar, Maria Celina Simon está procuradíssima.

SORAYA RECEBEU nos Estados Unidos um enorme buquê de rosas vermelhas, através da embaixada do Irã. Foi dito que vinham do Xá. Não. Vinham do pai de Soraya, que é embaixador.

SACHA VAI comemorar, com jantar "black-tie" os seus dez anos de brasileiro.

PARA A CARREIRA de Lana Turner, segundo seu publicista, "ruim foi que se soubesse, com tanto espalhato, que ela já tem uma filha mulher".

BETINA CONTINUA esperando que Ali Khan esqueça Kim Novak. Seu último flerte é Katherine Bellotsky, sua

professora de russo. Dizem que ela é muito parecida com Kim Novak...

UM MOÇO paulista anunciou o noivado de "um dos mais moços milionários do Brasil", o sr. Walter Moreira Sales Filho. O senhor em questão tem dois anos.

REPERCUTIU MUITO mal a decisão do juiz Darcy Lopes Ribeiro mandando entregar a cadelinha Karen (RS, n. 18) à sra. Alberto Pasqualini (senador).

O ARQUITETO HUNGRIA Machado foi convidado pelos senhores Lúcio Costa e Oscar Niemeyer para fazer planos sobre um Núcleo Operário Industrial a ser erguido próximo a Brasília. Será o que eles chamam de "cidade regional".

UM DOS PONTOS mais "bem" de Copacabana é a Galeria Géa, do meu amigo Jacinto de Thormes. Aliás, o Maneco gosta de ficar na Géa de manga de camisa e fumando o seu cachimbo: "Em Copa", ele diz, "a gente pode usar saias curtas". O que Maneco não dispensa diariamente: sair de casa às 15 horas para comprar os vespertinos, especialmente o jornal em que escreve.

O REPÓRTER JOSÉ Guilherme Mendes, atualmente funcionando no escritório da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, recebeu três convites para voltar à imprensa: um do sr. Samuel Wainer ("Última Hora"), outro do sr. Roberto Marinho ("O Globo") e um terceiro do sr. Paulo Vial Corrêa ("O Jornal"). O repórter diz que vai "estudar as propostas". José Guilherme, por sinal, está muito impressionado com o bandido "Cabeleira" e diz que "êste é um assunto jornalístico que gostaria de fazer".

O SR. HERON Domingues, o "Repórter Esso" do Rio, está internado no Hospital dos Servidores do Estado para exames clínicos. Seus médicos (e nem ele mesmo sabe) ainda não descobriram o seu verdadeiro mal. Mas Heron já prometeu aos fãs uma "breve volta".

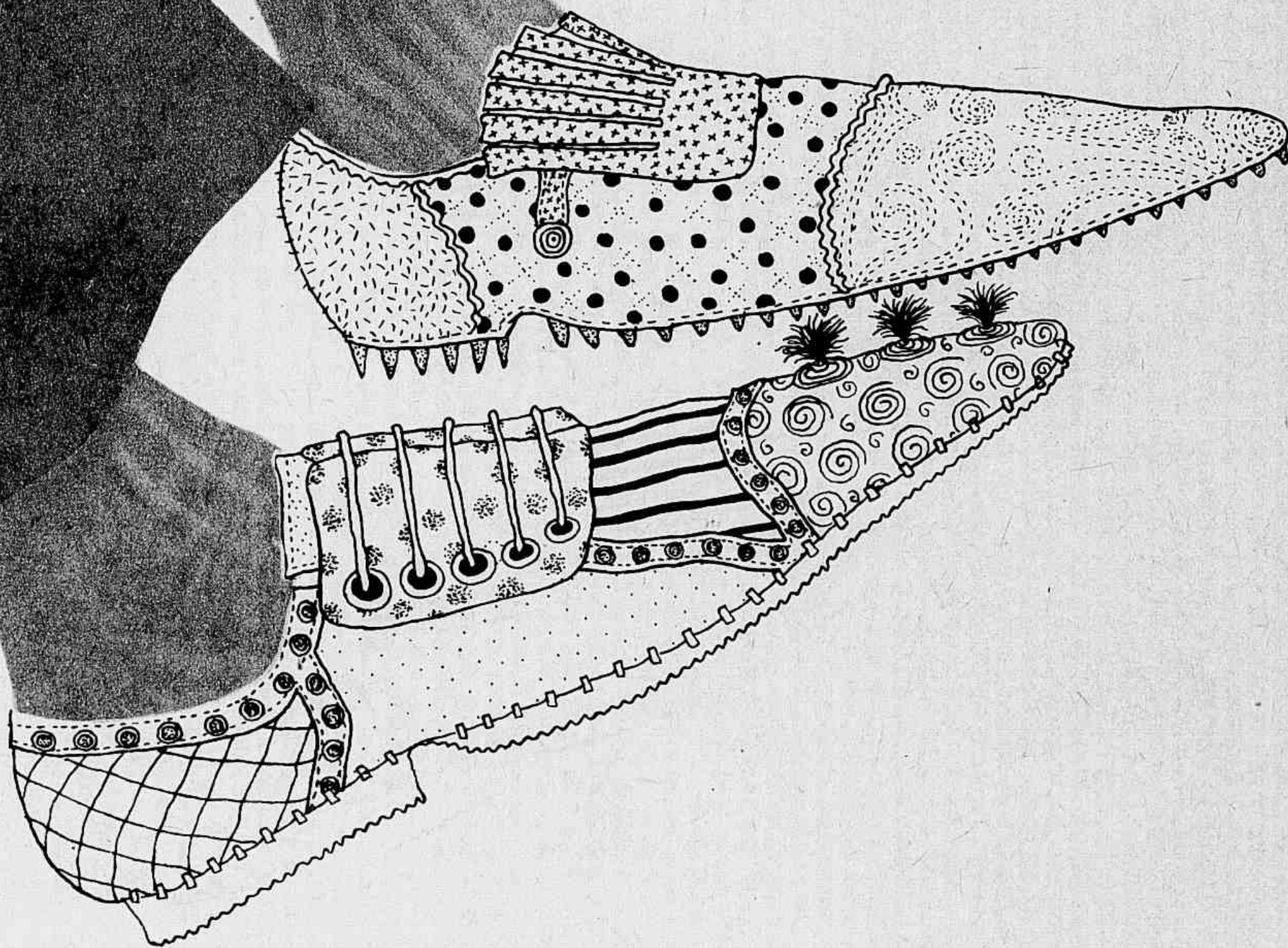
O SR. CARLOS Eduardo de Souza Campos, o "Didu" dos "10 mais", pretende abolir o chapéu na rua nos dias de trabalho. Só conservará o cravo na lapela.

MEU AMIGO Ibrahim Sued voltou entusiasmado da viagem de lua-de-mel pela Europa. E disse que o Papa Pio XII "é um sujeito simpático, inteligente e tem ótima pronúncia falando português".

FIQUEI SATISFEITA quando soube que o repórter Antônio Rocha ganhou o segundo lugar no concurso de contos esportivos de um vespertino. Ele é um jovem inteligente, trabalhador, competente e honesto na profissão, que só merece vencer na vida. Soube, aliás, que ele vai casar breve.

SAPATOS

brand*



XVI — ANUNCIOS QUE NAO EXISTEM

brandas



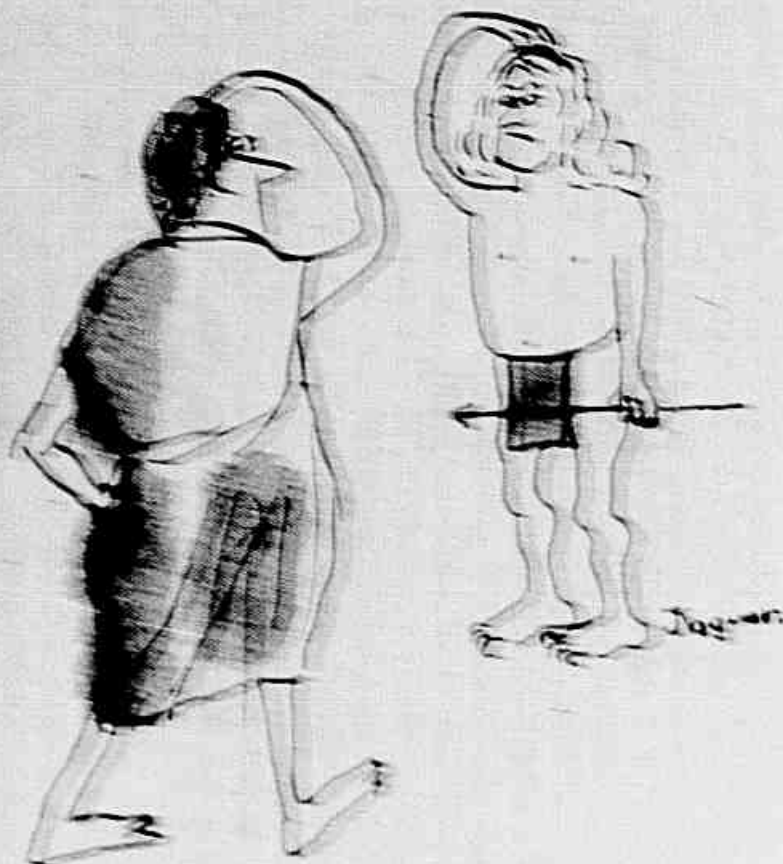
FEITOS A MAO

MODELOS EXCLUSIVOS

RIQUEZA DE DETALHES



CÂMERA LENTA



INDIOS LOUROS

OS JORNAIS noticiaram que o sr. Flávio de Carvalho vai internar-se nas matas do Amazonas para filmar índios louros e de olhos azuis que acredita existam naquela região. Este Flávio Carvalho é o mesmo que tentou revolucionar a moda masculina passeando nas ruas de São Paulo com um traje exótico, feito de nylon, de saias curtas e meias compridas. Flávio foi um dos organizadores do Teatro de Experiência, em São Paulo, como parte do Movimento de Arte Moderna.

O teatro estreou com a peça de Osvald de Andrade "O Homem e o Cavalo" e tinha como finalidade medir a tolerância da platéia, que tolerou tudo, quem não tolerou foi a polícia, que proibiu a continuação da experiência.

Na representação tomava parte a cozinheira de Osvald de Andrade, que usava uma máscara e dizia com toda ênfase o nome científico de uma das partes do corpo humano que não se deve mencionar em público. A cozinheira fazia a sua ponta com todo o entusiasmo, até que alguém revelou o significado da palavra e daí em diante, por mais que lhe explicassem que estava de máscara e ninguém sabia quem ela era, não conseguiram que continuasse a representar.

A Experiência n.º 2 de Flávio de Carvalho, publicada em livro com este título foi permanecer de chapéu na cabeça assistindo o desfile de uma procissão. Terminou correndo e abrigando-se num botiquim, de onde saiu protegido pela polícia, enquanto a procissão terminou assim: todos os participantes em perseguição ao homem de chapéu na cabeça.

CABELEIRA E S.A.M.

A prisão acidentada de Cabeleira veio mostrar mais uma vez a escola de crime que é o SAM. A este respeito o dr. Meiton de Alencar, que durante muitos anos dirigiu este serviço, contava que a primeira vez que visitou o Presídio levou um susto ao ver-se chamado de todos os lados. Não houve uma galeria que entrasse onde deixasse de ouvir seu nome gritado.

A maioria dos hóspedes do Presídio era constituída de seus ex-hóspedes do SAM, eram meninos com os quais o Estado gastara fortunas e que passavam do SAM para a prisão com ligeiras estações pelos distritos policiais.

O apelido de "Cabeleira" é lendário no crime. Houve o celebre "Cabeleira" no Norte, sobre a vida de quem José Lins do Régio chegou a iniciar uma peça de teatro que deveria ser levada à cena pela Companhia de Alvaro e Eugénia Moreyra.

ERRO DE REVISÃO

Na Câmara Lenta da semana passada saiu publicado que Carmem Miranda foi lançada por um violinista em vez de violonista. Aqui fica a correção e já que

corrigi aproveito para dar o seu nome Luperce Teixeira.

Luperce foi professor de violão e num momento de apêto numa excursão foi obrigado a se fazer de enterrado vivo e lançou no rádio a maior intérprete que a música popular brasileira já produziu, a garota portuguesa Carmem Miranda. Gardel, o maior intérprete de tango era (fiquem sabendo) francês.

DESENHOS DE PORTINARI

A exposição de Portinari e a publicação do livro de seus desenhos em Israel, lembrou-me que Portinari não vende os seus desenhos, guardando-os para constituírem um patrimônio para o seu filho!

GILBERTO FREYRE EM ITALIANO

Pouca gente sabe que o livro de Gilberto Freyre "Casa Grande e Senzala" foi publicado em italiano, numa edição organizada pelo Itamarati. Desta publicação consegui ver um exemplar, por acaso, em mãos de um amigo, mas por mais esforços que tenha feito não consegui saber de como adquirir o livro, nem se ele, por acaso, foi distribuído na Itália. Agora que se fala na vinda do presidente Gronchi é oportuno falar sobre o assunto.

VILA-LÔBOS E O CAFÉ

O maestro Vila-Lôbos, que está morando nos Estados Unidos, onde é tratado com carinho, só toma café na sua casa feito por sua mulher e quando é convidado se o café servido não lhe agrada diz francamente para os donos da casa: "Vou tomar café quando chegar em casa porque este não está bom".



Marque um encontro
com os fatos da semana
lendo o **NOVO**

mundo
ILUSTRADO

O Brasil e o Mundo
estão semanalmente presentes nas
páginas do "Mundo Ilustrado"
através o depoimento de uma grande
equipe de reporteres nacionais e
estrangeiros.

Todo impresso em rotogravura. Maravilhosas páginas em cores.

Os melhores cronistas. Colaboradores selecionados.

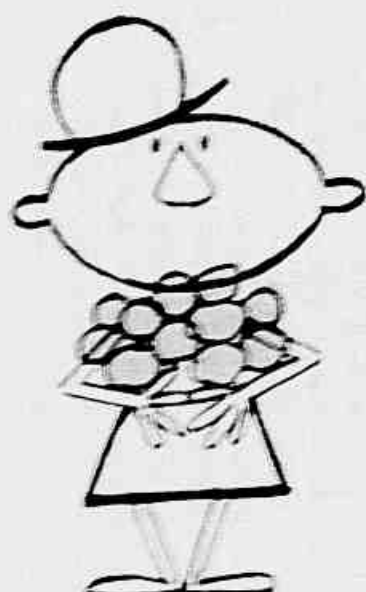
assim é o novo mundo ilustrado

Organização do

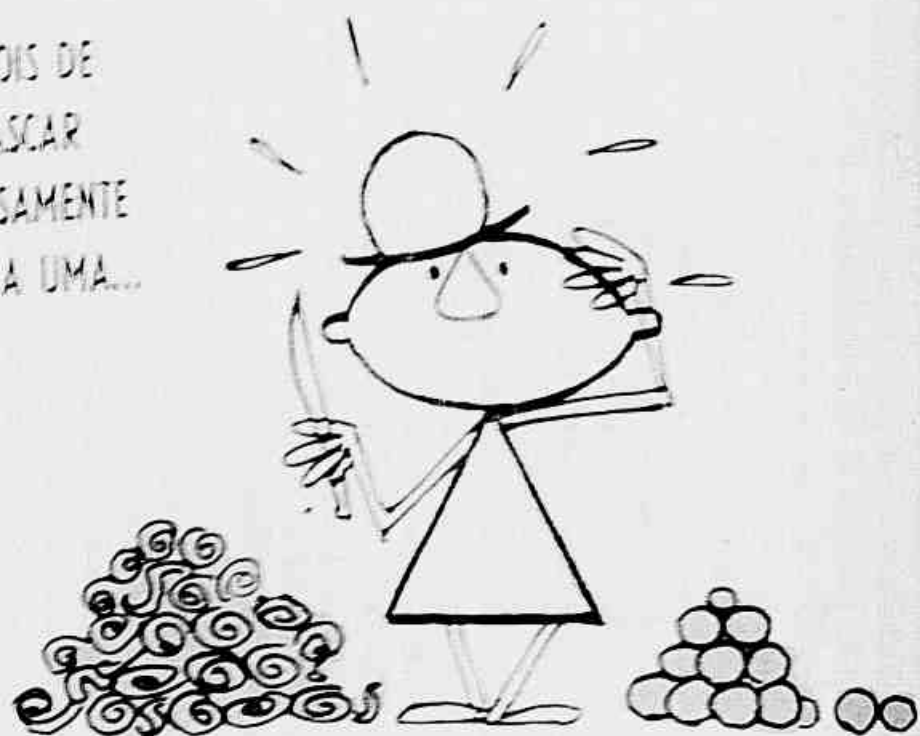
Diário de Notícias

O SR.
PODE...

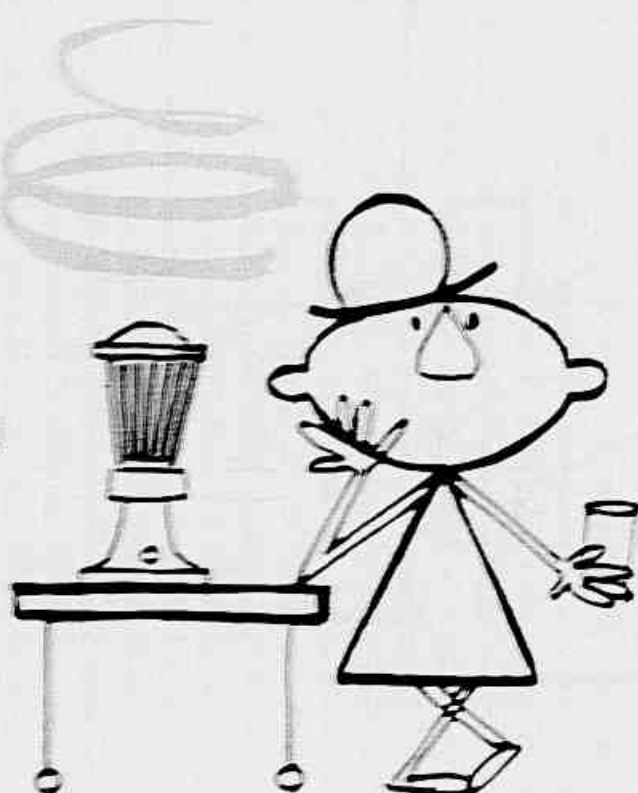
COMPRAR
UMA PORÇÃO
DE LARANJAS
DA MELHOR
QUALIDADE...



... E DEPOIS DE
AS DESCASCAR
CUIDADOSAMENTE
— UMA A UMA...



... JOGA-LAS DENTRO DO
LIQUIDIFICADOR...
E ESPERAR...
... ESPERAR ...



É MAIS RÁPIDO
MAIS PRÁTICO
E MAIS BARATO...

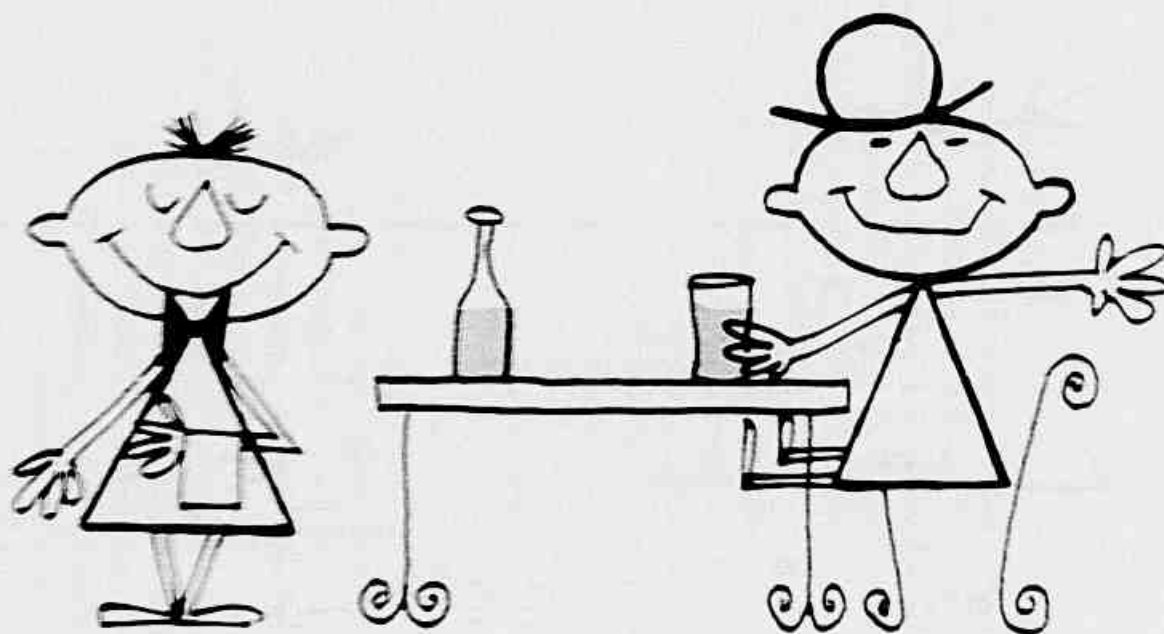
PEDIR
BEBER
E SABOREAR:

... MAS ...



UMA GARRAFINHA DE LARANGINA!

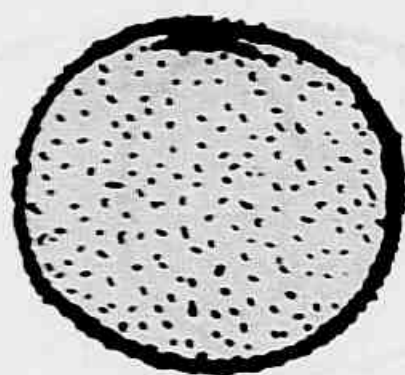
PROVE TER
BOM-GOSTO
PEDINDO
LARANGINA...



... PORQUE
LARANGINA...
TEM
BOM-GOSTO!

LARANJADA

LARANGINA



LARANJADA

LARANGINA